



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**A SÉTIMA CIDADE: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS
DOS PRIMEIROS MORADORES DO CONJUNTO
HABITACIONAL PREFEITO JOSÉ WALTER**

MARISE MAGALHÃES OLÍMPIO

**FORTALEZA/CE
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**A SÉTIMA CIDADE: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DOS
PRIMEIROS MORADORES DO CONJUNTO HABITACIONAL
PREFEITO JOSÉ WALTER**

MARISE MAGALHÃES OLÍMPIO

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do Grau de Mestre em História Social à Comissão Julgadora da Universidade Federal do Ceará, sob orientação da **Profa. Dra. Kênia Sousa Rios.**

**FORTALEZA/CE
2011**

-
- O30s Olímpio, Marise Magalhães
A Sétima cidade: trajetórias e experiências dos primeiros moradores do Conjunto Habitacional Prefeito José Walter. – Fortaleza, 2011.
162f.
Orientador: Profa. Dra. Kênia Sousa Rios.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza, 2011.

1. Habitação 2. Migrações 3. Ditadura Militar I. Título

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**A SÉTIMA CIDADE: TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DOS
PRIMEIROS MORADORES DO CONJUNTO HABITACIONAL
PREFEITO JOSÉ WALTER**

MARISE MAGALHÃES OLÍMPIO

Esta Dissertação foi julgada e aprovada, em sua forma final, no dia 29 de setembro de 2011, pela Orientadora e Membros da Banca Examinadora, composta pelas Professoras:

Profa. Dra. Kênia Sousa Rios/UFC (Orientadora)

Profa. Dra. Maria Sulamita de Almeida Vieira/UFC

Profa. Dra. Telma Bessa Sales/UVA-CE

A cultura oscila mais essencialmente entre duas formas, das quais uma sempre faz com que se esqueça da outra. De um lado, ela é aquilo que “permanece”; do outro, aquilo que se inventa. (Michel de Certeau)

Aos meus pais, pela força, perseverança e coragem de enfrentar mudanças.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto da interação com muitas pessoas. Início agradecendo a todos que sabem que de alguma maneira contribuíram para a composição deste trabalho, seja com palavras de incentivo, com indicações de leituras ou, ainda, com simples gestos que transmitiam confiança.

Agradeço a todos os professores da graduação e pós-graduação, especialmente a Régis Lopes, Eurípedes Funes, Frederico de Castro Neves, Antônio Luiz de Macêdo, Kênia Rios, Telma Bessa, Franck Ribard, Afonsina Moreira e Edilene Tolêdo, por me inspirarem a desempenhar cada vez melhor o ofício de historiadora.

À minha orientadora, Kênia Rios, agradeço especialmente, pelo apoio e motivação desde a graduação, pelo incentivo à pesquisa, pelas indicações de leitura e escrita e por todo o conhecimento repartido.

Agradeço, particularmente, a Telma Bessa, professora na graduação e coordenadora do grupo de estudo sobre “História Oral”, pelo aprendizado, por todas as palavras de encorajamento e pelos momentos compartilhados.

Aos meus colegas de mestrado, Alexandre, Sandra Nancy, Dércio, Sérgio, Dhenis, Bruno, Anna Carmem e Paulo César, por termos compartilhado juntos essa nova experiência. Agradeço ainda ao Ítalo Bezerra, pelo seu bom humor e disposição de sempre; ao Ruben Maciel pelas palavras de incentivo para conclusão deste trabalho e de motivação para delinear novas metas; à Juliana Linhares e à Priscilla Queiroz, amigas queridas, companheiras não só de discussões calorosas sobre a história como de discussões sobre a vida, agradeço pela amizade, presteza, dedicação e por serem capazes de tornar qualquer ambiente uma festa. A todos, minha admiração!

Agradeço aos meus colegas de graduação, especialmente a Priscylla, Andréa, Sabrina, Vanessa, Bárbara, Camila Gildo, Aline Silva, Aline Medeiros, Kleiton, Jorge, Jofre, Rones, Cícera, Ricarte, Elilair e Antino, por terem tornado o aprendizado em história ainda mais prazeroso. Agradeço, especialmente, a minha “panela”: Gabriel Parente, Renata Felipe e Camila Imaculada. Sou muito grata por tê-los encontrado, vocês são responsáveis pela profissional que me tornei, bem como, por este trabalho. Meu muito-obrigado por fazerem parte da minha vida. À Renata agradeço ainda por todos os momentos compartilhados, alegres ou tristes,

pelo apoio e amizade. À Camila agradeço por ser dona de toda a compreensão do mundo, por ser minha amiga e ouvinte admirável.

Aos colegas de trabalho do Museu do Ceará, especialmente a Ana Amélia, Paulo César, Cristina, Vanessa, Alysson, Gesner, Josiane, Bárbara e Roberto, também colegas de profissão, que se tornaram pessoas muito queridas e deram apoio para que eu ingressasse no mestrado. A Bárbara Eliza, agradeço ainda, pela presença, alegria e gentileza de sempre, e a Roberto Sabino por ter se tornado um amigo valioso com o qual sei que posso contar.

Agradeço a Alênio Carlos, que desde cedo depositou em mim confiança no desempenho da profissão enquanto pesquisadora. Obrigada pelo incentivo durante a escrita e pelos conselhos profissionais.

Aos amigos e amigas, especialmente a Rosiane, Charliane e Virgínia, amigas de longa data, que muito me incentivaram e me acompanharam em toda a minha trajetória.

Agradeço aos meus familiares por serem meu porto seguro. Especialmente à minha avó, Aurelina (*in memoriam*), às minhas primas, Marília, Cecília, Natália, Priscila, Marcela, Leideana, Luciana, Ailka e Tatiana, ao primo Renê, às minhas tias, Vera, Tereza, Diana Holanda, “Fatinha”, Diana, Fátima (*in memoriam*), Lúcia, Maria, Mércia, Melânia, Mertisa e Milena, e aos meus tios, Antônio e Francisco, por serem tudo o que representa a palavra família. À Natália, agradeço ainda pela ajuda na tradução do “Resumo” e pelas palavras de incentivo.

Ao Rogério, por todo amor, carinho, companheirismo, dedicação, apoio e paciência, que nesses últimos meses lhe foi muito exigida. Obrigada por ter estado ao meu lado.

Agradeço ao meu irmão amado, Luiz Carlos, por ter me ajudado na edição das imagens, pela compreensão e por me dar cada vez mais orgulho de ser sua irmã.

À Valdenora, pessoa fundamental na minha vida e que, onde estiver, está me dando força para seguir meu caminho. Obrigada por ter deixado lembranças tão maravilhosas. Saudades incomensuráveis!

Agradeço aos meus pais adorados, Carlos Iberê e Assunção de Maria, por tudo que me ensinaram, por todo amor, compreensão, ajuda e incentivo. Os senhores têm toda minha admiração por serem exemplo de família, coragem e

honestidade. Muito obrigada por serem meus pais! Sem vocês nada disso seria possível.

Gostaria de agradecer a disponibilidade da Profa. Dra. Maria Sulamita de Almeida Vieira e da Profa. Dra. Telma Bessa Sales por terem aceitado o convite para compor a banca examinadora. Desde já fico grata pelas considerações proferidas. Agradeço também à banca de qualificação, composta pelo Prof. Dr. Antônio Luiz de Macedo e Silva Filho e pelo Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá, pelas observações e indicações de leitura que foram de grande valia para a composição final deste trabalho.

Agradeço ainda aos funcionários da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, do Arquivo Público do Ceará, da Secretaria de Infraestrutura de Fortaleza, da Biblioteca Maria Olímpia Xavier, do CEPIMAR, do Banco de Dados do Jornal O Povo, do IBGE, a todos que me receberam tão bem e contribuíram para a feitura deste trabalho.

Meu muito-obrigado aos moradores do José Walter, que abriram as portas da memória e compartilharam suas histórias. São eles: Sra. Aurelina, Sr. Betinho, Sr. Carlos, Sra. Clarisse, Sra. Dalva, Sra. Dinah, Sra. Francisca, Sra. Francisca Maria, Sra. Hilda, Sra. Lenita, Sra. Jersoniza, Sra. Lucimar, Sr. Medeiros, Sr. Miguel, Sra. Maria, Sra. Margarida, Sra. Marlene, Sra. Fátima, Sr. Victor e Sr. Wilkens. A todos vocês, minha admiração e agradecimento.

Agradeço a CAPES, pelo financiamento da pesquisa, tornando seus objetivos mais fáceis de serem alcançados.

RESUMO

Na segunda metade do século XX, Fortaleza, assim como as outras capitais do Brasil, apresentou um rápido crescimento demográfico ocasionado pela aceleração das migrações campo-cidade. Este, por sua vez, veio a agravar o problema de déficit habitacional no país, motivando a construção de grandes conjuntos habitacionais espacialmente planejados, dentre eles o Conjunto Habitacional Prefeito José Walter. Nosso objetivo é observar como se dava a interação entre a cultura dos moradores e o novo espaço de morada. Nosso diálogo estendeu-se a sociólogos, geógrafos e antropólogos na tentativa de compreender melhor o Conjunto como um espaço de tensão entre o planejado e o vivido. Como fontes, utilizamos tanto as orais, oriundas de entrevistas com os primeiros moradores, quanto as escritas, sobretudo jornais, procurando realizar um cruzamento entre elas respeitando suas respectivas metodologias. Dentre outros documentos, demos destaque àqueles produzidos pelas entidades à frente deste processo: o Banco Nacional da Habitação e a Companhia de Habitação do Ceará.

PALAVRAS-CHAVES: Habitação, Migrações, Ditadura Militar.

RESUMÉ

Dans la seconde moitié du XXe siècle, Fortaleza, ainsi comme les autres capitales du Brésil, a présenté une rapide croissance démographique causée par l'accélération de la migration rurale-urbaine. Ceci, à son tour, venu en aggraver le problème de la pénurie de logements dans le pays, suscitant la construction de grands ensembles spatialement planifiées, parmi eux le Logement Maire Joseph Walter. Notre objectif est de noter comment était l'interaction entre la culture des habitants et le nouvel espace d'adressage. Notre dialogue a été étendu à des sociologues, des géographes et des anthropologues dans une tentative pour mieux comprendre la façon de définir un espace de tension entre le planifié et le vécu. Comme sources, nous avons utilisé des sources orales, à partir d'entrevues avec les premières résidents et les sources écrites, en particulier les journaux, en essayant de faire une croix entre eux, en respectant leurs méthodologies. Entre autres documents, nous soulignons celles produites par les entités en charge de ce processus: la Banque Nationale de Logement et la Société de Logement du Ceará.

MOTS-CLÉS: Logement, Migrations, Dictature Militaire

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Vista aérea da primeira etapa do Conjunto construída e segunda etapa em construção. (Fonte: <i>Tribuna do Ceará</i>).....	37
Imagem 2: Prefeito José Walter (Fonte: <i>Tribuna do Ceará</i>).....	38
Imagem 3: Fotografia da construção do Conjunto . (Fonte: MIS-CE).....	41
Imagem 4: Piso de cimento batido.....	46
Imagem 5: Piso de tijolinho vermelho.....	46
Imagem 6: Visita às obras do Conjunto habitacional Prefeito José Walter (Fonte: MIS-CE)	46
Imagem 7: Carnê de Dona Hilda	47
Imagem 8: Crianças carregando água. (Fonte: <i>Tribuna do Ceará</i>)	65
Imagem 9: Promoção da Festa da água. (Fonte: <i>O Povo</i>)	77
Imagem 11: Fotografia da Festa da Água no José Walter (Fonte: <i>O Povo</i>)	78
Imagem 12: Fotografia da Festa da Água no José Walter (Fonte: <i>O Povo</i>)	79
Imagem 13: Ônibus CUMINS (Fonte: <i>O Povo</i>)	91
Imagem 14: Ônibus CUMINS (Fonte: <i>O Povo</i>)	91
Imagem 15: Mercado Público do José Walter (Fonte: <i>O Povo</i>)	105
Imagem 16: Desfile de Sete de Setembro de 1980 no José Walter (Fonte: <i>O Povo</i>)	126
Imagem 17: Visita do Conselho Comunitário ao Jornal O Povo. (Fonte: <i>O Povo</i>)	135
Imagem 18: Inauguração do CSU Adauto Bezerra (Fonte: <i>Tribuna do Ceará</i>)	141
Imagem 19: Inauguração do CSU Adauto Bezerra (Fonte: <i>Tribuna do Ceará</i>)	141
Imagem 20: Jardim construído na “alameda “da Avenida “A”, pelo senhor Carlos.....	155
Imagem 21: Jardim de D. Lenita, também na “alameda” da Avenida “A”	155
Imagem 22: Escola Diogo Vital do Siqueira, onde se realizavam os encontros da comunidade nos primeiros anos de existência do Conjunto.....	156
Imagem 23: Caixa d’água da Terceira Etapa do Conjunto em funcionamento	156
Imagem 24: Local onde funcionava a bodega que a dona Jesoniza comprava no sistema de caderneta.....	157
Imagem 25: Pólo de Lazer (onde era realizada a feira do José Walter)	157
Imagem 26: Mercantil do Sr. Medeiros.....	157
Imagem 27: Casas compradas pelo senhor Medeiros ao lado do Mercantil, pretendendo nova expansão.....	157
Imagem 28: Mercado Público do José Walter	158
Imagem 29: Mercado Público do José Walter	158
Imagem 30: Parte interna do Mercado Público do José Walter	158
Imagem 31: Parte interna do Mercado Público do José Walter.....	158

Imagem 32: Antiga farmácia do Sr. Wilkens – foi dividida em dois pontos.....	159
Imagens 33: Mangueira plantada por Dolores, esposa do Sr. Wilkens.....	159
Imagens 34: Mangueira plantada por Dolores, esposa do Sr. Wilkens.....	159
Imagem 35: EMEIF Rachel de Queiroz (ao lado do Pólo de Lazer)	160
Imagem 36: EEFM Polivalente Modelo de Fortaleza	160

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Planta baixa casa tipo B. (Fonte: Cohab).....	40
Figura 2: Fachada principal casa tipo B. (Fonte: Cohab).....	40
Figura 3: Rota José Walter-Centro/ por via BR 116 (Ferramenta: Google Maps).....	87
Figura 4: Rota José Walter-Centro / por via Parangaba. (Ferramenta: Google Maps).....	87
Figura 5: Projeto de transporte ferroviário para atendimento da população do José Walter. (Fonte: <i>O Povo</i>).....	89
Figura 6: Nova Rota José Walter - Centro via Avenida dos Expedicionários (Ferramenta: Google Maps)	92
Figura 7: Planta Baixa Centrinho (Fonte: Cohab)	95
Figura 8: Fachada das casas tipo M (Fonte: Cohab)	108
Figura 9: Planta baixa das casas tipo M (Fonte: Cohab).....	109
Figura 10: Trajeto da Rua 2 até o Posto de Saúde. (Ferramenta: Google Maps)	113
Figura 11: Planta baixa da Igreja de Nossa Senhora da Santíssima Trindade. (Fonte: Cohab)	130

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
CAPÍTULO I - O Conjunto e a Casa	24
1.1 Por que vieram?	27
1.2 “O Sonho da Casa Própria”	33
1.3 A nossa casa	39
1.4 A casa da Cohab	45
CAPÍTULO II - “De dia falta água, de noite falta luz”	51
2.1 A luz	51
2.2 A água	55
2.3 Zé Walter: um lugar distante	80
CAPÍTULO III - METAMORFOSES: Os moradores recriam o bairro	98
3.1 Os serviços no bairro	98
3.2 O bairro se organiza	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS	145
FONTES ORAIS	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	149
APÊNDICES	154
ANEXOS	161

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As migrações para as grandes cidades, ocorridas na segunda metade do Século XX, ocasionadas pelo processo de modernização/industrialização, geraram um grande déficit habitacional, demandando a construção de grandes conjuntos habitacionais para alocar principalmente os que chegavam e não tinham condições de adquirir uma casa própria.

Dentre esses conjuntos, foi criado, em 1970, o Conjunto Habitacional Prefeito José Walter, nosso objeto de estudo. O foco central da pesquisa é perceber como seus primeiros moradores lidavam com as dificuldades vivenciadas e que meios, dentro de sua diversidade, (re)criavam para tentar amenizá-las, destacando toda a rede de sociabilidades e tensões existentes. O intuito é notar como se dava a interação entre a cultura dos moradores e o novo espaço de morada.

Para isso, inicialmente, explanaremos o contexto no qual o Conjunto foi idealizado e construído, percebendo a especificidade da obra e as intencionalidades nela implícitas.

O Conjunto Habitacional Prefeito José Walter foi o primeiro do Estado. trazia consigo muitas promessas de melhorias habitacionais para as classes populares, inserindo-se no ideário de habitação moderna. Sua longa extensão (o projeto inicial com 4.424 casas), que inspirou até seu primeiro nome, Sétima Cidade, fez com que muitos jornalistas, ao escreverem sobre o Conjunto, chamassem-no de Cidade José Walter. As nomenclaturas se misturavam na tentativa de abarcar o significado daquela obra de tão grande proporção e que tinha reconhecido valor para a cidade de Fortaleza, por se tratar de seu primeiro bairro planejado, representante de todo o ideário de desenvolvimento social proferido pelo Governo Militar.

A pesquisa enfoca, no entanto, a vida e as experiências dos primeiros moradores do Conjunto antes e depois de sua chegada. É através do conhecimento da história desses indivíduos que perceberemos como e por que realizaram essas ou outras escolhas. As entrevistas feitas com estes primeiros moradores nos possibilitaram perceber algo que tinham em comum: serem migrantes, a maioria com experiência de vida rural. A partir das experiências¹ de vidas oriundas dos lugares

¹ Segundo Edward. P. Thompson, os homens e mulheres “experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida

onde passaram e das experiências compartilhadas no novo lugar, os moradores puderam reelaborar formas de habitar o novo lugar.

É a própria experiência que vai possibilitar a estas pessoas a migração. A partir de suas vivências, esta possibilidade de mudança pareceu-lhes como algo possível e desejável, que resultaria numa melhoria de vida. Elas estavam, de acordo com o antropólogo Gilberto Velho, elaborando seus *projetos*² de ação no mundo.

Vale ressaltar que o projeto elaborado por um sujeito, ainda segundo o autor, é pensado e efetuado a partir da relação com *um campo de possibilidades*; este seria o delimitador da ação humana. Todo projeto, no entanto, quando colocado em prática, sofre *metamorfoses*, pois, ao sair do plano teórico – imaginário – para o material, é obrigado a fazer *negociações com a realidade*. Ou seja, todo projeto que elaboramos, ao ser posto em prática, não acontece como planejado.

Essa ideia de projeto e metamorfose, inferida por Gilberto Velho, ajudou-nos ainda a compreender o Conjunto Habitacional Prefeito José Walter enquanto um projeto de ação, que, embora elaborado por técnicos especialistas – que pretendiam tornar o Conjunto em referência de moradia popular planejada –, no momento em que começou a ser habitado, os problemas de execução da obra se tornaram evidentes.

As deficiências estruturais do bairro foram muitas: a má qualidade das casas, o ineficiente meio de transporte público, o irregular fornecimento de água, a inexistência de mercantis, de igreja, de escolas de segundo grau, de centros sociais e de posto de saúde. O interessante será observar que os moradores utilizavam de sua experiência, enquanto migrantes, para tentar solucionar os diversos contratempos.

A migração é um tema estudado por diversos ramos das ciências humanas; por isso, o diálogo com geógrafos e cientistas sociais foi fundamental. Um

“tratam” essa experiência em sua convivência e sua cultura das mais complexas maneiras e em seguida agem, por sua vez, sobre sua situação determinada”. (THOMPSON, 1981, p.182).

² “Alfred Schutz desenvolveu a noção de projeto como “conduta organizada para atingir finalidades específicas”. Embora o ator em princípio, não seja necessariamente um indivíduo, podendo ser um grupo social, um partido, ou uma categoria, creio que toda noção de projeto está indissoluvelmente imbricada a idéia do indivíduo-sujeito. (...) A consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de projetos. Portanto, se a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos”. (VELHO, 2003, p.101).

dos aspectos teóricos bastante discutido é como se dá o processo de adaptação do migrante na cidade grande. Segundo o geógrafo Milton Santos:

Vir para a cidade grande é, certamente, deixar atrás uma cultura herdada para se encontrar com uma outra. Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação. (SANTOS, 2006, p. 263)

Concordamos com Milton Santos à medida que existam espaços onde esta alienação seja presente por uma falta de reconhecimento de lugares e/ou modos de convivência, porém, temos duas ressalvas a fazer: primeira, não acreditamos que o migrante se depare com uma cultura apartada da de origem, porque existe uma relação dialética entre campo e cidade, principalmente no século XX, onde é possível enxergar aspectos da vida urbana no campo e vice-versa. Segunda, o camponês que deseja migrar já começa a estabelecer uma relação com a cidade antes de se mudar, a partir da troca de experiências com pessoas que migraram (através de relatos, fotografias) ou até mesmo de visitas a parentes que já moram na cidade.

No entanto, como já foi dito, é possível encontrar muitos momentos e espaços nos quais esta alienação é dada, entendendo-se por ela a falta de sentimento de pertencimento, pois ainda não foram criados laços afetivos, entre o novo espaço e o indivíduo, capazes de transformar o primeiro em *lugar* de referência e de história pessoal.

Para Milton Santos, o *espaço seria o quadro único no qual a história se dá*, marcado, sobretudo pela interferência do ser humano, antes natureza selvagem, hoje marcado por conteúdo extremamente técnico.

O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao *lugar* e a seus habitantes. (SANTOS, 2007, p. 39)

O *espaço* é caracterizado pela ausência do sentimento de pertencimento e de reconhecimento pela vivência individualizada; o *lugar* é onde ocorre a *cooperação* e o *conflito*, base da vida em comunidade,

Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões

humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2007, p.218)

Esse processo de transformação do José Walter, segundo a orientação de Milton Santos, de *espaço* para *lugar*, é iniciado pela tentativa de sanar o sentimento de nostalgia do campo; assim, é comum morar perto de familiares, bem como reproduzir práticas que costumavam realizar na cidade natal, como cozinhar a mesma comida, criar bichos e “mexer” na terra. Embora se tente pensar que o urbano e o rural existem de maneira apartada, a “vida citadina também convive com práticas rústicas e tradicionais de caráter agrícola e rural” (BALCÃO, 1999, p. 241), que eram presentes não só no José Walter mas em diferentes partes da cidade.

Keith Thomas (1989), que se dedica ao estudo da cidade de Londres, no século XIX, destaca elementos da nostalgia que o homem, agora na cidade, sente do seu lugar de origem:

um elemento essencial desta nostalgia é que os elementos naturais – árvores, flores animais criados pelo homem e pássaros – são valorizados por suas associações primeiras: eles trazem de volta lembranças da infância de uma maneira mais vívida e imediata do que é capaz qualquer ser humano; os objetos naturais, ao contrário dos humanos, são percebidos enquanto classes, não como indivíduos; e uma primavera pode ser instantaneamente reconhecida como a mesma planta que vimos na infância, ao passo que uma pessoa não. (THOMAS, 1989, p. 301)

Resguardando as diferenças entre dois objetos estudados, consideramos semelhante o sentimento de saudade da vida no campo nos dois casos. No entanto, o cultivo de plantas, por exemplo, acontecerá também por dois outros motivos: por uma questão cultural, como também, pela existência de uma demanda ocasionada pelas dificuldades vivenciadas. Então, apesar de o Conjunto Habitacional Prefeito José Walter ter sido construído de maneira extremamente planejada pelos órgãos públicos, os seus moradores reescreviam e ainda reescrevem este espaço, apropriando-se dele e tornando-o lugar de referência da sua história de vida. Daí, vamos ao encontro da noção de cidade de Michel de Certeau (1999). Para o autor trata-se de um texto não-acabado, constantemente modificado por seus diversos autores.

No espaço tecnocraticamente construído, escrito e funcionalizado onde circulam, as suas trajetórias formam frases imprevisíveis, “trilhas” em parte ilegíveis. Embora sejam compostas com os vocabulários de línguas recebidas e continuem submetidas a sintaxes prescritas, elas desenham as astúcias de interesses outros

e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem. (CERTEAU, 1999, p. 45)

No José Walter, ainda hoje, é possível ver moleques tangendo gado vacum para pastar num lugar destinado e utilizado como campo de futebol; também percebemos que as “alamedas” (que é como os moradores chamam a região que separa as duas vias de uma avenida) são utilizadas – já que as casas foram ampliadas – como lugar de reelaboração do hábito cultural de plantar, como Dona Lenita³ e Seu Carlos,⁴ moradores da avenida “A”, que se apropriaram desse espaço, a primeira cultivando plantas ornamentais e o segundo, suas ervas, temperos e frutas.

Esta recriação não significa dizer que eles tivessem – ou tenham – uma aversão ao modo de vida citadino. Ao mesmo tempo que tentam recriar um *lugar* de reconhecimento e pertencimento, eles não esquecem o que a cidade pode lhes ofertar: *uma vida melhor*. Esta, porém só poderá ser alcançada com a obtenção de um emprego, localizado geralmente nas regiões centrais da cidade, o que obrigará o migrante a aprender os signos e comportamentos da vida citadina. Então, ao mesmo tempo que ele reelabora a sua cultura no local onde mora, tem que aprender como agir e se comportar na cidade. Célia Lucena, que estudou as migrações ocorridas na segunda metade do século XX, de Barbacena (MG) para a periferia de São Paulo, diz o seguinte:

O cotidiano do migrante – que vive no bairro da periferia – é feito de diferentes espaços: individualizado, coletivo, privado e público; é feito, também de diferentes tempos: da relação personalizada e do anonimato, da festa e do trabalho; e de diferentes éticas: do compadrio e da competitividade. Os espaços têm identidade e possuem fronteiras sociais e simbólicas. (LUCENA, 1999, p. 123)

Os familiares e conhecidos que já habitavam na cidade serão importantes para demarcar estes diferentes espaços e auxiliar na adaptação ao novo estilo de vida. Michael Hanke (2002), ao pesquisar o tema *comunicação e sociabilidade* na UFMG, apontou a importância da inserção do indivíduo em um grupo social:

O conhecimento dos membros desse grupo dá a qualquer um deles uma chance razoável de entender e ser entendido. Qualquer membro aceita os esquemas já prontos e estandardizados do padrão cultural legado a ele pelos ancestrais, professores e autoridades como um

³ Entrevista com D. Maria Lenita de Oliveira, 49 anos, em 30.05.2008. Nascida em Fortaleza e moradora do bairro desde 1970.

⁴ Entrevista com Sr. Carlos Iberê Nunes Olímpio, 55 anos, em 02.06.2008. Migrante de Icó, veio para Fortaleza em 1967. É morador do bairro desde 1970.

inquestionado e inquestionável guia que se evidencia em todas as situações que ocorrem normalmente. Este conhecimento contém *receitas* confiáveis para interpretar o mundo social, evitando indesejáveis conseqüências. (HANKE, 2002, p.06)

Agir de maneira coletiva num bairro da periferia, onde as dificuldades são maiores, é fundamental; por isso, interações sociais de diversos gêneros foram percebidas em diferentes espaços e ocasiões no José Walter. Conforme George Simmel (1983, *apud* HANKE, 2002, p. 03), a interação social seria a base de existência de qualquer sociedade e ela ganha diversos formatos: pode ser de aproximação e de separação, de consenso e conflito, competição, dominação ou subordinação. Para George Simmel, estas interações seriam formas de *sociação*, relação baseada em interesses. Afora estas interações, encontra-se a *sociabilidade* que seria *uma interação completamente pura, que não é desequilibrada pelo realce de nenhuma coisa material*. Ela é autônoma, ou seja, *não possui propósitos objetivos, nem resultados exteriores*, sendo a sua finalidade *o sucesso do momento*, que possui, como condições e resultados do processo, *exclusivamente o encontro de duas pessoas*.

Entendemos por laços de solidariedade a relação criada entre alguns moradores baseada, sobretudo, na empatia, ou seja, no reconhecimento da situação em que o outro se encontra, e na disposição em ajudar.

No entanto, as relações entre os moradores não se dão sempre de maneira harmoniosa, causando muitas vezes intrigas, queixas em delegacia e denúncias em jornais de moradores contra moradores. Marcel Roncayolo, geógrafo e urbanista francês, pode nos sugerir o motivo de tais intrigas:

Os laços de vizinhança são, sem dúvida, mais fortes quando a cidade ou o bairro se beneficiam de uma grande homogeneidade. Contrariamente, a vizinhança não basta para estabelecer relações estreitas, em unidades que justapõem grupos sociais diferentes. Por si só, a proximidade espacial não é suficiente para aproximar as pessoas e anular as distâncias sociais; pelo contrário, parece levar ao confronto, por vezes agressivo ou defensivo de experiências e de sensibilidades opostas. (RONCAYOLO, 1989, p. 430).

Embora os moradores do José Walter parecessem pertencer a um grupo relativamente homogêneo, a diferença entre eles podia ser percebida começando pela própria casa que recebiam, que era conforme a renda mensal comprovada. Sendo assim, apesar da solidariedade existente entre os que se identificavam, os conflitos também faziam parte dessas interações.

Desde o principio, tentou-se incentivar os bons usos da estrutura do bairro através de diversos instrumentos ligados ao Poder Público que atuavam no Conjunto. Referimo-nos aqui, especialmente, ao incentivo à otimização do tempo livre, que deveria ser gasto com atividades que somassem para o crescimento social do individuo. Segundo Denise Sant’anna (1994), no Brasil, a importância de distinguir lazer e ócio surgiu no período militar e logo reverberou em diversas obras sociais que tentavam regular o tempo livre dos moradores. O intuito era: “promover em toda a cidade um lazer cuja identidade contivesse funções e dimensões não apenas lúdicas, mas também terapêuticas, disciplinadoras e de correção dos excessos e desequilíbrios da cidade e de seu habitante” (SANT’ANNA, 1994, p. 61). Nesse contexto, podemos citar os diversos locais de prática de esporte e convivência social que foram pensados no projeto do bairro, como os centrinhos e o Centro Social Urbano Adauto Bezerra, inaugurado em 1977, e diversos serviços à população para o bom uso de seu tempo livre.

Outro aspecto responsável pela feição do José Walter foi a “distância”. Distância ocasionada não somente pela geografia mas pelo precário sistema de transporte público. É justamente devido a ela que formas de lazer e de trabalho serão criadas no próprio Conjunto.

Como já mencionamos, o bairro tinha muitos problemas infraestruturais. Então por que se mudar para lá? Muitos moradores que foram para o José Walter abandonaram as casas da Cohab – Companhia de Habitação, responsável pela obra – ao perceberem que o que era divulgado nos jornais não acontecia de fato. Porém, a grande maioria ficou por ter como objetivo primeiro a obtenção de uma casa própria, entendida como símbolo de liberdade, nas suas falas.

A utilização das fontes orais foi fundamental para a realização desse trabalho, pois, através delas, pudemos entender como os moradores constroem suas memórias e como dão sentido às suas experiências na narrativa oral. Mais do que evidenciar algumas percepções homogêneas entre os moradores do Conjunto, interessa-nos perceber a multiplicidade de experiências existente no bairro. O contato com os entrevistados foi dado de maneira aleatória a partir de indicações que eles mesmos forneciam. Para isso, informávamos que era necessário ter vivido no bairro durante os primeiros anos (70-80), período em que se presenciaram as maiores dificuldades.

As entrevistas não se deram somente com os compradores das casas, mas também com seus filhos, para entendermos como os mais jovens vivenciavam o espaço, seja nas festas, no colégio, nas praças, ou nos parques e, ainda, para entendermos qual a relação que estes estabeleciam com a cidade. Ecléa Bosi (1994), ao falar sobre a memória dos mais velhos, diz que depois de vivida a parte mais intensa e produtiva, a pessoa, por não ter mais necessidade de fazer projeções futuras, tende a voltar-se para reelaboração das lembranças de acontecimentos passados, o que vem a tornar sua narrativa mais fluida. Esta é uma particularidade que também deve ser levada em consideração.

O que se procurou através da fonte oral não foi estabelecer a verdade oficial, e sim entender o que foi a verdade para aquele entrevistado, entender como ele se enxerga diante dos fatos. Para tanto, consideramos logicamente suas especificidades, como a instabilidade e aspecto inconcluso.⁵

A fonte oral é dada a partir da relação entre entrevistador e entrevistado, da leitura mútua que fazem um do outro; ela é assim instável, ou seja, é montada a partir das indagações do entrevistador. O aspecto inconcluso se dá pela sensação da impossibilidade de se exaurir tudo que alguém pode relatar sobre determinada situação. A fonte oral também é parcial, como todas as outras, e também variável; isso quer dizer que um dado confirmado numa primeira entrevista pode ser negado numa segunda, cabendo ao entrevistador fazer a interpretação desta mudança.

Nas primeiras entrevistas realizadas, ia com um guia das perguntas a serem feitas; depois, ele se tornou desnecessário. Inicialmente, pedia para que o morador contasse sua história de vida; então, terminada sua narrativa, estimulava-o a falar um pouco mais, de maneira sucinta, sobre pontos destacados e, ao final, fazia perguntas sobre assuntos não-elucidados ainda.

A metodologia de utilização dessas fontes se deu a partir do seu cruzamento com as fontes escritas. Vale salientar ainda que, algumas vezes, utilizei minha experiência de moradora do bairro para elucidar algumas questões.

Dentre as fontes escritas, destaco inicialmente os jornais da época. Os jornais analisados foram o *Unitário*,⁶ o *Tribuna do Ceará*⁷ e o *O Povo*.⁸ Interessou-

⁵ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), p. 35 e 36. São Paulo, SP – Brasil, 1981.

⁶ Foi fundado em 08 de abril de 1908, por João Brígido. Era, nesse período, editado em 12 páginas e, aos domingos, com alentada edição que incluía Suplemento Diário.

nos perceber, entre 1969 e 1970, período em que o bairro está em fase de planejamento e construção, o discurso político em torno da criação do Conjunto Habitacional. O jornal também se torna um espaço para a prefeitura, bem como o BNH, propagandear suas obras, sempre de maneira personalista, procurando, através delas, deixar a marca da sua administração. Geralmente, são propagandas de página inteira, mas foi possível encontrar, no *Tribuna do Ceará*, uma propaganda sobre as obras realizadas pelo Prefeito José Walter, de quatro páginas consecutivas. Num segundo momento, de 1971 a 1982, interessou-nos perceber as reclamações dos moradores do Conjunto referentes aos diversos problemas enfrentados. Foram encontradas diversas reclamações em períodos diferentes sobre a questão do transporte e do abastecimento de água. Essas reclamações deixam claros os problemas que existiam no Conjunto e evidenciam a mobilização dos moradores em tentar solucioná-los.

Não conseguimos distinguir diferentes tratamentos concernentes às matérias sobre a construção do conjunto habitacional e aos problemas que os seus moradores enfrentavam. Contudo, é no jornal *O Povo* onde são mais freqüentes os reclames. Era o jornal com maior número de páginas e que possuía coluna especial onde destacava os problemas da cidade. Os moradores, através do Conselho Comunitário, estabeleceram um canal de comunicação, o que facilitava as denúncias na imprensa. É possível perceber, principalmente com relação às questões de transporte e água, uma empatia dos redatores com a comunidade, cobrando às autoridades públicas soluções imediatas para o problema.

Outras fontes escritas utilizadas foram os *Anuários do Ceará*⁹ e as Mensagens do Governador à Assembléia Legislativa.¹⁰ Os primeiros informam as obras realizadas em todo o estado. Assim, interessou-nos saber que tipo de modificações oficiais eram realizadas ou previstas ano a ano no Conjunto José Walter, como a construção de escolas, de posto de saúde, centros comunitários,

⁷ Em 1940, foi incorporado aos Diários Associados. O *Tribuna do Ceará* foi fundado em 14 de dezembro de 1947, por José Afonso Sancho, também fundador da União das Classes Produtoras.

⁸ Fundado em 07.01.1928 por Demócrito Rocha e Paulo Sarasate. É hoje o segundo jornal mais lido do Estado.

⁹ Livros, escritos pelo jornalista Dorian Sampaio, que relatam de maneira sucinta todos os dados econômicos, sociais, políticos e culturais do referido ano. Apresenta ilustrações e tabelas de dados que facilitam a compreensão das mudanças que ocorreram no ano que se passou.

¹⁰ São mensagens escritas pelo Governador do Estado à Assembleia Legislativa, no início de todos os anos, onde aquele explicita o que foi feito no ano que se passou e o que se pretende para o ano em voga. É possível perceber nas entrelinhas as preocupações, ambições e inquietações do governo em questão.

reformas referentes ao abastecimento de água. Também foi possível observar o discurso positivo referente às atividades governamentais. Era nítida a preocupação de sempre se mostrarem as melhorias ocorridas no Estado durante o ano que passou. Através das Mensagens do Governador à Assembléia Legislativa, percebemos o que foi feito referente à habitação e urbanização na cidade, como, por exemplo, a criação de órgãos responsáveis por tais políticas. Elas se articulam, de certa forma, com as informações obtidas dos anuários, pois também se preocupam em fazer um apanhado do ano anterior; no entanto, são mais específicos por se referirem somente às ações do governo do Estado.

As plantas do bairro, cedidas pela Cohab¹¹, foram de suma importância para percebemos como o Conjunto foi previsto e como o seu projeto foi sendo modificado, visto que muitas edificações pensadas não foram concretizadas. Durante esses quarenta anos de construção, muito foi modificado: casas foram reformadas, prédios demolidos, lugares transformados. Estas plantas nos auxiliaram a entender o espaço onde os moradores transitavam, se relacionavam e reconstruíam seus modos de viver, como também a identificar, através de suas falas, esses lugares. Em anexo, encontra-se a planta baixa do Conjunto que permite ao leitor fazer um paralelo com os pontos citados durante a narrativa.

No primeiro capítulo, nos dedicaremos a desvendar como esses moradores chegaram a Fortaleza, como se deu o processo de obtenção de emprego, bem como de lugar para morar, e como conseguiram, enfim, obter a casa no José Walter. Discutiremos a importância da obtenção de uma casa própria para eles e como o governo, percebendo tal importância, aproveitava para propagandear suas obras. Neste capítulo, também começaremos a discussão sobre como os moradores criavam e recriavam o bairro conforme seu conhecimento de mundo, tendo como objeto a “casa da Cohab”.

No segundo capítulo, daremos ênfase a três aspectos definidores da imagem do Conjunto à época, segundo os moradores: a falta de luz, a falta de água e ineficientes meios de transporte público. Abordaremos estratégias criadas pelos moradores a fim de solucionar os problemas vivenciados, destacando os conflitos e solidariedade existente entre os moradores e entre estes e outras instituições, como a Cohab e a Empresa Nossa Senhora de Fátima. É nossa intenção destacar

¹¹ Companhia de Habitação do Estado.

também como a distância do José Walter possibilitou a criação de formas de lazer e de trabalho dentro do Conjunto.

No terceiro e último capítulo, abordaremos outras metamorfoses que ocorreram no bairro. Destacaremos os serviços oferecidos em torno da educação, saúde e abastecimento de alimentos. Num segundo momento, trataremos da organização dos moradores do bairro através da Igreja e do Conselho Comunitário, dando destaque também para a obra empreendida pelo governo, o Centro Social Urbano Adauto Bezerra.

CAPÍTULO I – O Conjunto e a Casa

O Brasil assistiu, de 1950 a 1970, a um grande crescimento da população urbana. O censo de 1970 veio confirmar o que já era percebido no cotidiano das cidades: a maioria da população brasileira, 56%, vivia doravante na zona urbana.¹² Mudança ocasionada pelo crescimento industrial, que atraiu uma grande leva de migrantes em busca de melhorias de vida.

O período estudado foi marcado pelo incentivo à modernização das cidades oriundo, principalmente, dos governos de Juscelino Kubistchek e dos militares. As obras em torno do sentimento de modernidade eram presentes em âmbito nacional.

O espaço urbano passava por um processo de verticalização e periferização. As capitais cresciam verticalmente nas suas áreas centrais com a construção de grandes prédios com estilo arquitetônico modernista, movimento que mobilizou os arquitetos e urbanistas na reinvenção da arquitetura brasileira, movidos pela utopia de remodelar as velhas cidades transformando-as em cidades modernas, planejadas, funcionais e belas para o desfrute das elites e das camadas médias urbanas. (MONTEIRO, 2007, p. 162)

Com o desejo de modernizar as regiões centrais e litorâneas para as camadas privilegiadas, às camadas pobres restou ocupar a periferia das cidades. Contribui para isso a valorização das regiões mais centrais pela especulação imobiliária, como também a valorização do turismo como importante fonte de renda para as cidades.

Para tentar solucionar o déficit habitacional, como também ordenar o crescimento das cidades, em todo o Brasil, foram criados financiamentos de ordem municipal, estatal e federal para garantir o deslocamento dos migrantes para as regiões desvalorizadas. A criação de conjuntos habitacionais foi notória em todo o país.¹³ Dentre estes órgãos, o de maior destaque foi o Banco Nacional da Habitação (BNH) e as suas Companhias Estaduais e Municipais de Habitação (Cohab).

A ação do BNH, dirigida ao setor de “interesse social”, realizava-se por meio das Companhias Habitacionais (COHABs) que funcionavam nas áreas dos governos estaduais e municipais. As COHABs, na qualidade de agentes promotores do BNH, foram estruturadas sob a

¹² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Censo do Ceará de 1970.

¹³ Segundo Nascimento, “em Teresina, entre os anos de 1966 e 1969, foram construídos cinco conjuntos habitacionais, com destaque para o conjunto habitacional do Parque Piauí, com o total de 2.294 unidades, na zona Sul, que concentrava a maioria dos conjuntos, com exceção do conjunto Primavera I, localizado na Zona Norte”. (NASCIMENTO, 2007, p. 205-206).

forma de sociedades de capital aberto, ainda que o total de ações e, portanto, o seu controle, ficasse nas mãos do poder público, provavelmente por ser pouco atrativo do ponto de vista da rentabilidade do capital. Os governos eram responsáveis pela gestão burocrática do processo, cabendo à iniciativa privada a execução das obras, o que representava para os construtores e agentes imobiliários uma fonte importante de lucros. Além da atribuição de elaborar os projetos técnicos das moradias e de providenciar todas as medidas necessárias à execução destes, mediante aprovação do BNH, cabia às COHABs estaduais e municipais a tarefa de aquisição e urbanização do terreno, utilizando, para isso recursos próprios e/ou empréstimos concedidos, geralmente pelo BNH. (BRAGA,1995, p. 80-81)

A construção desses conjuntos possibilitou um alargamento das cidades, visto que as áreas limítrofes eram as preferidas pelas Cohab's, principalmente, devido ao baixo custo dos terrenos. Confluiu para isso o crescimento das linhas de transporte urbano, que possibilitava, mesmo de maneira precária, o deslocamento dessa população.

No Estado do Ceará, as secas e a rigidez da mobilidade social no trabalho do campo sempre foram grandes motivadores da migração intermunicipal, sendo o maior destino dos migrantes a capital, Fortaleza. Nunca fora possível absorver toda a mão-de-obra que chegava, provocando mais problemas sociais, como a formação de favelas e acentuação do desemprego.

O início da modernização e da industrialização de Fortaleza, já relevante no início do século XX, fazia com que mais e mais migrantes chegassem em busca de uma vida melhor. Segundo dados oficiais,¹⁴ em 1940, Fortaleza contava com 180.200 habitantes, em 1950 com 270.200, em 1960 com 514.800 e em 1970 com 1.036.779: a população mais que dobrou. Destes, 335.438 não haviam nascido em Fortaleza.

Ao chegarem a Fortaleza, quando não tinham parentes ou conhecidos onde pudessem hospedar-se, os migrantes ocupavam terrenos "sem dono" (geralmente espaços destinados a ruas ou terras pertencentes à União). Jucá (2003) aponta os principais bairros existentes nas décadas de 40 e 50, que surgiram desta maneira. Entre eles: Cercado do Zé Padre, Lagamar, Morro do Ouro, Monte Castelo, Arraial Moura Brasil e o Pirambu.

Ainda segundo Jucá (2003), em 1958, a indústria – em maioria têxtil - tinha apenas 11,72% de participação na renda interna do Ceará, enquanto a área de

¹⁴ IBGE. Censo do Ceará de 1970.

serviços era responsável por 64,55% da renda interna do Estado. Sendo perceptível a impossibilidade de esta primeira absorver toda a mão-de-obra que chegava à capital

Essa população “desocupada” forçava cada vez mais os moradores do Benfica e Jacarecanga, bairros mais aristocráticos da época, a se mudarem pouco a pouco para o leste da cidade. Na economia, causava prejuízo aos olhos do Poder Público, visto que ocupava áreas cada vez mais valorizadas pela especulação imobiliária e a atividade do turismo.

A valorização destas áreas, conforme Dantas (2002), deu-se inicialmente pela construção de casas de veraneio na praia de Iracema pelas classes abastadas, devido ao desenvolvimento de novas práticas culturais, como os banhos de mar e as caminhadas de praia. Posteriormente, deu-se início à construção de clubes elegantes, tornando o litoral um importante ponto de encontro na cidade. Ainda segundo o autor, “onde estas classes se instalam, ocorrem expulsões. Inicialmente na Praia de Iracema, com a especulação fundiária e, posteriormente, na praia do Meireles, evidenciando uma expulsão crescente dos antigos habitantes” (DANTAS, 2002, p. 53).

Jucá (2003) acrescenta a preocupação das elites com a estética e o ordenamento da cidade, ressaltando sua postura de afastar o problema da pobreza, ao invés de solucioná-lo:

Na medida em que aumentava o índice de casebres em áreas consideradas “marginais”, mais crescia a preocupação da sociedade civil no controle da ideologia alimentada, segundo o qual era imprescindível afastar a pobreza dos espaços estratégicos disputados na cidade. Não se apontava o que realizar, ou por quais meios o peso da miséria poderia ser avaliado; o objetivo prioritário prendia-se a manutenção da estrutura ideológica e de seu material, ou seja, tanto as organizações que as criavam quanto os recursos básicos de difusão dessa ideologia tinham o intuito de salvaguardar o ideal de ordem e estética urbana. (JUCÁ, 2003, p. 54).

Os moradores que residiam em espaços não-regulamentados foram perseguidos cada vez mais pelo Poder Público, que desejava locomovê-los sem ao menos dar-lhes uma indenização pela demolição das casas que eles mesmos haviam construído. Os bairros mais ameaçados, dentre eles o Pirambu, o Monte Castelo, o Coqueirinho e o Teofinho, criaram associações através das quais tentavam resguardar seu direito a moradia.

Em 1959, foi criada a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), embasada pela concepção de que o problema do Nordeste era a falta de recursos para a industrialização.¹⁵ Assim, foram destinados recursos para a criação de diversas indústrias no Ceará, originando o I Distrito Industrial, localizado no Maracanaú. Entende-se esta ação como uma tentativa também de movimentar a população excedente para a região metropolitana da capital, facilitada pelo financiamento das moradias pelo BNH já no final dos anos 70 e início dos 80.

Desde 1965 (quando se transformou a Companhia de Habitação do Estado do Ceará – CHEC, criada em 1963, em Cohab-CE), o Ceará recebia verbas do BNH para a construção de moradias e conjuntos habitacionais. A Cohab-CE foi responsável pela construção de diversos conjuntos habitacionais no interior; no entanto, na capital, tinha-se limitado à construção e reforma de casas. O governo municipal, insatisfeito, criou a Cohab-Fortaleza em 1969, com o objetivo de construir o maior conjunto habitacional da América Latina, que contaria com 4.424 casas, chamado Sétima Cidade,¹⁶ depois batizado Conjunto Habitacional Prefeito José Walter.

1.1 Por que vieram?

Em 1970, Fortaleza contava com 1.036.779 habitantes; destes, 335.438 não haviam nascido em Fortaleza, ou seja, eram migrantes.¹⁷ É natural que, exatamente, pessoas pertencentes a esse grupo tenham-se interessado em pleitear uma casa no Conjunto da Sétima Cidade, visto que não tinham casa própria e a mensalidade do financiamento era menor que o valor de um aluguel.

Segundo o documento *As migrações para Fortaleza*,¹⁸ de 1967, produzido pelo Governo do Estado, dentre as principais razões de saída do local de nascimento encontrava-se, em primeiro lugar, o desejo de empregar-se; em segundo, o desejo de possuir uma casa própria; e em terceiro o desejo de ascensão

¹⁵ Com a implantação deste órgão se solucionaria o problema dos flagelados da seca, pois ele geraria mais emprego e movimentaria a economia do Nordeste.

¹⁶ Ganhou esse nome inicial porque o número de casas previstas era aproximadamente o mesmo número que existia na sétima maior cidade do Estado em 1969. (Biblioteca Pública Menezes Pimentel – BPMP. “COHAB-Fortaleza foi instalada ontem: autoridades presentes”. *Tribuna do Ceará*. 04.01.1969, p.03)

¹⁷ IBGE. Censo do Ceará de 1970.

¹⁸ Governo do Estado do Ceará. *As migrações para Fortaleza*. Secretaria de Administração: Fortaleza, 1967. 326 p.

social. Para muitos, Fortaleza era o lugar onde se amenizariam as dificuldades da vida, principalmente pela inserção no mercado de trabalho e o acesso a bens materiais julgados inadquiríveis na cidade onde moravam.

O Sr. Carlos, morador do Conjunto desde 1970, conta o motivo de sua família ter-se mudado de Icó para Fortaleza em 1967:

A gente se mudou pra cá pra conseguir uma vida melhor, conseguir emprego, trabalho, estudar, melhorar de vida, o intuito era esse. Encontrar uma situação melhor de vida pra que a gente pudesse sair da situação de viver em casa alugada dependendo de família ajudando a gente. Os irmãos da mamãe que ajudava a gente a pagar o aluguel lá e alimentação, porque a gente num tinha renda. Eu vim pra cá pra arrumar emprego.¹⁹

Dois de seus seis irmãos, Mércia e Iraê, já tinham vindo antes. Eles moraram inicialmente com conhecidos, depois, com a melhoria de renda, alugaram uma casinha no bairro Bela Vista, que recebeu toda a família em 1967.

A Dona Dalva, hoje moradora do José Walter, veio para Fortaleza aos 14 anos trabalhar em casa de família. Ela conta por que saiu, em 1963, do Jenipapo,²⁰ local onde morava:

Porque a vida lá era muito difícil. Aí arrumei emprego em casa de família. Primeiro, veio essa minha irmã aí, a mais velha. Primeiro ela veio, arrumou um emprego aqui. Aí, quando foi com um tempo depois, eu vim. Porque lá era muito sofrido, a gente trabalhava na roça. Aí vim trabalhar aqui na casa de família, na casa da dona Zefinha, que hoje é uma mãe pra mim.²¹

Em 1973, a Dona Dalva conseguiu comprar sua casa no José Walter e foi buscar o restante da sua família no Jenipapo para morar com ela.

Percebemos, em ambos os casos, o do Sr. Carlos e o da Dona Dalva, que, primeiro, migraram os filhos mais velhos; depois, os irmãos que iam chegando à fase da adolescência; e finalizando o processo migratório, vinham os pais e os irmãos caçulas. Fato que vai ao encontro do que defende Eunice Durham (1984). Para a autora, a migração é um projeto familiar, pois, embora de início apenas um ou dois membros da família migrem, é a partir desse ou desses que os demais poderão deixar a cidade natal. Esta fragmentação inicial é necessária em vista das dificuldades que esta mudança radical acarreta para os migrantes.

¹⁹ Entrevista com Sr. Carlos Iberê Nunes Olímpio, 55 anos, em 02.06.2008. Migrante de Icó, veio para Fortaleza em 1967. É morador do bairro desde 1970.

²⁰ Distrito de Pacajús – Ceará.

²¹ Entrevista com D. Maria Ferreira Maciel, conhecida como “Dalva”, 60 anos, em 10.04.2010. Migrante de Jenipapo – Pacajús. Veio pra Fortaleza em 1963 e mudou-se para o bairro em 1973.

O migrante acha-se geralmente equipado com um conhecimento mais ou menos impreciso do ambiente para o qual se dirige, e que deriva da tradição migratória, isto é das informações que a comunidade acumula a partir da migração de seus membros (DURHAM, 1984, p. 130-131).

Ou seja, existe uma comunicação entre os que migram e o grupo que fica. Até porque, caso a empreitada não tenha sucesso, eles ainda poderão retornar para sua cidade. Assim, enquanto uma parte da família, geralmente os filhos mais velhos, tenta firmar um lugar na cidade grande, a outra parte continua mantendo sua posição na cidade natal.

Abdelmalek Sayad (1998), embora estude as sociedades de imigração na Europa, também contribui nesta perspectiva afirmando que as sociedades de emigração e imigração

são como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal. (SAYAD, 1998, p. 14)

Ou seja, o emigrante, enquanto não é esquecido e não esquece, ainda mantém relações estreitas com o grupo de origem e, por isso, é o principal responsável pelo estabelecimento de uma possível cultura de emigração, pois é esta proximidade que possibilita mais facilmente a vinda de parentes, amigos ou apenas conhecidos para o novo lugar.

A Dona Maria, migrante de São Gonçalo do Amarante, veio para Fortaleza quando completou seus 18 anos. Ela conta como se deu o processo de saída da sua cidade:

Lá não tinha emprego, interior... né? Eu cheguei a fazer um concurso pra prefeitura, passei, mas nunca me chamaram. Aí eu vim pra cá. Aí a minha prima me chama, que era nascida e criada aqui: “vamos morar comigo em Fortaleza?” Que a minha tia só tinha ela de filha e ela era louca por uma pessoa pra fazer companhia. Ela ia passar férias lá em casa e ficava me convidando pra vim. Eu queria vim... né? Mas o papai quase que num deixava; aí resolveu ir deixando. Ela dizia assim: “quando tu chegar lá, eu arrumo um emprego pra ti”. Ela disse que num conseguia um emprego pra ela porque era de menor... o pessoal não dava. Quando eu cheguei aqui, num instante ela arranhou um emprego pra mim.²²

²² Entrevista com D. *Maria* Andrade de Sousa, 66 anos, em 03.06.2008. Migrante de São Gonçalo do Amarante, chegou a Fortaleza em 1960, mudou-se para o bairro em 1970.

O caso de Dona Maria mostra como se dá a migração do primeiro ente de um núcleo familiar²³ a migrar. Este entra em contato com familiares ou conhecidos, na cidade grande, que possam ajudá-lo a se inserir e se adaptar no modo de vida citadino.

A experiência do Sr. Victor, no entanto, foi diferente. Ele veio para Fortaleza em 1942, oriundo do município de Acopiara; veio sozinho e, assim, permaneceu até construir uma nova família. Durante sua narrativa não se remeteu a nenhum parente distante ou conhecido que possa ter-lhe ajudado na inserção no modo de vida citadino. O Sr. Victor narra abaixo o motivo de sua saída e que sonho buscava realizar:

Num determinado dia, minha mãe ficou viúva; depois de uns anos, teve uma segunda núpcia, aí eu tive um padrasto. A gente vivia na cidade que ainda num era bem uma cidade, era distrito de Iguatu; depois que passou a cidade. E lá fomos morar fora, no sítio. Lá a minha vida profissionalmente, eu não tive um início. Lá, com sete anos, antes de aprender a falar eu aprendi a trabalhar no campo. Houve tempos de grande seca que a gente ia pra cidade; houve seca que a gente saía do próprio município, como em 32, eu tinha 10 anos, vim pra Fortaleza, depois voltei. Houve outra vez que eu sai também em razão da estiagem, da seca mesmo: foi em 42. Em 42, eu vim definitivamente; aliás, eu não vinha com o propósito de passar um ano, dois, anos, dez anos, eu vinha com o propósito de fugir da seca, amenizar mais a situação. É claro que, naquela época, eu já tinha uma visão do que eu queria e, no interior, não era possível. Então, eu vim pra'qui em 42. E aqui também eu não realizei meus sonhos não, porque meu sonho desde pequeno era estudar. Mas pra sobreviver eu tinha que trabalhar e o trabalho não me permitia o estudo. Naquele tempo, quase não tinha estudo à noite e quando passou a ter estudo à noite, eu trabalhava à noite. Então, praticamente, eu não estudei; meu mestre foi o próprio mundo que não é muito generoso... né? A gente reclama às vezes dos professor... né? Mas o mundo é menos generoso que o professor, é mais exigente e a gente apanha muito pra aprender. Uma coisa pouca que a gente aprende a gente paga muito caro. Então onde eu fui aprender a lumiar as coisas, foi com o próprio mundo.²⁴

O migrante, ao chegar à cidade grande, principalmente quando oriundo do campo, necessita aprender novos modos de convivência, de comportamento e de relacionamento com o espaço. O aprendizado do novo modo de vida é constante e, na maioria das vezes, como disse o Sr. Victor, paga-se um preço alto porque é necessário que se aprenda com a própria experiência. Como exemplo, podemos

²³ Entendemos como núcleo familiar, a família constituída por pai, mãe e filhos.

²⁴ Entrevista com Sr. Victor Ribeiro Neto, 86 anos, em 27.06.2008. Migrante de Acopiara, chegou a Fortaleza em 1942. É morador do bairro desde 1970.

citar o que aconteceu com Dona Maria posteriormente à obtenção de seu emprego, arrumado pela prima:

Só que eu não tinha muita experiência. Fui pra São Gonçalo e perdi o emprego. Sabe aonde era? Era na 24 de Maio; era uma empresa lá que fazia carteira de estudante. Aí pessoal ia lá deixar as carteiras de estudante, tudo empacotado; em cima do pacote, tinha o nome do colégio. Aí tinha “tantas” carteira. Aí eu ia pegava aquele pacote e ia conferir; abria um por um, com o maior cuidado pra não misturar um com o outro. Só abria outro pacote depois que terminava de concluir um pacote. Aí tinha que contar porque, às vezes, tava um tanto e vinha faltando. E vinha as carteiras pronta, com as fotos, tudo lá; só plastificava. Era só pra plastificar. Aí, quando vinha lá de dentro, as carteiras, vinha escrito escola “x” e a quantidade “x” de dinheiro. Aí eu entregava aquelas carteiras e recebia aquele dinheiro. E eu só podia entregar se a pessoa trouxesse o dinheiro. Aí quando eu recebia o dinheiro ia lá e repassava pra ele; aí ele anotava. Mulher, eu sei que era bom que só, mas aí eu fui pra São Gonçalo. Eu tinha ido num sábado; era pra voltar domingo à tarde. Minhas amigas: – “não, deixa pra tu ir só segunda-feira”, que ia ter uns negócio por lá... sabe? Aí eu sei que eu fiquei. Aí, quando eu cheguei aqui, o homem já tinha botado outra pessoa.²⁵

Essa história se passou em 1967 e a lembrança de Dona Maria concernente às regras que ela devia seguir no ambiente de trabalho permanecem vivas. Tudo estava sendo experimentado pela primeira vez. Dona Maria, que trabalhava antes na roça com seus pais, não tinha muita experiência no mercado de trabalho formal e por isso acabou perdendo o emprego. Para ter um maior entendimento de como atuar na cidade, é fundamental para o migrante a ajuda de outras pessoas.

Eunice Durham (1984) aponta a importância da ajuda dos familiares já instalados na cidade para a compreensão e adaptação aos novos costumes e valores. O grupo de relações primárias, os familiares e amigos, é o responsável por todo tipo de auxílio inicial na cidade. Por exemplo: ensinam como se deslocar dentro do novo universo físico, de grande concentração de pessoas e de diferentes traçados, que, por sua vez, exige uma nova forma de orientação e de locomoção; auxiliam também à adequação das formas de agir e se expressar dentro do novo contexto; e são os principais responsáveis pela inserção do migrante no mercado de trabalho, pois acabam conseguindo emprego em empresas onde trabalham conhecidos.

²⁵ Entrevista com D. *Maria* Andrade de Sousa, 66 anos, em 03.06.2008. Migrante de São Gonçalo do Amarante, chegou a Fortaleza em 1960. Moradora do bairro desde 1970.

A obtenção de trabalho é obrigatória para o migrante que quer continuar na nova cidade. Segundo Sayad (1998), o que cria o imigrante é justamente a existência de emprego no outro país, e é atribuído ao fim desta oferta o fim do imigrante. É neste momento que sua presença no novo espaço, vista durante todo o processo como temporária, se finaliza. Pois, para a sociedade imigrante *ser imigrante e desempregada é um paradoxo* (p. 55). A ideia é semelhante para o migrante.

O emprego seria a porta para a melhoria de vida almejada. Os migrantes que já tinham alguém aqui, como o caso da Dona Dalva, já vinham com um emprego acertado. De início, aceitam a primeira oportunidade. Com o passar do tempo, a partir dos contatos feitos com a cidade e com seus habitantes, vão aprendendo a lidar com os novos signos e, assim, adquirem empregos mais bem remunerados, aumentando o seu poder de consumo.

Trabalhei muito tempo na casa da dona Zefinha, criei os filhos dela tudinho: tem o Glauco, que hoje é médico; a Mônica, a Célia e a Inês. Ai eu comecei a estudar. A minha professora era dentista, a Dra Marlene; aí, eu contava a minha vida pra ela, que eu sofria muito. Eu ia estudar de noite, quando eu chegava do colégio, as portas tava tudo fechada. O dono da casa dava piada, chegava uma pessoa, aí ele dizia que futuramente tinha uma professorinha dentro de casa, sabe, porque eu estudava. Aí eu conversando com a Dra. Marlene. Ela disse: –“minha filha, você num quer trabalhar em consultório dentário? Se você quiser eu levo você pra lhe ensinar no consultório.” Aí eu peguei e fui. Saí da casa da dona Zefinha, fui pra casa que essa minha irmã morava, fiquei lá uns tempo, aí eu ia pra Dra. Marlene todo dia, pro consultório. Dentro de duas semanas, eu aprendi tudo. Aí ela disse: “você trabalha comigo, depois eu arranjo um emprego pra você, que eu não posso pagar atendente”. Aí fiquei com ela, ela me ensinando; num deu uma semana, o Dr. Eudes ligou, Eudes Carvalho, pedindo pra ela arrumar uma mocinha pra ele. Aí ela disse: –“Ah, Dr. Eudes, tem uma pessoa aqui maravilhosa, já ensinei, ela já aprendeu tudo, sabe tudo mesmo”. Porque eu anotava tudo, clorador, pince, todo aquele material instrumental de dentista, aprendi tudo. Aí ele disse: –“Pois mande ela vim aqui”. Aí ela disse: –“Pois ela vai amanhã.” Aí ela disse pra mim: –“minha filha você bote o melhor vestidinho, o melhor sapatinho que você tem e vá lá falar com ele”. Aí fui. O consultório dele era na Liberato Barroso. Aí pronto, passei treze anos trabalhando com ele. Aí foi o tempo que eu casei, engravidei da Irismênia; aí quando eu tava grávida tive uma raiva muito grande dele porque, quando eu fui no INSS pra tirar o auxílio natalidade, a minha carteira era assinada, mas só pra ele, nunca pagou um dia de INSS. Quando eu cheguei lá, o rapaz disse: –“não minha filha, você não tem não; você num tem direito a INNS

não”. Aí eu disse: –“Não tenho?”. Ele disse: –“Não”. Eu com oito meses de grávida, eu disse: “tá bom”.²⁶

Dona Dalva, que havia depositado confiança na relação de trabalho estabelecida na cidade, viu-se decepcionada com seu empregador, ao perceber que, depois de anos de dedicação, ele a tinha enganado. No entanto, Dona Dalva soube como amenizar a situação com ajuda do funcionário do INSS.

Cheguei na clínica, dei uma esculhambação nele, briguei mesmo feio com ele: –“Como é que o senhor faz uma coisa dessa? Eu sendo sua escrava!” Porque eu não era só atendente: trabalhava de atendente, eu limpava a clínica, eu fazia cobrança dele, comprava todo o material, todo o instrumental; ele não sabia de nada, tudo era comigo. Sei que eu disse muita coisa. Ai ele disse: –“Quanto é que você ia receber?”. Eu disse três vezes mais. O homem [do INSS] que me ensinou. Vamos supor hoje, se fosse pra receber R\$ 100,00, eu disse R\$ 300,00. Aí foi no tempo que eu ganhei mais dinheiro, que eu ganhei dele; ganhei do IPEC, que eu trabalhava com ele e no Estado, e do bichovêi, pai dos meus filhos, que trabalhava também de carteira assinada.²⁷

Então, a partir da conversa que teve com o funcionário do INSS, ela soube como agir nessa situação tentando diminuir o prejuízo de anos trabalhados sem registro.²⁸ O migrante, na cidade, precisa de ajuda para aprender a lidar com a nova situação, como a roupa que deve vestir, ou como agir em determinadas ocasiões e, ainda, como lidar com a burocracia da vida moderna.

1.2 “O sonho da casa própria”

O governo, que tentava solucionar o problema do déficit habitacional e organizar o crescimento das cidades, vê nos financiamentos para construções de moradia uma oportunidade não só de solucionar problemas como também de se propagandear. Vejamos pela nota de sexto aniversário do BNH:

O BNH nasceu com a revolução de 1964.

Sua preocupação primeira: criar condição de moradia em todo o país. E em seis anos 600.000 novas residências.

O BNH cresceu com a Revolução de 1964. Meta: O homem. Dar-lhe condições melhores de vida. Novas oportunidades e esperanças.

²⁶ Entrevista com D. Maria Ferreira Maciel, conhecida como “Dalva”, 60 anos, em 10.04.2010. Migrante de Jenipapo – Pacajús. Veio pra Fortaleza em 1963 e mudou-se para o bairro em 1973.

²⁷ *Idem.*

²⁸ Interessante notar que, durante a narrativa do episódio, Dona Dalva constrói a imagem de uma mulher que reconhecia e reivindicava seus direitos.

O BNH financia obras de saneamento por todo o Brasil. 972 dos 4.000 municípios brasileiros passam a ter água tratada. 36 milhões de pessoas beneficiadas. E movimentam-se projetos de planejamento urbano e para a criação ou ampliação de redes de esgotos.

O BNH realiza-se com a Revolução de 1964. O BNH sabe que tudo isso foi possível pelos recursos obtidos através das contas do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e da Poupança Voluntária captada das letras imobiliárias e cadernetas de poupança. Dinheiro do povo. Que reverte ao povo, no seu direto e justo benefício. Por isso nos sentimos orgulhosos quando nos chamam: Banco Nacional da Humanização.²⁹

Segundo a divulgação, o Banco visaria primordialmente dar melhores condições de vida ao “homem”, independente de sua condição social. Sabe-se, contudo, que isto era o que desejava transparecer para o público em geral. Omitia-se, assim o caráter econômico dessas obras, que pudemos encontrar num livro produzido pelo BNH.³⁰ Diz que o Banco “tinha por objetivo acelerar a atividade da construção civil, dada sua elevada participação de rendas internas, sem pressões na balança comercial, e grande capacidade de mão-de-obra”. Para isso exigia a criação de empresas de capital misto, as Companhias de Habitação (Cohab’s), nas cidades que desejavam receber o financiamento. Estas empresas eram responsáveis pelo planejamento e execução da obra, financiada com o FGTS³¹ dos trabalhadores.

Muitos textos também eram escritos visando dar notoriedade à Cohab – Fortaleza,³² como veremos na matéria a seguir sobre a construção do Conjunto Habitacional Prefeito José Walter:

Antes era apenas um vasto espaço ocioso esporadicamente ocupado por raras herbáceas vulgares sem nenhuma validade digna de registro. Depois aquela ampla faixa improdutiva no esmo cenário da paisagem asfáltica denominada de perimetral, uma rodoviária através da qual se escoaria o trânsito urbano da capital, ligando-a na conta verde, do distrito de Mecejana e suas adjacências (...)

(...) Começando da nesga direita da pista, o chão arenoso e fofo ao perder-se ao alcance dos olhos, estendia-se no varzeado da vegetação escassa, somando uma quilometragem satisfatória de

²⁹ Biblioteca Pública Menezes Pimentel - BPMP. “Banco Nacional da Humanização”. Jornal *Unitário*. Fortaleza. 25.08.1970, p. 02.

³⁰ Banco Nacional da Habitação. *BNH: Projetos Sociais*. Rio de Janeiro, 1979, p. 07.

³¹ Com a criação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) em 1967, o BNH passou então a contar com recursos mais significativos e de fluxo mais regular para o atendimento da crescente demanda habitacional.

³² Inaugurada oficialmente em 03.01.1969 e fundida com a Cohab–Ceará em 1971, a partir da eleição de uma diretoria conjunta, sendo o seu presidente, o Sr. José Ramos Torres de Melo Filho. (*Anuário do Ceará*, 1971, p. 94).

terras em repouso, local tipográfico de qualidade especial e bons ares, como diria o legendário Pero Vaz de Caminha.

O sítio mediava entre as glebas comunitárias de Mondubim e Mecejana, com milhares de metros de terra obsoletas e inermes; ali os técnicos urbanistas puseram a viabilidade de localização do Conjunto Residencial Previsto para acomodar 4.425 casas populares com que o Governo Federal pretende resolver o déficit habitacional e oferecer ao homem de poucas posses a oportunidade de tornar-se dono de sua moradia e livrar-se do secular pesadelo do explorador inescrupuloso senhorio. Acolá, antigo estágio de solidão quase silvestre, a COHAB – Fortaleza, com verbas consignadas ao BNH, em tempo recorde construiu uma cidade moderna e alegre, farta de água e luz profusa, higiene e escoamento hidráulico, tudo de forma simples, mas de feição atraente humanizada. (...).³³

Podemos pensar que estas terras, onde foi construído o bairro, não eram habitadas, não tinham vida própria. No entanto, o espaço, antes de 1970, concentrava trabalhadores que realizavam atividade de extração de madeira – eles iam todos os dias para o lugar no início do dia e retornavam a noite –, bem como, possuía alguns moradores. O sítio, ao contrário do “deserto” descrito na matéria de jornal, possuía terra bastante fértil e era circundado por lagoas.

Percebemos ainda, na matéria, a defesa da propriedade enquanto possuidora de uma função libertadora de *obrigações seculares* com indivíduos de melhor posição social. Compreende-se que o autor fala da situação de vida do homem do campo, que vivia, quase sempre, do trabalho realizado nas terras de seus patrões. Discurso muito apropriado para uma cidade que estava repleta de migrantes oriundos de zonas interioranas.

A visão do redator do jornal vai ao encontro do que defende o cientista social Henri Mendras (1978). Para ele, o desejo do homem do campo em possuir uma propriedade dá-se porque ele a enxerga como instrumento de liberdade. Percepção também desenvolvida por Durham (1984) de maneira mais apurada:

A casa própria é um ideal extremamente generalizado e tem, certamente, um valor instrumental. (...). A casa é sempre um investimento que pode dar lucro, pela venda ou locação. (...). Mas a casa é, não só um instrumento, mas um fim, uma forma de afirmação, de independência. Nas palavras dos informantes, o indivíduo que tem uma casa, “está no que é seu, faz o que quer”. E nesse sentido, parece-nos, que a casa justifica os sacrifícios que freqüentemente acarreta de gastos maiores com transporte e a inconveniência de morar em bairros afastados, sem melhoramentos públicos, muitas vezes mesmo sem luz. (DURHAM, 1984, p.175)

³³ BPMP. THÉ, Heráclito Silva. Jornal *Unitário*. Fortaleza, 05.08.1970, p. 07.

Todas as dificuldades que os moradores do Conjunto Habitacional Prefeito José Walter irão passar e irão esforçar-se para tentar amenizar serão em função da obtenção da casa própria.

Muitos estudiosos partem do princípio de que essa necessidade foi criada pelo Estado. Vejamos o que diz Antenor Coelho (2007):

O Estado **promove** na população a necessidade da “casa própria”, que vem a ser um importante instrumento de controle social. A “casa própria” apresenta-se para o estado como um meio de manter o *status quo*: “Ainda que a casa não resolva todos os problemas de uma família ela tornou-se um instrumento de negociação junto às camadas populares urbanas” (PERUZZO, 1984, p. 35), e ainda hoje o é. (COELHO, 2007, p. 36) [Grifo nosso]

Ou ainda o que diz Rodrigues (2002):

Com a intenção de conquistar as camadas populares, o Estado Brasileiro através de tais programas habitacionais vai aos poucos não só redefinindo a ótica que iria formar a tendência urbana da metrópole brasileira como também consegue **embutir** no seio da sociedade urbana o “sonho da casa própria”. (RODRIGUES, 2002, p. 66) [Grifo nosso].

Consideramos o pensamento desses estudiosos (Coelho, Peruzzo e Rodrigues), mas entendemos que o *sonho da casa própria* não foi criado pelo Governo Militar; este, muito mais, se aproveitou dele em seus discursos para motivar as pessoas a se mudarem para lugares distantes do local onde elas já estavam e, provavelmente, já se sentiam pertencentes.

A divulgação da construção do Conjunto – construído em três etapas – também procurava dar notoriedade para o governo responsável, de maneira bastante personalista, trazendo, inclusive, a fotografia do político responsável, no caso em questão, a do prefeito José Walter Cavalcante.

Segue abaixo a divulgação da construção da segunda etapa do Conjunto:

Agora em princípios de agosto a Companhia da Habitação entregará mais 1.810 novas residências populares construídas no Conjunto Habitacional Integrado do Mondubim – A Sétima Cidade. Atualmente 1.208 famílias já residem em casas construídas em Mondubim, entregues no começo desse ano, com todas as condições necessárias para serem habitadas, contando, portanto, com água, luz, calçamento, linha telefônica e linha de transporte coletivo.

O Conjunto Habitacional de Mondubim, analisado pelo próprio Banco Nacional da Habitação como um dos mais importantes que se constrói no País, compõe-se de 4.424 casas, além do equipamento comunitário, como Grupos Escolares, Ginásio, Igreja, mercado, delegacia, posto médico, parque infantil e demais prédios para instalação de serviços de assistência a população. A continuidade da

execução do Conjunto Integrado de Mondubim foi reconhecida pelo próprio Ministro do Interior, General Costa Cavalcante que verificou o êxito de uma extraordinária atuação da Companhia da Habitação de Fortaleza, batendo todos os recordes de casas populares. Na verdade a Companhia da Habitação de Fortaleza só foi implantada em janeiro de 69, depois que a Prefeitura verificou a necessidade da participação da solução do problema habitacional da cidade. Vieram os planejamentos daquilo que será a realização do Prefeito José Walter Cavalcante. (...).³⁴

A matéria de jornal é acompanhada da foto aérea do Conjunto com a respectiva legenda:



Imagem 1: Vista aérea da primeira etapa do Conjunto construída e segunda etapa em construção. (Fonte: *Tribuna do Ceará*).

Vista aérea do Conjunto Integrado de Mondubim. Uma autêntica cidade construída pela Companhia de Habitação de Fortaleza, arquitetada para resolver o grande déficit habitacional da Cidade. A necessidade de ser resolvido agora, o que os técnicos pensavam para o ano 2 mil.³⁵

E uma fotografia do prefeito José Walter, seguida pela referência:

³⁴ BPMP. "Mais 1.810 residências da Sétima Cidade serão entregues em agosto". *Tribuna do Ceará*. Fortaleza. 27.07.1970, p. 04.

³⁵ *Idem*



Imagem 2: Prefeito José Walter (Fonte: *Tribuna do Ceará*)

O prefeito municipal de Fortaleza, engenheiro José Walter Cavalcante, idealizador do grande projeto habitacional. A criação da Companhia de Habitação de Fortaleza foi o primeiro passo para contribuir com a diminuição do grande déficit habitacional da cidade.³⁶

Entende-se que este tipo de divulgação/propaganda era comum; cada governo procurava deixar suas marcas a partir das obras realizadas. Ressalta-se ainda que o Brasil encontrava-se no período da Ditadura Militar e exaltação ao governo no período era recorrente e necessária para manter o apoio público.

Outra característica dessas propagandas é que tentam projetar os governos a partir do pressuposto de que toda a infraestrutura prevista seria construída, como se fosse natural à efetivação do projeto. Porém, na prática, o que se observará, a partir das fontes coletadas, é que, no Conjunto Habitacional Prefeito José Walter, a infraestrutura prometida só foi efetivada depois de muitos anos, com o Conjunto já construído e devido à mobilização dos moradores.

Entende-se que a falta de infraestrutura pode não ter sido realizada de maneira intencional. Acreditamos que o ineditismo da obra tenha contribuído para isso; afinal, nunca havia sido realizado no Brasil um projeto de tamanha proporção e responsabilidade, pois ficou a cargo da Cohab-Fortaleza também o fornecimento de

³⁶ BPMP. "Mais 1.810 residências da Sétima Cidade serão entregues em agosto". *Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 27.07.1970, p. 04.

água ao Conjunto. Os problemas agravaram-se com unificação da Cohab–Fortaleza com a Cohab–Ceará em 1971, após o término da gestão de José Walter, passando a nova instituição a chamar-se somente Cohab.

1.3. A nossa casa

A entrega das casas do Conjunto Habitacional Prefeito José Walter se deu da seguinte maneira. No início de 1970, foram entregues 1.208 residências que constituíam a primeira etapa, que ia até a Avenida C. Em agosto, foram entregues mais 1.810 unidades,³⁷ referentes à segunda etapa, localizada entre a avenida C e avenida F, e, em janeiro de 1971, estavam previstas para serem entregues mais 1.406, perfazendo o total de 4.424 casas. Porém, segundo as pesquisas, em janeiro de 1973, ainda estavam sendo entregues as casas da terceira etapa. Uma ampliação da terceira etapa, que ficou chamada de quarta etapa, foi feita, aumentando o número final de residências para 4.774. A área total do Conjunto era 221.724,76m².

A nomenclatura das ruas e avenidas foi organizada assim: as avenidas seriam nomeadas por letras e as ruas por números. A, B, C, D, E, F, G e H são avenidas horizontais, sentido leste-oeste e as avenidas I, J, L e N são verticais, ou seja, perpassam todas as etapas, sentido norte-sul. As ruas horizontais têm números pares e as verticais, números ímpares, organizados em ordem crescente da primeira para a terceira etapa. O Conjunto tinha um excelente ordenamento espacial. Quarteirões, ruas, praças, campos, avenidas, tudo geográfica e fisicamente bem definido.³⁸

Para conseguir uma casa no Conjunto Habitacional Prefeito José Walter, era necessário que se tivesse uma comprovação de renda. Conforme fosse o valor comprovado, era informado ao morador o tipo de casa para o qual ele poderia se inscrever. Depois, a lista das pessoas que iriam receber sua casa era publicada no jornal; elas deveriam encaminhar-se à sede da Cohab–Fortaleza na data prevista para apresentarem a documentação necessária e assinarem o contrato de obrigação financeira com o BNH. Os padrões das casas da Cohab–Fortaleza eram A, B, C, D e

³⁷ BPMP. “Mais 1.810 residências da Sétima Cidade serão entregues em agosto”. Tribuna do Ceará. Fortaleza, 27.07.1970, p. 04.

³⁸ Ver planta reduzida do Conjunto em anexo.

M. Todas tinham a mesma área de terreno (200m^2), o que facilitou as reformas de ampliação posteriormente realizadas pela grande maioria dos moradores.

Segundo plantas da Cohab e entrevistas realizadas, a casa de tipo “A” tinha dois quartos, uma sala, uma cozinha, um banheiro e uma varanda, com área construída de $38,38\text{m}^2$; a de tipo “B”, diferenciava-se da “A” por ter mais um quarto na outra lateral da casa e tinha $47,12\text{m}^2$; a de tipo “C” tinha três quartos, uma sala, um banheiro, uma cozinha e uma área, diferenciava-se por ter uma maior área construída, $58,48\text{m}^2$; a de tipo “D” tinha os mesmos compartimentos da de tipo “C”, porém possuía melhor acabamento, era forrada, continha caixa d’água e era um pouco maior com $66,54\text{m}^2$. A de tipo “M”³⁹ era duplex, com ponto comercial no térreo e no pavimento superior tinha dois quartos, cozinha, um banheiro e uma varanda, possuindo caixa d’água. As casas eram conjugadas, compartilhavam uma das laterais da casa com a do vizinho. Segue a planta de casa tipo “B”:

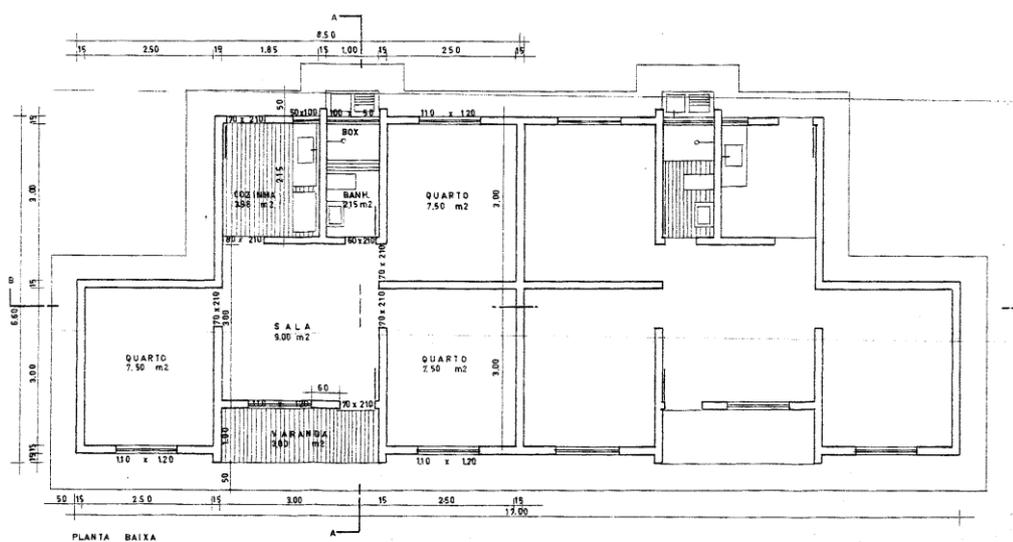


Figura 1: Planta baixa casa tipo B. (Fonte: Cohab).

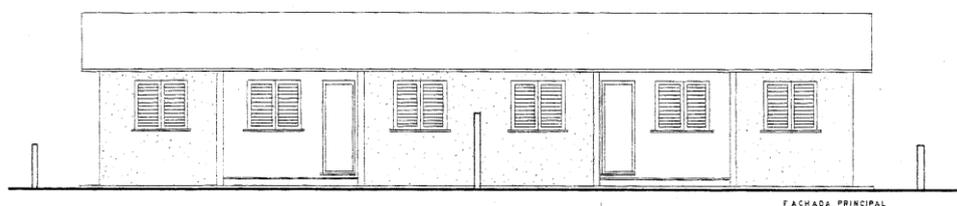


Figura 2: Fachada principal casa tipo B. (Fonte: Cohab)

As laterais e os fundos da casa eram quintais. Segue uma fotografia do período da construção do bairro.

³⁹ Somente foram construídas 24 unidades, divididas igualmente entre as três etapas.



Imagem 3: Fotografia da construção do Conjunto. (Fonte: MIS-CE)

Das 4.774 casas do José Walter, 1.614 eram de tipo A, 2.364 eram de tipo B, 568 de tipo C e 228 de tipo D. Segundo planilha de valores das casas,⁴⁰ datada de março de 1973, o valor final da Casa de tipo A era de 150.109,26 cruzeiros; o valor da de tipo B era de 183.924,58 cruzeiros; o valor final da de tipo C era de 214.295,23; e o valor final da casa de tipo D era de 249.890,62. O valor da mensalidade aumentava conforme fosse o valor da casa, porque os juros incidentes aumentavam conforme seu tipo fosse melhor.

A escolha do endereço da casa pelo morador se dava, geralmente, através de um sorteio na sede da Cohab. O próprio morador sorteava a casa onde ia morar, “colocando a mão dentro do saco” onde estavam os endereços das casas correspondentes ao padrão que lhe foi destinado.

Todas as narrativas referentes à obtenção da casa são sempre repletas de muita satisfação e sentimento de objetivo alcançado.

Dona Marlene e seu Betinho moravam no Lameirão, distrito de Mulungu, e, como tantos outros, se mudaram para Fortaleza, em 1969, em busca de vida melhor. Na época, eles já tinham Rossana, filha de dois anos de idade. Ao chegarem a Fortaleza, foram morar de aluguel no bairro da Serrinha. Para tirar o sustento, Seu Betinho comprou um carro em parceria com um cunhado seu e

⁴⁰ COHAB. Planilha de cálculo do valor de venda. Fortaleza, 13.03.1973.

passou a trabalhar de taxista. Em 1970, com a criação do Conjunto, vão para a Cohab inscrever-se para uma casa tipo “B”. Seu Betinho explica: “porque eu pensava que meu rendimento não ia dar para pagar uma de tipo “D”. E acrescenta:

Toda vida eu tive um pensamento comigo: se for pra eu me casar e morar de aluguel, eu vou te contar, é ruim demais, ficar com cacareco pra cima e pra baixo. Um dia eu ia arrumar uma casa preu não pensar em ter que sair dela. Quando eu arrumei uma casa dessa, eu disse: –“pronto, acabou-se tudo”. Só em ter uma casinha que era nossa. Meus amigos dizia: –“você é um maluco, como é que você vai morar num interior daquele lá, uma fazenda?” Eu digo: –“é isso mesmo”. Quando eu sorteiei, eu corri pra vim olhar onde era.⁴¹

O Sr. Victor, que morava de aluguel e passou 28 anos mudando-se de casa em casa em Fortaleza, disse ter sentido uma grande alegria ao obter aquela casa, que era sua, onde podia enfim alocar com tranquilidade toda sua família. E explica:

Então quem teve uma vida dessa, você imagina, começar lá nas salinas, arruinar isso tudim, Joaquim Távora, Montese, pra depois chegar aqui e saber que daqui só pro cemitério, que a casa vai ser sua. Então é uma sensação indescritível, que a gente sabe sentir, mas não sabe explicar. É uma sensação que hoje eu era mais alguém, porque eu tinha minha casa própria.⁴²

Dona Lucimar veio de Quixeramobim, ainda criança, com toda sua família, em 1967, e viviam de aluguel no bairro Jóquei Clube. Com o que ganhavam só puderam inscrever-se para a de tipo A; no entanto, como ela afirma “era a nossa casa”⁴³. E como o preço da mensalidade era menor que a de um aluguel, deu até pra família ir melhorando de vida, posteriormente compraram até um “carrinho”.

Ficou evidente, nas narrativas, que a obtenção da casa era facilitada quando se conhecia alguém *de prestígio* que pudesse interceder por estes na Cohab-Fortaleza. É o caso de seu Wilkens. Seu irmão trabalhava na Cohab e foi ele que lhe deu a ideia de tirar uma casa tipo M, na primeira etapa, e montar uma farmácia. Ele ainda pôde tirar uma casa tipo D, mas no nome de seu pai, para

⁴¹ Entrevista com Sr. Carlos Alberto Couto Silveira, conhecido como “*Betinho*”, 73 anos, em 12.04.2010. Migrante do Lameirão – Munlugu. Chegou a Fortaleza em 1969 e mudou-se para o José Walter em 1970.

⁴² Entrevista com Sr. *Victor* Ribeiro Neto, 86 anos, em 27.06.2008. Migrante de Acopiara, chegou a Fortaleza em 1942. É morador do bairro desde 1970. Notamos, a partir de sua fala, o movimento de afastamento das pessoas de baixa renda dos locais mais valorizados pela especulação imobiliária.

⁴³ Entrevista com D. *Lucimar* Gomes de Almeida, 57 anos, em 05.06.2008. Migrante de Quixeramobim. Chegou a Fortaleza em 1967, mudou-se para o Conjunto em 1971.

morar.⁴⁴ Dona Dalva, que havia depositado confiança na relação de trabalho estabelecida na cidade, viu-se decepcionada com seu empregador, ao perceber que depois de anos de dedicação ele a tinha enganado.

Dona Dalva teve sua casa arrumada por seu patrão. Depois de não ter dado certo morando na casa de conhecidos e pensando em voltar para o interior, o doutor da clínica onde trabalhava intercedeu por ela:

–“Dalva, por que você não tira uma casinha nos conjuntos que tem aí?” Porque na época os primeiros conjuntos era o Zé Walter e o Tabapuá. –“Sim, como é?”. –“Peraí”. Aí pegou o telefone e ligou. A chefona de lá era a Dona Terezinha. –“Terezinha, é que eu tô com uma moça aqui, a minha atendente, é uma pessoa muito boa, a família dela mora no interior e ela tá precisando de uma casinha pra morar aqui em Fortaleza. Eu não posso perder ela, que ela manda nos meus negócios tudim aqui”. Aí a Dona Terezinha: –“Pois manda ela vim aqui”. Aí quando foi no outro dia eu fui lá na Cohab, que era na época na Duque de Caxias, próximo a Praça do Carmo. Aí fui, minha filha, dessa viagem que eu fui, já saí com a chave pra vim olhar a casa. Eu olhei muitas casas bonitas aqui, casa nas avenidas, mas eu tinha medo de tirar casa em avenida que eu era muito medrosa; tinha medo de passar muito marginal. Eu achava que nas ruas era menos, e outra coisa também, de não poder pagar. Aí cheguei aqui tinha uma casa já reformada, ali embaixo; num quis porque tinha umas mata muito grande. Eu já tinha trauma com negócio de cobra, que, uma vez, eu deitada lá na nossa casa, lá na minha mãe, vi só uma coisa brilhosa: –“Ai mamãe! o que é isso?” quando veio olhar era uma cobra enorme, passando dentro de casa, em tempo de cair em cima da gente. Aí quando eu vi a casa bem ali: –“não, não quero não, porque é muito perto dos matos, as cobras vão entrar dentro de casa”. Toda vida eu tive mesmo; tenho medo de borboleta, de lagarto...⁴⁵

As experiências anteriores desses moradores vão delinear sua vida na cidade, contribuindo até mesmo na escolha da casa.

Sei que eu vi ainda um monte de casa. Aí entrei nessa daqui; quando eu entrei nessa casa, não tinha fio elétrico, não tinha teto, não tinha nada: –“Valha minha Nossa Senhora, se eu quiser essa casa, como é que vai ser?” Aí eu falei com uma senhora aqui: –“mulher, eu vim olhar essa casinha aqui, mas eu achei tão destiorada”. –“Não minha filha, mas eles ajeitam a casa”. Eu disse: “tá bom, vou ficar nessa daqui mesmo”. Na época, era só dois quatinhos, essa salinha aqui, essa área e a cozinha ali; pronto, ali terminava; pra lá foi que eu aumentei. Aí voltei na Cohab: –“fui olhar a casa, mas não tem nada, não tem instalação...”; –“não, minha filha, não se preocupe não, com oito dias, nós lhe entregamos a casa toda pintadinha, com telha, com madeira, com tudo”. E entregaram mesmo e com um murinho bem

⁴⁴ Entrevista com Sr. *Wilkens* de Almeida Ferreira da Ponte, 69 anos, em 07.01.2009. Migrante de Sobral, morador do bairro de 1970 a 1998.

⁴⁵ Entrevista com D. Maria Ferreira Maciel, conhecida como “*Dalva*”, 60 anos, em 10.04.2010. Migrante de Jenipapo – Pacajús. Veio pra Fortaleza em 1963 e mudou-se para o bairro em 1973.

baixinho, que eu não sei se você já viu, que às vezes ainda tem. Quer dizer, tudo isso ele me ajudou, porque se não fosse ele eu jamais tinha comprado uma casa aqui.⁴⁶

A casa que Dona Dalva queria estava abandonada e havia sido saqueada. Havia casas em piores situações que haviam sido invadidas como a da Dona Fátima, que se mudou para o bairro em 1974 e a Cohab teve que se responsabilizar em expulsar os moradores que a ocupavam.

Aqui na terceira etapa, na maioria das casas moravam pessoas que invadiram, inclusive a [casa] do meu pai quando veio comprar com um amigo lá de Guaiúba, que nós morávamos lá. Então quando nós chegamos aqui as pessoas ficaram com raiva, porque o meu pai escolheu a casa e era invadida e a pessoa que estava morando não queria sair. Aí como pertencia à Cohab, ela que botava as pessoas pra fora pra entrar quem realmente estava comprando e ia pagar rigorosamente em dias e tudo.⁴⁷

Os despejos se davam geralmente com inquilinos que estivessem em atraso com a mensalidade. Segundo levantamento feito pelo Conselho de Moradores e evidenciado no jornal *O Povo*,⁴⁸ a maioria dos inquilinos do Conjunto se encontrava em atraso e muitos já tinham abandonado as casas. Devido à necessidade dessa fiscalização e recuperação das casas é que se instala o Escritório da Cohab, no Conjunto, no ano de 1974.⁴⁹

Outro caso interessante foi o de Dona Dinah, que queria muito possuir uma casa tipo “D” e não “sossegou” enquanto não a conseguiu.

Eu fui muito humilhada. O nome dele me parece que era Dr. Humberto. Ele disse: “a senhora se conforme, que a senhora foi sorteada foi na casa “C”, a senhora num tem direito a “D” não. A “D” é pra gente boa.” Ele ainda disse assim! Aquilo me marcou... né?. Eu digo: “eu vou mostrar a esse homem como eu sou gente boa”. Aí eu fui atrás de político mesmo; eu tinha o meu cumpadre, que era casado com uma prima minha, o Walter Sá. Já morreram tudo. O Walter Sá Cavalcante morreu foi cedo. Sei que ele se interessou pela causa. Aí quando eu soube que era pra gente boa, eu saía era cedo, que a casa dele era lá no São Gerardo, porque político tinha que chegar ou bem cedinho, ou na hora do almoço e às vezes eles não iam... né?. Tinha que ir o mais cedo possível pra poder pegar na hora da saída. Pois é! Por intermédio dele foi que eu consegui, porque eu tinha me inscrito e eu tinha sido selecionada na casa “C”. A casa “C” era quase os mesmos compartimentos da “D”, só que não era

⁴⁶ Entrevista com D. Maria Ferreira Maciel, conhecida como “Dalva”, 60 anos, em 10.04.2010. Migrante de Jenipapo – Pacajús. Veio pra Fortaleza em 1963 e mudou-se para o bairro em 1973.

⁴⁷ Entrevista com D. Maria de Fátima Xavier Pires, 57 anos, em 29.04.2010. Migrante de Camará – Aquiraz, mudou-se diretamente para o José Walter em 1974, com os pais e dois irmãos.

⁴⁸ Banco de dados do Jornal *O Povo* – BDJP. “Cohab inicia despejo em massa no Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza, 13.09.1972, p. 06.

⁴⁹ BDJP. “Escritório da Cohab no Conjunto Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza, 17.05.1974, p. 05.

forrada, tudo era mais inferior, só que os compartimentos era o mesmo tanto. E o meu marido disse que só vinha pra cá se fosse pra essa melhor... Né?, que a gente vivia de aluguel, nunca ninguém teve casa não; aí foi que eu fui atrás do Walter Sá, porque eu tentei. Ele [Dr. Humberto] me botou pra fora bem umas duas vezes; que eu deixasse de mão; que eu me conformasse; que eu não tinha direito não a essa casa não; ficasse logo com “C”. E aí eu embirrei também. Agora também eu não fico, eu vou mostrar pra ele [rs]. Quando eu entrei na Cohab, que era lá na Duque de Caxias, aí o Walter dizia: “mulher num faz isso não”. –“eu vou mostrar a esse homem que eu sou gente boa”. Aí ele [Dr. Humberto] atendeu ele [Dr. Walter] e disse: “eu vou arrumar a casa pressa mulher pra ela me largar de mão”. Aí acabou arrumando essa casa, mas foi intermédio político, porque a minha renda não dava e eu acho que ele também implicou... né? Porque eu comecei a exigir. Do meio pro fim, ele disse: “eu não quero mais saber de nada não. Dê logo a casa pra essa mulher [rs].”⁵⁰

A atitude de Dona Dinah foi muito perspicaz, pois, compreendendo a que tipo de gente boa o Dr. Humberto se referia, tratou logo de ir atrás de alguém para interferir por ela. Outros moradores, como a Dona Aurelina, o seu Victor, a Dona Jersoniza também tiveram pessoas que intervieram a seu favor.

Após o momento de euforia pela obtenção da casa própria, os moradores perceberam que o preço a ser pago seria um pouco mais alto, pois teriam que lidar com as dificuldades infraestruturais do bairro. É verdade que vários moradores, ao se depararem com a realidade do Conjunto, resolveram devolver a chave da casa para a Cohab; no entanto, a grande maioria permaneceu. Julgamos que múltiplos fatores de cunho individual contribuíram para esta permanência, mas o principal motivo foi a possibilidade de possuírem um lugar que era seu.

1.4 A casa da Cohab

Embora a obtenção da casa própria se tratasse da realização de um sonho, muitas foram as reclamações referentes à sua estrutura. Estas não foram referentes a todos os tipos de casa presentes no Conjunto, pois nada se tinha para reclamar de mais grave com relação à casa tipo “D”, afinal ela era a única com caixa d’água e com forro. Mas, com relação às de tipo A, B e C, as reclamações eram sempre as mesmas, ficando difícil distinguir pela narrativa do morador a letra de sua casa.

⁵⁰ Entrevista com D. *Dinah* Góes, 88 anos, em 16.04.2010. Nascida em São José - Caucaia. Mudou-se para Fortaleza em 1954 com marido e dois filhos e para o bairro em 1970.

Aproveito aqui para registrar minha experiência enquanto moradora do José Walter. Quando meu pai reclamava da estrutura da casa, sempre escutava minha mãe responder: “Casa da Cohab... né? sabe como é!” E eu, ainda muito nova, não conseguia apreender o significado pejorativo do termo “Casa da Cohab”. Hoje, posso dizer que se referia, sobretudo, ao material utilizado para sua construção: paredes que mais pareciam ter sido rebocadas com barro (o cimento era quase imperceptível), construídas com tijolo branco, piso de cimento batido, janelas que se abriam para fora, e os principais, telhado de amianto e ausência de caixa-d’água.



Imagem 4: Piso de cimento batido.⁵¹



Imagem 5: Piso de tijolinho vermelho – presente somente nos quartos.⁵²

A fotografia seguinte foi tirada numa visita oficial feita pelo prefeito José Walter Cavalcante e nela percebemos as janelas que se abriam para fora.



Imagem 6: Visita às obras do Conjunto Habitacional Prefeito José Walter (Fonte: MIS-CE)

⁵¹ Foto tirada da casa de Dona Fátima, em entrevista realizada em 29.04.2010.

⁵² Foto tirada da casa de Dona Fátima, em entrevista realizada em 29.04.2010.

Segundo a socióloga Elza Braga (1995), a recessão econômica e a consequente redução da oferta de emprego influenciaram negativamente na arrecadação do FGTS. Isto, segundo a autora, teria forçado às Cohab's a contenção de despesas e, por isso, a necessidade de utilizar materiais de construção de baixa qualidade, procedimento que gerava aos futuros ocupantes sérios transtornos. Vejamos o que fala a dona Francisca sobre a sua experiência referente à casa que obteve:

–*E quando a senhora chegou aqui, a senhora gostou da casa?*
 –Não, não gostei, porque a minha casa de Juazeiro era boa demais. Quando eu cheguei, senti assim, o impacto; aquelas casinhas assim, de tijolinho comum, a janela aberta pra fora. A gente aos poucos foi construindo com muita luta.⁵³

Podemos imaginar os contratempos que uma janela que se abria para fora implicava. Primeiro, para fechá-las, era necessário ir para o lado de fora da casa ou esticar-se para puxá-las para dentro. Segundo, a falta de segurança, pois não se podia pôr grades externas. Alguns ainda colocaram grades internas, mas aí tornava-se obrigatório ir para o lado de fora da casa para fechar as janelas.

Pergunto então para Dona Francisca qual foi a primeira mudança que fez em sua casa. Ela respondeu:

–Uma área lá atrás pra gente ficar, porque ninguém agüentava ficar dentro de casa.
 –*Por quê?*
 –Porque era quente, a telha num deixava. Telha de amianto, que ainda hoje tem muito.⁵⁴

Essa percepção referente às casas do Conjunto só era possível pra quem tinha conhecimento de um tipo de moradia melhor, como era o caso de dona Francisca, que já havia morado numa casa, segundo ela, “boa demais”.

A Dona Marlene disse que seu marido comentava: “oh! minha filha, parece que nós estamos morando numa lata emborcada”, porque era “quente e baixinha”.⁵⁵ A casa tinha o pé direito baixo.

O Código Urbano da cidade regia, nos artigos 112 e 113, sobre a altura mínima dos pés-direito das casas. Segue abaixo:

⁵³ Entrevista com D. *Francisca* Soares Pérsico, 60 anos, em 11.06.2008. Nascida em Redenção, veio para Fortaleza em 1973. É moradora do bairro desde 1974.

⁵⁴ *Idem*

⁵⁵ Entrevista com D. *Marlene* Barros Silveira, 67 anos, em 12.04.2010. Migrante do Lameirão – Munlugu. Chegou a Fortaleza em 1969, mudou-se para o José Walter em 1970.

Art.112 - Nos compartimentos de habitação permanente ou prolongada, diurna ou noturna (salas, dormitórios, gabinetes, vestiários e escritórios), o pé direito mínimo será de 3m.

Art. 113 – Nas cozinhas, dispensas, copas, banheiros ou compartimentos de uso transitório, tais como corredores, sala de espera, hall, etc., o pé direito mínimo será de 2,60m.⁵⁶

As casas do José Walter tinham, em média, segundo plantas da Cohab, o pé-direito de 2,80m. O problema maior era que as telhas não eram de barro, e sim de amianto. O Código Urbano não proibia o uso de outras telhas, no entanto, ressaltava o seu uso, no parágrafo único, do artigo 170:

Parágrafo único – o emprego da telha de outras qualidades depende de aprovação da Secretaria Municipal de Urbanismo, de acordo com a natureza e destino do edifício.⁵⁷

Assim, cabia à Secretaria Municipal de Urbanismo verificar o pé-direito ideal na utilização de telhas de amianto, se é que seu uso deveria ser liberado, visto que hoje se sabe que seu material é cancerígeno.

Quanto à caixa d'água residencial, sabemos que somente a casa de tipo D a possuía, ou seja, 228 das 4.774 casas. Segundo o artigo 227 do Código Urbano, no entanto, era “obrigatória a instalação de uma caixa d'água construída de alvenaria, concreto ou metal não sujeito a formação de substâncias nocivas à saúde”.⁵⁸ Lei que não foi levada em consideração pela Cohab–Fortaleza.

Os moradores, aos poucos, iam modificando suas casas conforme julgavam necessário. Antenor Coelho (2007) chama tal iniciativa de arquitetura espontânea. Segundo o autor, esta se caracteriza por ser

(...) realizada sem nenhuma obediência a uma “cultura rígida”, ela é, ainda assim, carregada de relações culturais que as pessoas levam em consideração, de maneira involuntária, na produção do seu espaço. Em se tratando da casa, essas relações são tão estreitas que podemos dizer o indivíduo se traduz de sua obra construída. (COELHO, 2007, p. 51)

Coelho (2007) lembra ainda que, embora receba o nome de arquitetura espontânea, esta não é fruto do mero acaso, é sim carregada

de uma enorme quantidade de informações que fazem com que o Homem construa sua casa com aquilo que ele acredita dever ter dentro das suas possibilidades e prioridades. Uma maneira de produzir o espaço interno (individual) e urbano que pode não estar

⁵⁶ Secretaria Municipal de Infraestrutura – SEINF. Código Urbano. Lei Municipal 2004/ 1962.

⁵⁷ *Idem.*

⁵⁸ *Idem.*

submetidos às regras ditadas por um consenso técnico e social, mas que, em todo caso, responde a uma necessidade pessoal, familiar e, por que não dizer, do grupo. (COELHO, 2007, p. 34).

Os moradores iam modificando suas casas conforme culturalmente julgavam correto. Isso quer dizer que, embora a maioria dos moradores se descontentassem com os problemas das casas da Cohab, alguns aspectos podiam não ser um grande problema para um ou outro. É tanto que ainda é possível encontrar casas que não foram totalmente modificadas, o que, para mim, até o início da pesquisa, só se justificava pela falta de dinheiro para reformar. Até então, parecia que a opinião sobre o telhado de amianto era unânime; acabei, no entanto, me surpreendendo. Vejamos o que fala Dona Lenita.

-E o telhado?

-O telhado sempre foi assim de amianto; o pai nunca reformou não.

-E quando vocês chegaram...

-Já era assim.

-A casa que vocês moravam era de amianto ou era...

-Era telha de barro, telha comum.

-Vocês estranharam, porque faz muito...

Quando eu ia completar a frase com “fazia muito calor” Dona Lenita me interrompe e continua:

Faz muita zuada, quando chovia. Vixe! aqui é um barulho porque quando tá chovendo... né? [imita barulho da chuva] forte. A mãe hoje se ela for aumentar [a casa], ela não quer mudar, quer continuar com a mesma telha porque, e eu também concordo, porque essas telha [de barro] suja tanto; tanto suja como, quando tá chovendo, respinga. E os gato “véi” repuxa. Na minha opinião e na dela continuava a mesma telha.⁵⁹

Para Dona Lenita, a casa onde ela passou a morar era muito melhor que a anterior, no bairro Floresta, não somente por causa da telha, mas porque tinha chuveiro (o que foi uma grande novidade), porque podia ter mais privacidade (pois era maior) e, principalmente, segundo ela, porque pôde frequentar a escola, o que não fazia antes, pois a escola era muito distante de sua casa.

Notamos que os sentimentos que se formam e as memórias que se elaboram, dependem também das experiências anteriores e posteriores ao momento de chegada no Conjunto.

⁵⁹ Entrevista com D. Maria *Lenita* de Oliveira, 49 anos, em 30.05.2008. Nascida em Fortaleza e moradora do bairro desde 1970.

Desde que chegaram à Fortaleza, esses migrantes, em sua maioria, tinham como sonho a obtenção da casa própria. Conquistar a casa no Conjunto Habitacional Prefeito José Walter foi um momento de grande relevância para a vida de cada um deles. A alegria e o entusiasmo desse momento não deixaram passar despercebidos os problemas infraestruturais da obra, e aqui e ali, conforme a experiência de cada família, eram realizadas mudanças na moradia. Outros problemas, no entanto, os moradores não podiam solucionar diretamente. Assim era necessária a organização de todos na perspectiva de sensibilizar o Poder Público para que este tomasse providências que solucionassem os demais contratempos.

CAPÍTULO II – “De dia falta água, de noite falta luz”

A gente tinha até um lema: “De dia falta água, de noite falta luz...” Mas era verdade, a gente tinha que cavar cacimba pra tirar água pra beber. Tinha luz, mas não era em todo canto; faltava energia... dava problema porque num tava tudo terminado. A terceira etapa, onde a gente morava, na minha rua, só tinha nós de morador... né? Num tinha nada. Os ônibus, tinha um ônibus que vinha Mondubim–Siqueira, tinha só esse ônibus que fazia a rota pelo Siqueira e vinha pra cá e a gente tinha que se deslocar lá da terceira [etapa] pra vim apanhar aqui na segunda [etapa] (...) e num tinha nada que hoje tem aqui; aqui tudo era mato; a parte do lado de lá, também era mato; da avenida “I”, num tinha construção alguma. Então, era muito difícil. Mas como era a esperança de ter a nossa casa própria, a gente enfrentou, porque pagar aluguel naquela época já era difícil.⁶⁰

O Conjunto Habitacional Prefeito José Walter, ao contrário do que era proferido nas propagandas, foi entregue, como nos conta o Senhor Victor,⁶¹ *somente com as casas*. Sabemos que a questão da moradia não se trata da resolução do problema de onde morar, mas de “como” morar. Ou seja, não basta o Poder Público oferecer a casa; este deve preocupar-se mais ainda com a oferta de uma infraestrutura básica, como mercantis, posto de saúde, igreja, escolas, transporte público, água e energia. E em cada um destes aspectos, o “José Walter” possuía algum tipo de carência.

Interessa-nos perceber que meios os moradores criaram (a partir do conhecimento de mundo adquirido e experiências compartilhadas no novo lugar de morada) para tentar solucionar ou amenizar os contratempos.

2.1 A luz

Embora a falta de luz – energia elétrica – seja explicitada no verso “De dia falta água, de noite falta luz”, essa não se faz presente nem nas lembranças dos moradores nem nas reclamações encontradas nos jornais do período.

Existem, pelo menos, duas hipóteses para tal ausência. A primeira, é que os moradores poderiam não achar que a energia fosse algo prioritário para o cotidiano deles. Talvez, muitos se contentassem, como conta a Dona Lucimar, em

⁶⁰ Entrevista com D. *Lucimar* Gomes de Almeida, 57 anos, em 05.06.2008. Migrante de Quixeramobim. Chegou a Fortaleza em 1967, mudou-se para o Conjunto em 1971.

⁶¹ Entrevista com Sr. *Victor* Ribeiro Neto, 86 anos, em 27.06.2008. Migrante de Acopiara, chegou a Fortaleza em 1942. É morador do bairro desde 1970.

utilizar a energia quando tivesse e, além disso, não possuíam os inumeráveis eletrodomésticos que atualmente demandam o uso da energia.

Conversando com os moradores sobre os eletrodomésticos que possuíam ao se mudarem para o bairro, como também através de queixas feitas sobre furtos, pudemos fazer um apanhado dos eletrodomésticos utilizados pelos moradores, que demandavam o uso de energia.⁶²

As queixas concernentes a furto giram quase sempre em torno de bicicletas e de toca-fitas portáteis ou automotivos. No entanto, do morador Antônio de Pádua da Fonte, roubaram outros artigos que ajudam na confecção do imaginário dos objetos da casa:

uma enceradeira "walita"; um liquidificador "walita"; um ventilador "britania"; uma balança doméstica de 10 kls; uma espingarda "Amadeu Rossi", calibre 28; uma colcha de cama, marca "duso", dourada; um conjunto de malas "Nelsons", cor vermelha, três malas; dois cortes de tecido para homem; duas redes; quatro toalhas de banho; duas toalhas de rosto, uma lanterna "eveready" azul, a pilhas.⁶³

A enceradeira era o principal artigo de um morador do Conjunto. Afinal, todo morador que se prezasse tinha que estar com o chão de cimento bem encerado. Muitos utilizavam uma cera vermelha que deixava o chão ainda mais brilhoso; no entanto, deixava os pés de quem andasse descalço da mesma cor.

Lembro-me da estranheza que tive ao me deparar pela primeira vez com tal instrumento: foi quando voltamos a morar no bairro em 1993. Afinal, a casa onde morávamos, no bairro Montese, tinha piso, não precisávamos de enceradeira, além do que, para mim, ela era usada somente em filmes da televisão. Mas a que tínhamos e que era como a da maioria dos moradores, era grande, redonda, de ferro e, por isso mesmo, muito pesada, muito distante daquelas bonitas e que parecem ser tão fáceis de manusear. Tentei encerar algumas vezes a casa, mas a utilização da máquina exigia força e uma certa experiência, pois era muito difícil de manobrar; quando queríamos que ela fosse para um lado, ela ia pro outro.

⁶² Para facilitar nosso entendimento com relação aos objetos utilizados pelos moradores, seguem, no apêndice "A", os dados da "Pesquisa Nacional por amostra de domicílio" publicada em 1974 e que teve dados coletados em 1972. Embora ela seja muito generalizada, pois traz dados em conjunto dos Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Bahia, serve para termos noção dos eletrodomésticos que estavam de maneira mais presente no cotidiano das pessoas na década de 70.

⁶³ Arquivo Público do Ceará - APEC. Delegacia de Roubos e Furtos. Queixa nº 1.318, de 12 de abril de 1976.

O ventilador era outro artigo mais que necessário, por conta do telhado de amianto. A balança sugere que o Sr. Antônio fosse um vendedor ambulante de gêneros alimentícios. A espingarda e o conjunto de malas denotam, talvez, sua origem rural. O material de cama e banho poderia ser de uso pessoal ou comercial. E finalmente a lanterna. A lanterna poderia indicar mais um hábito da vida rural ou ainda a constante falta de energia no bairro.

Em primeiro de agosto de 1977, furtaram da casa do Sr. Manuel Camurça de Oliveira

um ventilador grande da marca “G.E.”, de cor azul, super luxo; uma espingarda de calibre 36, de cartucho, de seu irmão que é do Exército, deixando ferrolho da mesma; um gravador de Marca “National”, japonês; um moto-bomba de puxar água de $\frac{3}{4}$.⁶⁴

Dentre os itens furtados, a moto-bomba é outro item que fazia parte da cultura material dos moradores do José Walter; todos que não possuíam caixa-d’água a utilizavam, quando não sua, de algum conhecido, já que era o instrumento de mais fácil utilização para puxar água das cacimbas.

Com relação aos eletrodomésticos que demandavam o uso de energia, notamos que televisão não era o artigo de entretenimento principal. Era o rádio. Segundo dados do PNAD,⁶⁵ em 1972, enquanto 9,36% da população nordestina possuíam televisão, 43,88% possuíam algum tipo de rádio. Segundo o jornal da época, datado de 1º de julho de 1973, no “José Walter”:

A televisão e o rádio, este principalmente, gozam de prestígio no local. Quando é noite de lua cheia tem morador que cola o rádio portátil no ouvido, coloca a cadeira na calçada e fica ouvindo música de saudade.⁶⁶

Além de servir para escutar músicas e rádio-novelas, era através do rádio que o cidadão se informava dos acontecimentos a qualquer momento, pois, sendo portátil, só precisava das pilhas para funcionar em qualquer lugar. Somam, para isso, dois outros motivos de ser tão utilizado: o primeiro, cultural, afinal os mais velhos tinham maior intimidade e costume com ele; e o segundo, o fato de não demandar o uso de energia elétrica.

⁶⁴ APEC. Delegacia de roubos e furtos. Queixa nº 3.190 de 1º de agosto de 1977.

⁶⁵ IBGE. PNAD – 1972. 1974, p. 81. Tabela em anexo.

⁶⁶ Federação das Empresas do Transportes Rodoviários dos Estados do Ceará, Piauí e Maranhão - CEPMAR. Pasta: Nossa Senhora de Fátima. “Transporte é o maior problema de Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza, 01.06.1973, p. 10.

Dona Fátima relembra quando escutava radio-novela escondido de sua mãe:

Minha mãe assistia e eu ficava também escutando, era tão incrível imaginar aquilo sem que você seja vendo. Você está entendendo o que eu estou dizendo? Aquela cena, aquela voz, no rádio, que eu ainda tive de assistir, pouquíssimas vezes, claro, mas eu ainda vi minha mãe assistindo num rádio que, inclusive, depois que nós chegamos aqui, roubaram. Era o único aparelho de som que nós tínhamos, era esse rádio. Era a pilha, “Franklin”; até a marca do rádio eu me lembro. Portátil, mas um pouco grande, com o som bem potente. Pronto, aí nós ficamos sem o som porque roubaram. A minha mãe não tinha experiência, porque nós vimos do interior; lá podia deixar até as portas abertas à noite, e aqui não tinha a violência que tem hoje, mas já tinha. Entraram de dia; ela esqueceu a porta... foi rápido! Aí levaram o rádio. Era um rádio muito bom que meu pai tinha comprado.⁶⁷

Embora a maioria dos moradores, ao chegarem à cidade, não possuíssem televisão, reconheciam sua importância e tratavam de economizar para comprar uma, mesmo que, inicialmente, fosse uma pequena preto-e-branco. Seu Carlos conta que, ao chegarem a Fortaleza, compraram uma *televisãozinha preto-e-branco*,⁶⁸ a mesma que levaram para o José Walter em 1970. Dona Fátima, que se mudou do interior diretamente para o bairro do José Walter, conta:

Eu assisti muito televisinho. Eu assistia televisão nos vizinhos logo no ano que nós chegamos aqui, em 74. Nós não tínhamos televisão, nós não tínhamos geladeira. A geladeira ele [*seu pai*] comprou primeiro, aí depois, comprou a televisão, inclusive já foi até a cores, num era mais preto-e-branco, já era a cores, uma “Sharp”, 14 polegadas, a melhor televisão. Só quem tinha televisão a cores aqui [*nas proximidades*] eram nós. Aí muita gente ia assistir, principalmente, assim, na copa, que o pessoal fica muito empolgado. Depois todo mundo começou a ter.⁶⁹

A dona Dinah conta que ao vir para o José Walter, já veio com televisão em cores, porque tinha muitos filhos e era a maneira de entretê-los. Conta que, à noite, sua sala era lotada de gente que vinha assistir TV.

Assistir televisão na casa de vizinho era mais um momento de interação entre os moradores onde eles se sociabilizavam e conheciam mais intimamente os moradores das proximidades.

⁶⁷ Entrevista com D. Maria de Fátima Xavier Pires, 57 anos, em 29.04.2010. Migrante de Camará – Aquiraz, mudou-se diretamente para o José Walter em 1974, com os pais e dois irmãos.

⁶⁸ Entrevista com Sr. Carlos Iberê Nunes Olímpio, 55 anos, em 02.06.2008. Migrante de Icó, veio para Fortaleza em 1967. É morador do bairro desde 1970.

⁶⁹ Entrevista com D. Maria de Fátima Xavier Pires, 57 anos, em 29.04.2010. Migrante de Camará – Aquiraz, mudou-se diretamente para o José Walter em 1974, com os pais e dois irmãos.

De todos os eletrodomésticos, o que demandava mais energia, por precisar estar ligado em tempo integral, era a geladeira. Parece que boa parte dos moradores a possuíam mesmo que fosse inicialmente um frigobar. Dificilmente, era nova; sempre alguém conhecido dava uma usada. Segundo dados do PNAD-1972,⁷⁰ 10,88% das pessoas que tinham geladeira, possuíam-na de segunda mão. É verdade que existia também a geladeira a gás, mas esta já estava caindo em desuso. Então, percebemos que os eletrodomésticos utilizados a base de energia eram poucos, mas existiam em todas as casas.

Imaginamos também que, para esses eletrodomésticos, deveriam existir diversos locais que oferecessem serviços de reparo dentro do bairro, em vista da necessidade de rápido conserto e dificuldade de locomoção para outros bairros.

Segunda hipótese: não faltava energia toda noite, como conta o ditado. A falta de energia era esporádica; contudo o imaginário dessa falta de energia permaneceu devido à força do ditado. É tanto que a maioria dos moradores fala que não faltava energia constantemente, e sim eventualmente. Dona Fátima disse que:

Faltava energia, mas num era tanta não; era mais pra dá coisa ao bairro, que era um bairro que tinha sido recente inaugurado, faltava muito as coisas, aí botavam energia também, que até rimou... né? Mas faltava mesmo era água.⁷¹

Ressaltamos que este ditado, não pertencia somente ao Conjunto Habitacional Prefeito José Walter, pois também é presente no “Serviluz”, bairro formado por ocupação no litoral leste da cidade antes da criação do José Walter. Possivelmente, o ditado migrou com a ida de moradores deste local para o José Walter.

2.2. A água

Não obstante, a deficiência no abastecimento de água todos lembram no Conjunto. Muitas foram as situações de falta de água vividas pelos moradores do Conjunto durante os 11 anos da existência do problema. Houve momentos de pouca e muita escassez. O certo é que nunca, durante esse período, o fornecimento de água foi satisfatório. Nos periódicos e documentos oficiais do governo, a referência

⁷⁰ IBGE. PNAD-1972, 1974, p. 83.

⁷¹ Entrevista com D. Maria de Fátima Xavier Pires, 57 anos, em 29.04.2010. Migrante de Camará – Aquiraz, mudou-se diretamente para o José Walter em 1974, com os pais e dois irmãos.

ao problema era recorrente. Nos primeiros, ganha maior destaque a voz dos moradores que denunciavam a situação de calamidade que viviam; no segundo, sempre eram pronunciadas obras que tinham como missão e promessa pôr fim ao fornecimento precário de água no Conjunto.

O abastecimento de água no José Walter, em teoria, deveria funcionar da seguinte maneira: sair dos poços da Abreulândia indo direto para a caixa d'água do Conjunto, localizada na segunda etapa; daí, distribuída para as residências dos moradores, que pagavam uma taxa mensal única pelo acesso à água. No entanto, na prática, muitos problemas surgiram; o principal era que, em períodos de escassez de chuva, os poços da Abreulândia tinham seu armazenamento de água comprometido, ou seja, realmente não tinham água.

Dona Francisca fala que “a água era de noite, a água chegava à noite. De dia não tinha água. A gente tinha que lavar roupa de noite, juntar água em tambor, porque só tinha caixa-d'água numa casa, que era a “D”, e a gente num tinha condição”.⁷² Esse era um dos meios de tentar remediar a incômoda situação, acumular água em grandes reservatórios de plástico e isso muitos moradores fizeram. Outra saída, que foi feita em minha casa, como em muitas outras, foi a construção de reservatórios feitos com anéis de cimento. As pessoas o construíam abaixo de uma torneira geral, localizada geralmente na área da frente, para que, quando a água chegasse, o líquido caísse direto no reservatório.

Muitos outros recorreram, como foi o caso da família de Dona Lucimar, à construção de cacimbas⁷³ na própria casa, hábito que compunha provavelmente a experiência de vida de muitos deles, pois, segundo o “Anuário do Ceará” de 1971, 85% dos moradores da Cohab consumiam anteriormente água de “poços instantâneos ou cacimbas”,⁷⁴ o que teria mudado com a obtenção das casas produzidas por ela. Porém, no caso dos moradores do Conjunto José Walter, isso não mudou muito. Acreditamos que quem tinha conhecimento para construir uma cacimba ou tinha como pagar por isso o fez, pois estas traziam a grande vantagem de fornecer acesso ininterrupto à água.

⁷² Entrevista com D. *Francisca* Soares Pérsico, 60 anos, em 11.06.2008. Nascida em Redenção, veio para Fortaleza em 1973. É moradora do bairro desde 1974.

⁷³ Ainda hoje, andando pelo bairro, é fácil observar, na área das casas, a presença dos reservatórios e cacimbas desativados.

⁷⁴ BPMP. *Anuário do Ceará*, 1971, p. 94.

Logo na inauguração do Conjunto, uma caixa-d'água foi construída a fim de receber a água e distribuir para as demais residências; no entanto, esta não armazenava água suficiente, já em 1971, quando ainda boa parte das casas não estavam ocupadas. O bairro já racionava a água, que era distribuída em três horários: “das 6 às 9 horas, das 11 às 13 horas e das 17 às 19 horas.”⁷⁵ A água era liberada somente nos horários de pico; daí, a necessidade de os moradores terem sempre, em suas casas, baldes e vasilhames de grande capacidade para armazenarem a água que seria utilizada posteriormente.

A situação da adutora também promovia falta de água, pois os canos sempre estouravam, o que ocasionava falta por um período muito mais extenso, no qual os moradores se viam obrigados a recorrer aos vizinhos que tivessem construído uma cacimba. Foi o que aconteceu em junho de 1971, quando do estouro do cano da adutora.

Milhares de famílias do Conjunto Integrado de Mondubim desde segunda-feira à tarde não recebem água nas torneiras de suas casas porque estourou a tubulação adutora da Abreulândia, em Mecejana. O acidente ocorreu anteontem, quando um caminhão, transportando 40 toneladas de mercadorias, atingiu as instalações da adutora e causou a falta d'água nas casas do Conjunto. Filas se formaram. Hoje pela manhã na casa de esquina da Avenida A com a Rua 57, onde o morador instalou uma bomba. A distribuição d'água é gratuita. Porém, há quem venda a lata a 20 centavos e a 30. No Conjunto, as famílias protestam contra a falta d'água, porque o abastecimento é feito precariamente em determinadas horas do dia. Uma caixa com capacidade para 7 milhões de litros para distribuir água para um conjunto para calculadamente 20 mil pessoas não vem suprindo as necessidades e o povo passa a apanhar água nas lagoas infectas e até nos córregos de Mondubim, como acontece hoje.⁷⁶

O morador em questão é o Sr. Aluísio. Ele era conhecido na região pela benfeitoria de distribuir água da sua cacimba a quem precisasse. Ele se mudou do bairro. A senhora que comprou sua casa, no entanto, se negava a distribuir água para os vizinhos. Segundo os moradores sua cacimba secou pouco tempo depois.

Percebemos também que moradores que tinham acesso ao líquido, se aproveitavam para vendê-lo e ganhar algum dinheiro através da dificuldade vivenciada pela grande maioria dos moradores. A caixa-d'água em questão foi construída na segunda etapa do Conjunto; como já foi dito, esta não era capaz de

⁷⁵ BDPJ. “Milhares de família sem água no Conjunto de Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza. 30.06.1971 p.08

⁷⁶ *Idem*.

abastecer satisfatoriamente todo o Conjunto, sendo os moradores da primeira e terceira etapa os que mais sofriam com a falta de água. Outro reservatório de mesma capacidade começou a ser construído em 1971 no mesmo local, tentando assim minimizar os problemas.

Não demorou até se dizer que o gasto da água se dava porque os moradores consumiam água demais, acusando-os de desperdiçar o líquido com a jardinagem.⁷⁷ É verdade que se utilizava a água para cultivo em áreas e quintas; este hábito fazia parte do cotidiano dos moradores e trazia benefícios para o bairro.⁷⁸

Outro fator que ocasionava a falta de água no Conjunto era a falta de energia, que, nos primeiros anos, eram constantes; sem energia não se tinha como bombear água para as residências.

Desde o princípio, os moradores pediam que fossem instalados medidores nas residências; só assim se poderia pagar pelo que realmente se consumia. Na mensalidade de cada morador; era cobrada uma taxa fixa pela água consumida, pois, enquanto os moradores da segunda etapa tinham acesso a água com facilidade, pois a etapa ficava nas proximidades da caixa d'água central e era localizada numa região plana, os demais moradores da primeira e terceira etapa pagavam o mesmo valor pela água sem ter o mesmo acesso. No entanto, o BNH não permitia tal instalação, como explica o jornal abaixo:

O BNH não admite a colocação de hidrômetros, como não permite um sistema de esgoto, apenas o consumidor próprio de cada unidade residencial para que o Conjunto não se incorpore no esquema requintado de casas não populares.⁷⁹

Desta forma, todos os moradores eram obrigados a pagar a taxa de água que tinha o valor discriminado na mensalidade. Segue imagem do carnê de Dona Hilda, moradora do Conjunto, onde se percebe o valor discriminado referente ao pagamento da água.

⁷⁷ BDJP. "Falta de energia gera falta d'água no Conjunto de Mondubim". *O Povo*. Fortaleza. 03.08.1971, p. 02.

⁷⁸ O assunto será discutido no terceiro capítulo.

⁷⁹ BDJP. "Falta de energia gera falta d'água no Conjunto de Mondubim". *O Povo*. Fortaleza. 03.08.1971, p. 02.

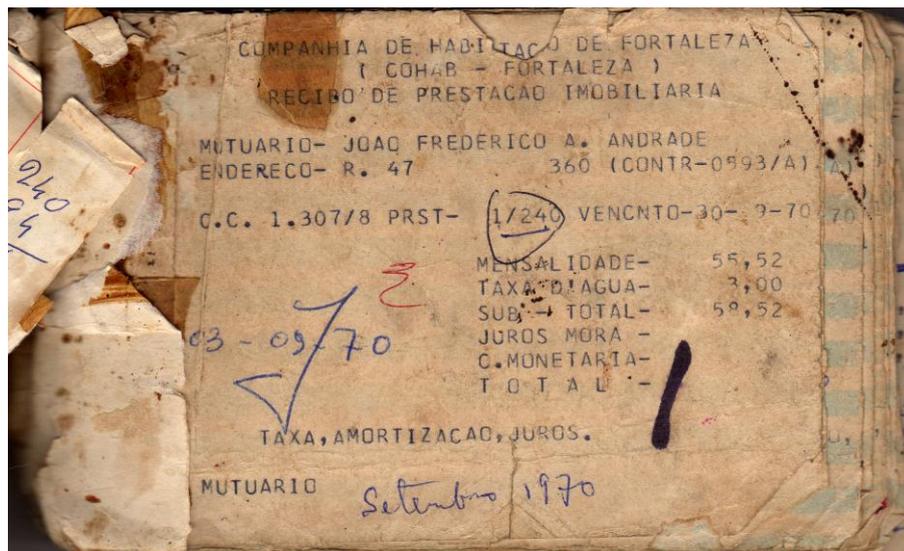


Imagem 7: Carnê de Dona Hilda.

Quem, por ventura, deixasse de pagar a mensalidade, tinha o acesso a água cortado pela Cohab, como destaca o jornal *O Povo* de agosto de 1971.

Já se tornou, informou Oto de Sá Cavalcante, o corte d'água, como primeira medida para os que atrasam até quatro meses nas prestações e os despejos para os que alcançam 10 ou mais meses de atraso no pagamento das mensalidades da compra da casa própria em Mondubim. Esse aspecto, disse, não preocupa a direção da Companhia uma vez que é grande a procura de casas em Mondubim.⁸⁰

Assim, em setembro de 1971, o número de residências sem acesso a água eram duas mil. Descaso que chamou a atenção da mídia mais uma vez.

Uma determinação da Companhia de Habitação de Fortaleza de bloquear o abastecimento d'água a todos os moradores em atraso com a prestação de suas casas, em Mondubim, deixou mais de mil famílias em apuros. (...). Centenas de unidades da segunda e terceira etapas não pinga o líquido desde agosto. A deficiência dos sistemas está levando os moradores a cavarem cacimbas em seus quintais, a poucos passos da fossa sanitária e do buraco que têm de abrir para enterrar o lixo.⁸¹

A construção da cacimba remetia a um conhecimento prévio; este era um hábito no interior e até mesmo em Fortaleza. Em muitos bairros periféricos, era necessário recorrer a este tipo de construção. O Código Urbano legislava sobre a construção de cacimbas na cidade:

⁸⁰ BDJP. "Falta de energia gera falta d'água no Conjunto de Mondubim". *O Povo*. Fortaleza, 03.08.1971, p. 02.

⁸¹ BDJP. "Falta d'água aflige duas mil famílias". *O Povo*. Fortaleza, 30.09.1971, p. 01.

Art. 228 – Nos lotes em que não haja redes d'água e esgoto será permitido poços ou cisternas para abastecimento d'água, observados os seguintes preceitos:

- a) – devem distar das divisas pelo menos cinco metros e ficarão de lado oposto e a distância superior de 15m daquele em que estiverem situados a instalação sanitária e afluentes das fossas e do lado montante destas instalações;
- b) – devem alcançar o primeiro lençol subterrâneo, dispondo no seu fundo de uma cama de 0,50m de areia lavada, cascalho e carvão vegetal;
- c) – terão a sua borda a 0,60m acima do nível do terreno circundante;
- d) – devem ser cobertos e ter instalações de bomba;
- e) – sujeitar-se às exigências dos serviços sanitários do Estado ou da União.⁸²

No entanto, imaginamos a dificuldade dos moradores em cumprir estas especificações devido ao tamanho do terreno da propriedade ou à falta de conhecimento dessas regras sanitárias.

O Conjunto, até outubro de 1971, possuía apenas uma caixa d'água que, segundo a Cohab, distribuía 750 mil litros de água por dia, nesta época, período em que a terceira etapa ainda não havia sido ocupada. O jornal *O Povo*, de 07 de outubro de 1971, afirma que seriam 100 litros por morador/dia,⁸³ quando, na verdade, levando em conta o número da população indicada pelos jornais da época, 20.000 residentes, eram fornecidos em torno de 37,5 litros de água por morador, tendo como base os 750 mil litros diários. Segundo o diretor da Cohab, José Ramos Torres de Melo Filho, o problema se dava mais uma vez devido ao gasto com fruteiras e plantas espalhadas pelo jardim e quintal das casas e devido a armazenarem o líquido em depósito próprio, costume que foi criado pela irregularidade no fornecimento, que, nesse período, era cessado, segundo o mesmo diretor, pela madrugada e ao meio-dia.

Em novembro de 1971, outra suspensão no fornecimento de água ocorre devido à inserção no sistema da outra caixa d'água com igual capacidade, 750 mil litros, perfazendo um total de acumulação de água de 1.500.000 litros. No entanto, na matéria do jornal *Tribuna do Ceará*, ainda é ressaltada a importância do controle da utilização moderada da água.

Explicou ainda que ao lado de algumas medidas técnicas que estão sendo adotadas pelos órgãos especializados, é preciso que seja desencadeada uma campanha educativa junto aos usuários, pois

⁸² SEINF. Código Urbano. Lei Municipal 2004/1962.

⁸³ BDJP. "COHAB explica crise de água de Mondubim". *O Povo*. Fortaleza, 07.10.1971, p. 02.

está ocorrendo uso desregrado da água, beneficiando a uns e prejudicando grande quantidade de pessoas. Conforme o nosso planejamento – disse – fornecemos, diariamente, uma quota de 100 litros d'água por residência, entretanto, há inúmeros casos onde a água vem sendo utilizada em quantidade superior a 300 litros por dia.⁸⁴

Dessa vez, há uma correção no cálculo. Na verdade, o racionamento era de 100 litros diários por residência, que continuaria mesmo com a instalação da outra caixa, o que comprova a incapacidade de geração de água pelo sistema da Abreulândia, especialmente nos períodos de escassez de chuvas.

Percebemos, então, a defesa da disciplinarização do uso da água por parte do Poder Público. Mas como os moradores podiam controlar esse consumo? Quando eles armazenavam a água em reservatórios, o controle se dava por conta da observação; só podia gastar o que se tinha. No entanto, a partir do momento que o líquido jorrava da torneira, do chuveiro, ou de qualquer outro instrumento moderno criado para nos dar mais “comodidade”, localizados em diferentes pontos da casa, o controle era perdido.

Somava ainda, para a utilização da água de maneira abundante, a inexistência de hidrômetros, que antes não foram instalados por irem de encontro aos preceitos do BNH, agora não eram cogitados, “por ser bastante caro e menos compensadora levando-se em conta que os próprios moradores os quebrariam, elevando os prejuízos que causariam no fornecimento d'água”.⁸⁵ Na verdade, era importante instalá-los para se ter uma noção do consumo de cada residência. Tratava-se também de uma questão de justiça com os moradores, que pagavam a taxa de água, mas não tinham acesso a ela. Parece que não havia interesse da Cohab em instalá-los visto que estes forneceriam dados que comprovariam a incapacidade do sistema de fornecer água aos moradores.

Outra reclamação concernente à água da Cohab era a sua insalubridade. Numa matéria de jornal, de 1973, a reclamação encontrada foi a seguinte:

Mesmo com as explicações da COHAB ninguém se conforma com a água no Conjunto: “Ela é barrenta e parece pedra úmida” – revela um morador, Outro intervém e fala: “Eles dizem que é remédio na água,

⁸⁴ BPMP. “COHAB diz que o defeito foi superado e água voltou ao Conjunto”. *Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 12.11.1971, p. 05.

⁸⁵ *Idem*.

mas tem muita gente que não bebe dela”. Um terceiro tem também sua reclamação: “Quase todo dia falta água aqui”.⁸⁶

A água era barrenta devido a ser pouca a quantidade de água nos poços, e quanto mais a água se encontra próximo ao fundo do poço pior é sua qualidade. Outra questão que pode ter contribuído para isso era a falta de limpeza dos poços, como também manutenção do encanamento de 16km. Segundo a “Mensagem à Assembléia” de 1973⁸⁷, medidas para reduzir o óxido de ferro na adutora já teriam sido tomadas no ano de 1972, como a construção de um aerador e a instalação, na adutora, de dispositivos que possibilitem rápida e periódica limpeza. Que parecem, no entanto, ter sido medidas ineficazes.

Nas entrevistas, apenas o Sr. Victor⁸⁸ ressaltou que esta água da Cohab era uma água salobra, ou seja, salgada. Isso acontecia por conta da proximidade dos poços da praia, acabando por ser contaminados pela água salgada. Quando isso acontecia, deixava-se de fazer extração de água do referido poço.

O fornecimento de água agravou-se ainda mais no final de 1973, quando a água que vinha da Abreulândia para abastecer o José Walter passou a ser utilizada também pelo Estádio Plácido Castelo Branco, segundo matéria de jornal:

O Estádio “Castelão” vai consumir 1,92 por cento do volume d’água aduzido para o Conjunto habitacional do Mondubim, mas o abastecimento do núcleo não será prejudicado, de forma alguma, segundo estudo aprovado para essa concessão.

No momento, o sistema de abastecimento d’água do Conjunto Habitacional de Mondubim fornece uma média diária de dois milhões e seiscentos mil litros, o que estimando-se uma população de 24 mil habitantes e considerando-se uma média de seis pessoas por casa, cada indivíduo recebe 150 e cada família 900 litros. Com a anexação do castelão, apenas dois litros por pessoa e 12 por família serão retirados desse total.⁸⁹

Agora, o José Walter já tinha capacidade de armazenar, como diz na matéria, dois milhões e seiscentos mil litros, pois além das duas caixas com capacidade de um milhão e meio, havia sido construído, na primeira etapa, uma cisterna com capacidade de um milhão e cem mil litros. Na verdade ninguém podia contar com essa capacidade de água somente porque existiam reservatórios com esta capacidade no José Walter. O que estava errado desde o principio era a

⁸⁶ CEPIMAR. Pasta: Nossa Senhora de Fátima. “Transporte é o maior problema de Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza, 01.06.1973, p. 10.

⁸⁷ Biblioteca Maria Olímpia Xavier – BMOX. Mensagem à Assembléia, 1973, p. 119.

⁸⁸ Entrevista com Sr. Victor Ribeiro Neto, 86 anos, em 27.06.2008. Migrante de Acopiara, chegou a Fortaleza em 1942. É morador do bairro desde 1970.

⁸⁹ BDPJ. “Conjunto do Mondubim abastece d’água o Castelão”. *O Povo*. Fortaleza, 21.09.1973, p.06.

capacidade de água que os poços localizados na Abreulândia podiam enviar. Muitos secavam nos períodos de estiagem e nunca mais brotavam água novamente, sendo necessário sempre a escavação de novos poços, cada vez mais profundos. Já em janeiro de 1974, reclamações são encontradas nos periódicos. O jornal *O Povo*, ao visitar mais uma vez o Conjunto, informou que havia “uma opinião geral de que o abastecimento d’água, que já era crítico antes, tornou-se gravíssimo depois que o sistema de poços da Abreulândia-castelão”.⁹⁰

Daí, em novembro 1975, a Cohab inaugura o sistema de racionamento, que ficou conhecido na memória de todos os moradores como “*água dia sim, dia não*”. Este sistema era utilizado sempre em períodos de estiagem ou quando os poços da Abreulândia não conseguiam armazenar água suficiente. O sistema funcionaria da seguinte maneira: nos dias pares do calendário, a água era liberada para a terceira e quarta etapas e, nos dias ímpares, para a primeira e segunda etapas, sendo a água liberada apenas três vezes ao dia.⁹¹ Sobre esta medida escreve o redator do jornal *O Povo*.

Sabemos que a direção da COHAB adotou a medida com o melhor dos propósitos. Afinal existe, de sua parte o desejo evidente de equacionar os problemas com que se defronta. Entretanto, não acreditamos que esse sistema de abastecimento d’água em dias alternados conduza a resultados satisfatórios, tanto mais porque contra ele labora até mesmo fatores de natureza técnica, como a baixa pressão da água nas partes mais elevadas do conjunto. Não custa, porém, tentar. Assim como não custa a COHAB mobilizar a sua reconhecida boa vontade na busca de soluções mais pragmáticas e definitivas. Essa pendenga da água do conjunto de Mondubim há que encontrar um fim, não é mesmo?⁹²

Em março de 1976, rompe novamente a Adutora que leva água ao conjunto; dessa vez, o rompimento acontece devido o excesso de chuvas. Em momentos assim, como já dissemos, era necessário valer-se das bombas dos vizinhos. Segundo o jornal *O Povo*:

Enquanto isto moradores do conjunto, inconformados com o problema, atravessam momentos realmente angustiantes, uma vez que o colapso é total, com as duas caixas sem um mínimo de reserva. As famílias mais precavidas, e de poder aquisitivo melhor, ainda estão passando com um controle absoluto da água de suas caixas. Outra parcela que tem bombas não toma conhecimento do

⁹⁰ BDJP. “Ônibus e água complicam a situação do Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza, 11.01.1974, p. 10.

⁹¹ BDJP. “COHAB-CE raciona água no Conjunto José Walter”. *O Povo*. Fortaleza, 15.11.1975, p. 06.

⁹² BDJP. “Água para o Conjunto”. *O Povo*. Fortaleza. 19.11.1975, p. 03.

problema e até serve a vizinhança, pois nessas horas sempre funciona o espírito de solidariedade de classes.⁹³

Em 1977, novamente, a adutora volta a se romper; desta vez, no entanto, o acontecido se dá às vésperas da inauguração do Centro Social Urbano, festa que contaria com presenças ilustres, inclusive com a do Presidente da República, General Ernesto Geisel.

Em 12 de maio de 1977, o Presidente chega a Fortaleza com o objetivo de participar de quatro inaugurações de prédios públicos no estado, dois deles em Fortaleza, sendo este o novo prédio da Assembléia Legislativa e o Centro Social Urbano Adauto Bezerra (CSU), localizado no José Walter. No jornal *Tribuna do Ceará* muitas são as empresas e instituições que escreveram notas de boas vindas ao Presidente. O mesmo se repete no dia 13 de maio, dia da partida de Geisel, agora, para desejar-lhe uma boa viagem de retorno a Brasília. Dentre a disputa por espaços propagandísticos no jornal e notícias que detalhavam o itinerário do Presidente, uma nota intitulada “Mondubim volta a ficar sem água” chama a atenção:

Em consequência das últimas chuvas, rompeu-se na manhã de ontem um cano da adutora da Abreulândia, à altura da lagoa da Precabura, nas imediações de Mecejana, comprometendo seriamente o abastecimento d'água para o Conjunto Habitacional Prefeito José Walter em Mondubim, onde habitam aproximadamente 5 mil famílias, afora estabelecimentos industriais e comerciais.⁹⁴

O jornal do dia seguinte, 14 de maio de 1977, traz mais uma notícia sobre o caso, porém, agora, de forma mais detalhada, contendo fotos das pessoas carregando baldes d'água, como também entrevistas com os moradores do bairro. Através dos relatos na matéria poderemos entender como eles se viam dentro do processo do qual faziam parte, uma vez que, neste caso, deixaram transparecer seus sentimentos, suas indignações, seus conflitos, assim como, seus valores e seus costumes.

⁹³ BDJP. “Água vai demorar no Conjunto Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza, 18.03.1976, p. 12.

⁹⁴ BPMP. “Mondubim volta a ficar sem água”. *Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 13.05.1977, p. 10.



Imagem 8: Crianças carregando água. (Fonte: *Tribuna do Ceará*)

Comum às respostas sobre a situação vivida no Conjunto é o esclarecimento de que o problema da água é algo constante no bairro, que o rompimento da adutora só veio a agravá-lo, como conta D. Rejane Oliveira Palmeira no jornal *Tribuna do Ceará* de 14 de maio 1977:

As coisas já são difíceis com o método de distribuição, imagina se isto é prolongado. Para os serviços de lavagem de roupa a gente apanha em cacimbas; às vezes dá para remediar. Para beber e pra alimentação, são outros cem mil reis. O que temos de fazer é deixar a vergonha de lado e pedir nas torneiras das vizinhas.⁹⁵

Podemos deduzir que D. Rejane não possuía nenhum meio de acesso à água em sua residência. Chama a atenção essa distinção entre água própria ou não para o consumo, denotando um discernimento que não apareceu nas falas dos demais moradores nesta matéria, nem ainda nas entrevistas realizadas hoje. Basta lembrar do que D. Lucimar nos conta: “a gente tinha que cavar cacimba pra tirar água pra beber”.⁹⁶ D. Rejane olhava com reservas o uso da água da cacimba, talvez por nunca tê-la utilizado ou por compartilhar do pensamento higienista moderno, que compreende que cacimbas construídas de maneira artesanal podem ter suas águas contaminadas pelas fossas próximas.

⁹⁵ BPMP. “Água continua sendo problema no Conjunto Prefeito José Walter”. *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 14.05.1977, p. 10.

⁹⁶ Entrevista com D. Lucimar Gomes de Almeida, 57 anos, em 05.06.2008. Migrante de Quixeramobim. Chegou a Fortaleza em 1967, mudou-se para o Conjunto em 1971.

Mais relevante ainda para nós é observar que, para obter água da torneira, D. Rejane teria que “deixar a vergonha de lado” e pedir às vizinhas. Fica implícito que a relação não era de todo harmoniosa, principalmente quando se tratava da cessão da água da torneira.

No entanto, podemos compreender porque este ato era mais complexo, visto que, enquanto a cacimba seria uma fonte mais perene, a que saia da torneira estava na caixa-d’água e quando era cedida, o dono da casa estava tirando a possibilidade do seu usufruto em prol do vizinho.

De tal modo, como seria a experiência de quem possui caixa-d’água com relação à falta de água no Conjunto? Observemos o que fala, na mesma matéria de jornal (1977), a D. Maria das Graças da Silva:

Sei que está faltando água, porque a todo instante é passando gente carregando baldes, latas. Aqui em casa estamos resistindo porque temos uma caixa, mas é poupando toda hora, visto que não sabemos até quando vai ficar com o problema no Conjunto. No lado da terceira etapa, é feia a situação do pessoal. A água nunca chega nas residências; isto no inverno. No verão, a coisa fica preta. Quando as casas têm caixa, a água não sobe. Às vezes, mal chega numa torneira da pia; é preciso colocá-la quase rente ao chão. Há oito anos moro no Conjunto e toda vida foi este negócio de falta d’água.⁹⁷

A matéria do jornal continua a apresentar as falas dos demais moradores, dando a eles o papel de denunciar a realidade vivida no bairro. Quem sabe, imbuída de um desejo de demonstrar imparcialidade. Desse modo, nos traz o relato de D. Terezinha Rocha de Oliveira, que assevera a tensão em torno do problema da água na mesma matéria exibida no *Tribuna do Ceará* em 14 de maio de 1977:

Toda vez que falta água, o pessoal vem aqui em casa apanhar na torneira do quintal. (...). Eu tenho muitas fruteiras no quintal, zelo pelas minhas plantas com o maior cuidado do mundo. Quando falta água tem gente que não entende e manda crianças vir aqui, então, estragam tudo, inclusive já me deram prejuízos de peças de motor, prejuízo grande. O meu marido é que não gosta de ver gente entrando e saindo nesta confusão, mas eu gosto de servir os amigos, tenho prazer nisso. Já pensou uma casa com crianças e nenéns, tendo que lavar fardamentos, fazer comida na hora certa, sem um pingo d’água? É de deixar uma dona de casa louca. Pertinho de casa tem uma cacimba na calçada, mas a dona da casa que mandou construir não permite que ninguém puxe água. É até fechada com

⁹⁷ BPMP. “Água continua sendo problema no Conjunto Prefeito José Walter”. *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 14.05.1977, p. 10.

cadeado. Desta vez o pior é que os moradores não foram avisados, se isto acontece, a gente guarda um pouquinho e fica poupando.⁹⁸

Segundo Célia Lucena, o morador da periferia que vive na cidade grande está diariamente habitando espaços que demandam atitudes diferentes; enquanto, no trabalho, ele deve pensar de maneira *individualizada*, na periferia onde mora, deve pensar e agir de maneira *coletiva*. Esta tensão é perceptível na fala de D. Terezinha, pois não deixa de relatar os prejuízos e incômodos gerados a ela e ao seu marido, que reclama da perda de privacidade dentro de sua casa. No entanto, ela não deixou, por conta dos contratempos, de prestar ajuda aos vizinhos, afinal, a vida em comunidade trata-se de uma rede de solidariedade embasada no preceito de que se ajuda hoje para receber amanhã. Percebemos, também através da denúncia realizada por D. Terezinha, que nem todos os moradores se compadeciam facilmente com a situação dos demais, pois não se sentiam obrigados a distribuir a água que possuíam.

A falta de água, no entanto, não era vista como um mal absoluto. Presente nas lembranças dos moradores, as “lavadeiras da lagoa”, mulheres que ganhavam seu sustento a partir da lavagem de roupa e que, de certa forma, se beneficiavam da escassez de água, pois, como lavar roupa em casa demandava grande quantidade deste líquido, era preferível economizá-lo e pagar alguém para realizar o trabalho na lagoa, fonte de água abundante e gratuita.

Melhor ainda quando não era necessário pagar por essa lavagem de roupa; isso acontecia quando alguém de casa se disponibilizava a ir lavá-las na lagoa. Assim, os mais jovens, com este ensejo, aproveitavam para se divertir tomando banho nas águas da lagoa. Como nos conta D. Lenita:

Quando faltava água, era a nossa, como é que se diz, era o nosso lazer. Porque tinha essa minha prima que morava aí, ela sempre lavava também. Era dia de sábado, a gente sempre gostava mais de ir era sábado. A gente fazia aquela trouxa, botava na bacia, botava na cabeça. Ia de biquíni já preparada pra tomar banho depois que a roupa tivesse enxugando, porque a gente já vinha com a roupa enxuta. Enquanto ela tava enxugando, a gente tava tomando banho. Mas era muito divertido, o pessoal levava, tipo aqueles piquenique, o pessoal levava comida, bebida (...). Tinha até carro, o pessoal botava uns carros lá.⁹⁹

⁹⁸ BPMP. “Água continua sendo problema no Conjunto Prefeito José Walter”. *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 14 de maio de 1977, p. 10.

⁹⁹ Entrevista com D. Maria *Lenita* de Oliveira, 49 anos, em 30.05.2008. Nascida em Fortaleza e moradora do bairro desde 1970.

Desta maneira, os encontros nas lagoas eram um importante momento de sociabilidade tanto para as lavadeiras como para os mais jovens. Eram também uma maneira de criar uma relação com o espaço e entre eles como moradores do Conjunto.

Dona Lenita, apesar de ter nascido em Fortaleza, ficou maravilhada ao chegar ao Conjunto e se deparar com o chuveiro que saía água, pois, no bairro onde morava, o Floresta, “a água era na bomba”. D. Lenita fazia parte daqueles 85%¹⁰⁰ dos moradores da Cohab que consumiam, anteriormente, água de “poços instantâneos ou cacimbas”. Confirmamos, então, que, apesar de todo o ideário de modernidade, outros lugares da cidade também demandavam a construção de cacimbas para se ter acesso a água. Na verdade, diversas temporalidades habitavam Fortaleza.

Ressaltamos que a construção de cacimbas não se trata somente de uma necessidade, ela é também um costume. O homem que já possui experiência com a construção e utilização dela pensa: por que pagar pela água se eu posso tê-la de maneira gratuita e perene no meu quintal? Enquanto o pensamento do homem moderno estaria mais preocupado com a procedência da água e sua higiene. Então, o que percebemos é que, embora a urbanidade queira de todas as formas liquidar atitudes ditas do campo, consideradas atrasadas, estas permanecem porque os que se mudam para a cidade trazem consigo uma bagagem cultural que não desaparece, torna-se ainda mais evidente pela percepção dos contrastes.

A Cagece

Desde os primeiros anos do Conjunto que se cogitava a instalação do sistema de água oferecido pela Companhia de Água e esgoto do Ceará (Cagece); no entanto, somente em 1977, as autoridades parecem ter-se sensibilizado e percebido que este era o único meio de solucionar a falta de água no Conjunto José Walter. Somou-se a isso o crescimento da atuação da Companhia em todo o Estado, popularizando o serviço de água tratada. Desta forma, sob mais um período de escassez de água, em dezembro de 1977, o Governador do Estado, Adauto Bezerra, promove acordo entre a Cohab e a Cagece para que, enfim, o sistema seja instalado.

¹⁰⁰ BPMP. *Anuário do Ceará*, 1971, p. 94.

Na noite de terça-feira, no palácio da Abolição, o Prefeito entregou ao Governador memorial acompanhado de abaixo-assinado em nome de mais de dois mil residentes ao secretário de obras, Luís Marques. Ficou decidido um plano com soluções a curto e médio prazos. Ontem à tarde, técnicos da Cagece e da COHAB realizaram reconhecimento do sistema de distribuição do Conjunto, atualmente abastecido por 16 poços da Abreulândia e que servem também ao Castelo e ao Centro Social Urbano Aduauto Bezerra.

“Todos os anos, o nível dos poços baixa e se repete o problema do Mondubim. Qualquer poço que venha a ser cavado em complementação representará um mero paliativo porque somente a incorporação ao sistema da Cagece resolverá a situação”, esclareceu um dos diretores da COHAB. Esta ligação ao Acarape, acrescentou, somente será possível com a entrada do sistema do Gavião.¹⁰¹

A solução daí dependeria de quando o sistema do Pacoti-Gavião-Riachão ficasse pronto, para que, deste, se pudesse transportar água para Fortaleza e para o José Walter. O sistema, que seria integrado ao do Acarape, responsável até então pelo abastecimento da cidade, iria suprir as necessidades da cidade até 1994, quando seria feita uma nova expansão, que, segundo cálculos, abasteceria a cidade para além do ano 2000.

O anúncio de que o sistema iria ser instaurado gerou grande expectativa tanto nos moradores quanto na imprensa local, que aguardavam ansiosos a resolução do problema. Desta forma, reclamações continuaram a ser realizadas de maneira ainda mais veemente; em todas, procurava-se deixar as dificuldades ocasionadas pela falta de água e o consentimento com a instalação do sistema da Cagece. Segue matéria publicada no jornal *O Povo* de dezembro de 1977.

A Sra. Célia Mesquita Pinheiro, por exemplo, residente da avenida I, casa 10, disse que há mais de 15 dias não há água em sua casa, fazendo com que ela se abasteça no vizinho. “A sorte – diz-ela – é que meu marido trabalha na Sumov,¹⁰² e traz o carro pipa de lá para botar um pouco d’água em casa”. Dona Eunice fazendo pequena reforma em sua residência, mostrou-nos a água suja fornecida pela COHAB, dizendo que “só serve para lavar as coisas e o banho”. A água para beber e fazer a comida é da cacimba que mandou construir, de onde ela tira para dar a muita gente, conforme me disse.

O Sr. Narzário Ferreira Lima, inspetor de polícia lotado no 8º distrito, e morador da Avenida B, casa 320, não criticou muito o abastecimento d’água do conjunto, mas não negou a situação “um pouco difícil” dos seus moradores. Ele também fazia reforma em sua casa e disse que a quantidade de água que recebia era o suficiente

¹⁰¹ BDP. “Governador promete solucionar falta de água no Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza, 01.12.1977, p. 22.

¹⁰² Superintendência Municipal de Obras e Viação.

para aquela obra e para alguma coisa mais. “A vantagem é que pagamos a COHAB uma mensalidade de apenas Cr\$12,00 por mês, quando Cagece cobra talvez mais de Cr\$ 40,00” disse ele. Apesar disso, Nazário apontou o abastecimento pela Cagece como a única solução para o problema da falta d’água do conjunto José Walter.¹⁰³

Notamos que, mesmo tomando conhecimento de que a tarifa da água aumentaria, os moradores eram a favor da instalação da água oriunda da Cagece. Outra matéria trazida pelo jornal traz a fala de um morador que retrata a situação vivida nos oito anos que morava no Conjunto e seu entendimento de que a melhor opção para o conjunto era o fornecimento de água através da Cagece:

O funcionário público Heraldo Maia da Cunha, residente na casa 10, da Rua 15, acha que a solução do problema é o fornecimento através da Cagece. Segundo ele, a situação é difícil, pois “a água aqui é dia sim, dia não”. Continuando, ele lembrou: “para você ter uma idéia da dimensão do problema, em oito anos que moro aqui, apenas duas vezes consegui encher minha caixa-d’água. Portanto, a solução seria o fornecimento pela Cagece, pois não há problema sem solução”.

Ironicamente, naquele momento, tocava no rádio do carro do Heraldo Maia a marchinha carnavalesca “Lata d’água na cabeça”¹⁰⁴ do que se aproveitou para dizer “tai, a situação dos moradores daqui é essa aí, lata d’água na cabeça”. Ronia da Cunha, esposa de Heraldo, rindo da coincidência, lembrou ainda que de toda aquela rua, a n°15, somente três casas não têm cacimbas.

A escassez d’água no Conjunto Prefeito José Walter não é sentida somente dentro de cada uma das casas ali localizadas. O problema se revela nas próprias ruas, onde a arborização e os canteiros ou jardins estão ressequidos e amarelados pela falta de água e de tratamento.¹⁰⁵

A falta de água no Conjunto José Walter mudava não só o cotidiano das pessoas, mas também o cenário das ruas, com pessoas carregando baldes e fazendo filas nas calçadas. Mudava o aspecto das árvores e plantas do canteiro das ruas, que ficavam secas, pois não sobrava água para aguar as plantas da casa e da calçada.

A integração do sistema Pacoti–Riachão e o Sistema Gavião ao Sistema do Acarape, em 1979, foi adiada mais uma vez. Tentando amenizar o problema, a

¹⁰³ BDP. “Moradores do Mondubim reclamam da água fornecida pela COHAB”. *O Povo*. Fortaleza, 05.12.1977, p.16.

¹⁰⁴ A música citada foi composta por Luís Antônio e Jota Júnior; intitula-se “Lata d’água”. Segue a letra: “Lata d’água na cabeça./Lá vai Maria, lá vai Maria:/Sobe o morro e não se cansa./Pela mão leva a criança./Lá vai Maria./Maria lava roupa lá no alto./Lutando pelo pão de cada dia./Sonhando com a vida do asfalto./Que acaba onde o morro principia.”

¹⁰⁵ BDP. “Nem cacimbas solucionam a falta de água no Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza, 30.01.1978, p. 07.

Cohab decide, em agosto de 1979, perfurar mais 15 poços na Abreulândia.¹⁰⁶ Devido à calamidade, o então diretor da Cohab, Gladston Peixoto Cavalcante declarou que o Estádio Castelão não seria mais abastecido com água oriunda da Abreulândia. Para ele,

(...) o abastecimento do Castelão pelo sistema das empresas “era totalmente desconhecido, razão por que tomarei medidas imediatas no sentido de que isso não continue. Em se tratando de atender a comunidade, toda e qualquer prioridade deve ser dada a ela. Os outros problemas são secundários” afirmou. Gladston fez uma promessa aos habitantes dos Conjuntos Habitacionais e que deve ser por isso mesmo cobrada. “Até o fim do ano resolverei em parte os problemas deste setor”. Declarou.¹⁰⁷

No entanto, a medida, se foi tomada, não veio acalantar o problema. Em novembro do mesmo ano, a notícia de falta de água no Conjunto era novamente exposta na imprensa. Desta vez, segundo matéria do jornal *O Povo* de 29.11.1979, o racionamento, segundo os moradores, chegava a ser de até 5 dias.¹⁰⁸ Outra medida, tomada em 1979, foi a inauguração da caixa-d’água da terceira etapa na tentativa de amenizar a situação da população do bairro como um todo; porém, segundo jornal *O Povo* de 13 de junho de 1980, a caixa-d’água apresentou um “misterioso vazamento”¹⁰⁹ e não veio a funcionar.

Em julho de 1980, a construção dos canais que levariam água do Sistema Pacoti-Riachão para Fortaleza foi iniciada; a tubulação passava nas imediações do Conjunto, no entanto nenhum órgão tinha ainda afirmado que estas seriam desviadas para o José Walter. O jornal *O Povo* de 30.11.1980 afirma que:

Levantamentos já procedidos indicam que mais de 80 por cento dos moradores, já consultados, manifestam-se em favor da mudança, assegurando à Cagece um volume bem maior de usuários do que os do Conjunto Industrial.

Em síntese – eis um projeto que todos desejam: a COHAB, a Cagece e os promitentes-compradores. Por que, então, não se fecha logo o negócio?¹¹⁰

No final de 1980, mais uma vez devido à escassez de água ocasionada pela falta de chuvas, o problema se repete; as matérias de jornais parecem ainda

¹⁰⁶ BDJP. “Centro e José Walter novamente sem água”. *O Povo*. Fortaleza, 16.08.1979, p. 09.

¹⁰⁷ BDJP. “COHAB promete acabar com a falta de água nos conjuntos”. *O Povo*. Fortaleza, 14.10.1979, p. 28.

¹⁰⁸ BDJP. “Está faltando água no Conjunto José Walter”. *O Povo*. Fortaleza, 29.11.1979, p. 22.

¹⁰⁹ BDJP. “Água, Cagece e COHAB”. *O Povo*. Fortaleza, 13.07.1980, p. 03.

¹¹⁰ BDJP. “Continua a falta d’água na Cidade José Walter”. *O Povo*. Fortaleza, 30.11.1980, p. 15.

mais incisivas com relação à solução do problema. Em novembro de 1980, o jornal *O Povo* visita mais uma vez o bairro e os moradores destacam a seguinte situação:

Maria José de Souza Silva, residente na Avenida G, casa 31, afirmou ao POVO que mora ali há exatamente quatro anos e nunca teve o prazer de ver a água fluir das torneiras da casa. E para a caixa d'água, nem se fala, acrescentou ela. Disse ainda que consome água da vizinha, que construiu uma cisterna muito baixo do nível do chão e que por isso consegue captar quantidade suficiente para seu gasto, cedendo um pouco para os vizinhos que não têm condição para fazer o mesmo.

“Mas a gente continua pagando à COHAB e quando fazemos qualquer reclamação eles dizem que não têm nada com isso, que o problema não é deles. Só não dizem de quem é” – afirma.

“Antes de faltar água, totalmente aqui em casa, adianta ela, a gente aparava na torneira de entrada, que fica localizada no jardim. Mas, de três dias para cá, a água nem pinga. E o pior é que não temos a quem fazer reclamação.”¹¹¹

Com o passar do tempo, vendo a situação não melhorar, no dia 07 de dezembro, os moradores resolvem fazer a “passeata da lata vazia”, como uma forma de manifesto à situação vivida no Conjunto durante os seus 10 anos de existência, em que o problema da água esteve presente. Como podemos ver na matéria do jornal *O Povo*, que trás o protesto em destaque. A luta é para que o José Walter fosse ligado ao sistema Pacoti- Riachão:

Atualmente estão sendo colocados ao longo do Conjunto canos de grandes raios que estão ligados ao Sistema do Gavião. Com a ligação da distribuição d'água do Zé Walter a esse sistema, fatalmente o problema da falta d'água desapareceria na área, como ocorre com o Conjunto Industrial onde existe tal ligação. O atual sistema de distribuição do Conjunto José Walter, que vem de Abreulândia, poderia facilmente ser aproveitado com pequeno ônus para a Cagece.¹¹²

A indignação com a taxa de água cobrada pela Cohab, mesmo no período de escassez de água, deixava os moradores cada vez mais inconformados. Na mesma matéria do jornal *O Povo* de 07.12.1980, os moradores destacam os contratempos gerados com o problema da água ao longo dos anos:

“Faz oito anos que moro aqui, pago água todos os meses, posso provar com meus carnês, mas nunca tive água. Quando o inverno é bom tem água, quando é escasso uma coisinha, deixa de existir a água, mas ninguém deixa de pagar todos os meses” (José Eleutério da 1ª etapa)

¹¹¹ BDJP. “Está faltando água na Cidade José Walter”. *O Povo*. Fortaleza, 30.11.1980, p. 15.

¹¹² BDJP. “Conjunto José Walter quer solução para falta d'água”. *O Povo*. Fortaleza, 07.12.1980, p. 07.

“É uma injustiça termos que pagar uma taxa pelo abastecimento d’água que não existe. Parece mais negócio de comerciante desonesto que cobra um preço por um produto e não entrega a mercadoria completa”. Antônio Fagundes Silveira, morador da 1ª etapa.¹¹³

Uma semana depois desta matéria, o jornal *O Povo* retorna ao bairro para verificar a situação dos moradores. Esta matéria destaca-se por não ter a fala de nenhum morador citado diretamente ou indiretamente. É uma matéria longa, que faz um retrospecto da situação vivida e solicita a solução dos problemas vividos pelos moradores através da ligação do Conjunto ao sistema da Cagece:

Está fazendo uma semana, precisamente hoje, que O POVO publicou uma longa e detalhada reportagem sobre a situação aflitiva em que se encontram cerca de 30 mil famílias do Conjunto Prefeito José Walter, enfrentando a falta d’água, agora consideravelmente agravada em virtude da crise identificada no sistema de bombeamento de Abreulândia.

Não exageramos ao afirmar que o problema tem a mesma idade do Conjunto, isto é: as deficiências surgiram logo em seguida à ocupação das primeiras residências, sem que, ao logo do tempo, fossem adotadas providências cabíveis em favor dos mutuários. (...)

Por último, o problema do abastecimento agravou-se a tal ponto que o atendimento não beneficiava nem mesmo as torneiras localizadas ao nível do chão, e portanto, sem capacidade de suprir até mesmo as cisternas. Muitos artifícios foram adotados pelos promitentes-compradores, como por exemplo, a acoplagem de bombas centrífugas nos canos da rede. O insucesso da iniciativa, porém, foi total, porque, afinal de contas, tudo se resumia no fato de que realmente não havia água.

Dentro de igual espaço de tempo verificou-se o mesmo estado de coisas na terceira etapa. Dizendo melhor: a água foi sumindo aos poucos, até que um dia as torneiras pararam de pingar. A segunda etapa, no entanto, continuava sendo uma exceção, certamente porque é ali que as grandes caixas d’água se localizam: uma área de vazão, de atendimento natural e obrigatório.

Esta era a situação há oito dias passados. Porque agora, e também na segunda etapa, a situação é das mais difíceis. Principalmente, em virtude da diminuição do lençol freático de Abreulândia, reduzindo, consideravelmente, o volume de água captada. E a tendência é para pior, se não ocorrerem chuvas com a brevidade desejada. Nos dois últimos dias, embora chegando ao nível das torneiras dos jardins, a água não teve força para subir às caixas d’águas das residências. E ninguém se admire, conseqüentemente, se todo o sistema de distribuição entrar em colapso, deixando todos, indiscriminadamente,

¹¹³ BDJP. “Conjunto José Walter quer solução para falta d’água”. *O Povo*. Fortaleza, 07.12.1980, p. 07.

sem atendimento, mesmo o precário atendimento que vem sendo dado ao Conjunto.

O mais absurdo e injustificável de tudo isso é que as autoridades responsáveis – da COHAB e da Cagece – comportam-se como se não devessem nenhuma explicação, como se não tivessem urgência, soluções para resolver o problema.

Não custa esclarecer, por exemplo, que o Conjunto Industrial, não muito distante do Conjunto Prefeito José Walter, pois, como se sabe, as tubulações da Pavuna e do Açude Gavião passam ao lado e pela sua frente havendo condições de total aproveitamento do sistema já existente.

A Cagece, como se torna evidente procederia a desativação do sistema de bombeamento, passando a fazer a ligação da água diretamente nas redes de distribuição do próprio conjunto. Por sinal, uma solução que os moradores aprovam, como já tivemos oportunidade de constatar.¹¹⁴

À medida que o tempo passa, e o problema não é solucionado, alguns moradores acabam utilizando-se de métodos excusos para obter a água. Em novembro de 1980, uma moradora resolve pagar para desviar água, que abastecia uma rua inteira, para a sua casa. O acontecimento foi noticiado no jornal *O Povo* de 18.01.1981:

A crise atual começou há dois meses, quando uma das moradoras pagou a um empregado da COHAB a importância de Cr\$1.200,00 (e muitos já fizeram o mesmo) para ter água da rua em sua casa. Ele cortou a tubulação na esquina da Rua 66 e com isso prejudicou cerca de 120 famílias, favorecendo poucas casas. O bombeiro Moura, do escritório da Companhia, no Conjunto, afirma ter feito o serviço por ordem do engenheiro Ubirajara, mas os moradores não conseguiram, apesar dos esforços, localizar o engenheiro. A informação do órgão é de que somente o engenheiro poderá resolver o impasse.¹¹⁵

Tudo indica que as relações pessoais estabelecidas com o referente engenheiro tenham proporcionado esta regalia à moradora da terceira etapa. É verdade que, nesse período, a terceira etapa passava por sérios problemas devido às faltas de chuva; até mesmo o Corpo de Bombeiros,¹¹⁶ localizado na terceira etapa, estava sem água. A solução era se cotizar com os moradores e pagar aos bombeiros pelo caminhão de água que buscavam na sede da Cagece. O caminhão com oito mil litros de água custava Cr\$1.200,00.¹¹⁷ Outra saída era pagar garotos

¹¹⁴ BDJP. “Água, o problema que se agrava a cada dia”. *O Povo*. Fortaleza, 14.12.1980, p. 03.

¹¹⁵ BDJP. “Água é desviada no José Walter”. *O Povo*. Fortaleza, 18.01.1981, p. 06.

¹¹⁶ Inaugurado em 19.05.1978 na terceira etapa.

¹¹⁷ BDJP. “Água é desviada no José Walter”. *O Povo*. Fortaleza, 18.01.1981, p. 06.

para irem a outras etapas buscar água ou até mesmo pedir para que parentes trouxessem água de outros bairros.

Como se a situação com relação à água não pudesse ficar pior, mais uma vez, o cano da adutora que levava água até o Conjunto se rompeu. O fato ocorreu em fevereiro de 1981. A matéria do jornal *O Povo* não esclarece o motivo do rompimento desta vez, no entanto, trás a resposta da Cohab, que garante que, “no menor espaço de tempo”¹¹⁸, será regularizado o abastecimento de água ao Conjunto.

Finalmente, em junho de 1981, ocorre o primeiro pronunciamento de que realmente os moradores receberiam em suas casas ainda naquele ano, 1981, água da Cagece:

Onze anos após sua inauguração, tendo como um problema constante durante todo este tempo a falta d’água, a comunidade do Conjunto José Walter passa a ser usuários da Companhia de Água e Esgoto. Em setembro os 12 poços da Abreulândia que estão em iminência de secarem serão parcialmente desativados e a Cagece passará a abastecer as 4.850 famílias do José Walter.¹¹⁹

O jornal continua a matéria fazendo um retrospecto de todos os problemas vividos pelos moradores durante a existência do Conjunto e apresentando problemas com relação a qualidade da água:

Durante estes 11 anos o pior fantasma dos moradores do Conjunto José Walter é a falta de água. Algumas etapas, como é o caso da terceira etapa sofre mais com o problema que as outras. Muitas famílias (...) construíram poços em seus quintais ou mesmo na frente das casas. Outras, por não terem condições usam água dos vizinhos e armazenam em depósitos.

A Companhia de Habitação do Ceará – COHAB, encarregada pelo fornecimento de água no conjunto já tentou resolver o problema cavando novos poços na Abreulândia, atualmente com 50, mas só 12 funcionando. Alguns foram desativados por terem dado uma água salobra e outros secarem.

O perigo de secarem ainda mais rápido seria abreviado se houvesse água todos os dias para os moradores, mais isso não ocorre. No José Walter a água só é liberada dia sim, dia não e a qualidade não é das melhores. Água para beber tem de ser comprada ou então dos poços cavados por aquelas famílias que têm mais condição.¹²⁰

O Governo de Virgílio Távora, responsável pela obra, decide, como forma de propagandear e promover sua administração realizar, no bairro José Walter, uma

¹¹⁸ BDP. “COHAB explica falta d’água no José Walter”. *O Povo*. Fortaleza, 20.02.1981, p. 05.

¹¹⁹ BDP. “José Walter terá água da Cagece”. *O Povo*. Fortaleza, 24.06.1981, p. 07.

¹²⁰ *Idem*

solenidade de chegada da água ali. Apesar de a obra gerar melhoria para toda a cidade, o local escolhido foi o José Walter. Era o local perfeito para toda a encenação preparada, pois era o lugar na cidade mais emblemático, pois conhecia as penúrias de um abastecimento de água irregular, que, também, era conhecida do restante da cidade. Sobre a festa, que contaria com a presença do Ministro do Governo Mário Andreazza, o jornal *O Povo* relata o seguinte:

O ponto alto da visita do ministro Mário Andreazza a esta capital acontecerá no Conjunto José Walter Cavalcante, em Mondubim, às 19h30min, quando ele, em nome do presidente João Figueiredo, acionará cinco válvulas das quais jorrará água em abundância para um banho público, em regozijo ao acontecimento da inauguração de uma obra de maior significação inclusive para melhorar o estado sanitário de Fortaleza, qual seja o sistema Pacoti-Riachão.

A inauguração terá caráter de festa popular, com a apresentação de escolas de samba, blocos carnavalescos e maracatus. O conjunto Raimundo Careca animará o forró.¹²¹

Para alguns membros da Câmara, a inauguração de um novo sistema de distribuição de água não era motivo de realização da festa e esta não deixou de ser criticada também nas páginas dos jornais. O deputado Pedro Nunes, do PMDB, criticou a iniciativa dizendo: “Fazer uma festa porque tem água? É obrigação do Governo instalar água”, e que “o Governo vai gastar muito nessa festa, que vai ser uma festa política”. O deputado Castelo de Castro criticou a Festa dizendo que “vão gastar na festa mais do que gastaram na obra”. Assim como essa festa, Virgílio Távora havia realizado, no ano anterior, a Festa da Luz, devido à chegada da energia fornecida pela Usina de Paulo Afonso. Assim mesmo, o Governo achou prática de governo personalista que deseja ser lembrado

Mesmo com as críticas, a divulgação da Festa da água continuou nos jornais:

A entrada em funcionamento do sistema Pacoti-Riachão vai significar três vezes mais água para Fortaleza. Água farta e tratada assegurada até depois do ano 2000. Além dos benefícios que representa para a população em termos de saúde e higiene, a água consolida, em termos definitivos, o processo de industrialização cearense. É a possibilidade de mais fábricas se instalarem, a complementação da infra-estrutura que vai fazer do Ceará um novo Estado, vigoroso sob o ponto de vista do desempenho econômico. 24 de setembro de 1981. Jorros de água vão comemorar este evento.

¹²¹ BDJP. “Mário Andreazza vem para a ‘Festa da água’”. *O Povo*. Fortaleza, 23.09.1981, p. 05.

Uma grande obra que se faz com o apoio do Governo Federal e que abre as portas do Ceará para novas possibilidades e perspectivas.¹²²

Abaixo segue a imagem de onde foi retirado o texto no lado esquerdo e, no lado direito, encontra-se a logomarca da festa divulgada nos meios de comunicação e para o público em geral.

ONTEM A LUZ. FESTA DA LUZ.

A participação de Virgílio Távora para a chegada da energia de Paulo Afonso a Fortaleza foi decisiva. Em 1965, quando de sua primeira administração, a luz enfim chegou. Em 1980, quinze anos depois, foi comemorada a Festa de Luz. Virgílio Távora novamente à frente do Governo cearense. Uma festa pelo que a energia significou para a arrancada desenvolvimentista cearense. Uma festa pelo processo de industrialização desencadeado e pela melhoria de qualidade de vida dos cearenses de todos os 141 municípios do Estado. Março de 1980. Um show pirotécnico comemorou a chegada da luz.

HOJE A ÁGUA. FESTA DA ÁGUA. 24 de Setembro de 81.

A entrada em funcionamento do sistema Pacoti-Riachão vai significar três vezes mais água para Fortaleza. Água farta e tratada assegurada até depois do ano 2000. Além dos benefícios que representa para a população em termos de saúde e higiene, a água canalizada, em termos definitivos, o processo de industrialização cearense. É a possibilidade de mais fábricas se instalarem, a complementação da infra-estrutura que vai fazer do Ceará um novo Estado, vigoroso sob o ponto de vista do desempenho econômico. 24 de setembro de 1981. Jogos de Água vão comemorar este evento. Uma grande obra que se faz com o apoio do Governo Federal e que abre as portas do Ceará para novas possibilidades e perspectivas.

AMANHÃ MAIS CLARO E MAIS LIMPO.

FESTA DA ÁGUA

Dia 24 de Setembro no Conjunto José Walter, grande show popular. Ontem a luz. Hoje a água. Participe. É a inauguração do sistema Pacoti-Riachão que vai trazer água para todos. A água vai rolar. Não fique de fora.

AlaposteposunGuarimo Calbomuniceviro

PLANEGU
Plano Estadual de Desenvolvimento Urbano

CAGECE
Companhia de Águas e Esgoto do Estado do Ceará

Imagem 9: Promoção da Festa da água. (Fonte: *O Povo*)

Nas entrevistas com os moradores, apenas um deles, o Sr. Medeiros, lembrava da Festa da Água; foi ele que me deu a indicação de sua existência. Segundo o morador,

Foi a festa da água, a chegada da água no José Walter. Ele abriu as turbinas lá, foi água muita, começou mais ou menos sete da noite, oito horas. Foi muito bonita, ele veio, inaugurou... aí foi onde

¹²² BDJP. “Hoje a Água: Festa da água” (Propaganda). *O Povo*. Fortaleza, 22.07.1981, p. 11.

melhorou, porque antigamente a nossa água vinha da Abreulândia, água de poço lá da praia da COFECO.¹²³ Antiga, né? Vinha de lá nuns “canozin pequeninim”. (...). Aí quando o governador veio inaugurar com a Festa da Água, aí num faltou mais água não, graças a Deus.¹²⁴

No dia seguinte à festa, dia 25 de setembro, notícias sobre sua realização estavam nos principais jornais da cidade. No jornal *O Povo*, foi capa do jornal. Seguem fotografias que em tudo lembram as palavras do Sr. Medeiros:



Imagem 10: Fotografia da Festa da Água no José Walter (Fonte: *O Povo*)

¹²³ Colônia de Férias dos Empregados da Coelce na praia da Abreulândia.

¹²⁴ Entrevista com o Sr. José Edson Medeiros, 55 anos, em 24.06.2008. Nascido no Sítio São Jorge. Morador do José Walter desde sua fundação.



Imagem 11: Fotografia da Festa da Água no José Walter (Fonte: *O Povo*)

A matéria discorre como aconteceu a festa no bairro:

Foi inaugurado ontem à noite, no Conjunto José Walter, o novo sistema de abastecimento d'água de Fortaleza (Pacoti-Riachão), em acontecimento que contou com a presença do Ministro do Interior, Mário David Andreazza, representando o presidente Aureliano Chaves. Houve muita vibração popular, com muita gente dançando e tomando banho, na água que saía em fortes jatos, depois que a válvula do sistema foi acionada pelo ministro Andreazza e pelo governador Virgílio Távora.

A Festa da Água – como foi denominada – teve características de espetáculo popular, com conjunto regional, fogos de artifício, desfile de blocos, cordões, escolas de samba e maracatus. A área do Conjunto José Walter, nas proximidades das caixas d'água, ficou completamente lotada. Desde cedo, por volta das 18 horas, a animação era grande com a música do conjunto de forró Raimundo Careca, reproduzida em possantes alto-falantes.

(...)

Depois houve a abertura da válvula de funcionamento da nova adutora pelo Governador e pelo Ministro. Imediatamente a água jorrou em fortes jatos, fazendo muita gente tomar banho, ao mesmo tempo em que dançava, ao som dos conjuntos regionais e das escolas regionais e das escolas de samba.

Houve desfile do maracatu Vozes da África, escola de samba Acadêmicos do Samba, Bloco Bambas da Lapa, Escola de samba

Unidos da Vila, Bloco Morcegos Acadêmicos, Bloco Garotos do Parque e Escola de Samba Girassol.¹²⁵

Enfim, estava solucionado o problema de abastecimento de água do Conjunto Habitacional Prefeito José Walter; no entanto, as marcas deixadas por ele iriam persistir por muitos anos. O problema foi responsável pela aproximação da comunidade, bem como pela geração de discórdias. Para uns foi geração de fonte de renda, através das lavagens de roupa na lagoa e venda de água; para outros, gerou grandes momentos de descontração nos banhos da lagoa.

As cacimbas e os reservatórios continuam a existir ainda em muitas casas como patrimônio da memória dos tempos em que a relação com a comunidade se dava de maneira mais efetiva. Ou seja, se ainda existe hoje uma relação de solidariedade entre esses primeiros moradores foi por conta das relações estabelecidas durante esses primeiros anos.

2.3 Zé Walter: um lugar distante

Como morar na periferia é, na maioria das cidades brasileiras, o destino dos pobres, eles estão condenados a não dispor de serviços sociais ou a utilizá-los precariamente, ainda que pagando por eles preços extorsivos. É o mesmo que se dá com os transportes. Caros e ruins. Ruins e demorados. Como conciliar o direito à vida e as viagens cotidianas entre a casa e o trabalho, que tomam horas e horas? A mobilidade das pessoas é, afinal, um direito ou um prêmio, uma prerrogativa permanente ou uma *benesse* ocasional? (SANTOS, 2007, p. 63)

Essa falta de acessibilidade a empreendimentos e espaços urbanos na cidade também é uma forma de exclusão social, visto que é no Centro, ou melhor, na região central das cidades é onde se encontram os melhores serviços de lazer, de educação, de saúde. Sabe-se também que melhor seria se esses serviços fossem disponibilizados de maneira equânime, porém é consenso que, nas grandes cidades, isto não ocorre, o que caracteriza, para alguns cientistas sociais, a “crise da cidade”, já que a maioria dos seus cidadãos – residentes da periferia – não consegue ou não pode ter acesso aos espaços mais valorizados construídos especialmente para o uso das classes abastadas.¹²⁶

¹²⁵ BDJP. “Euforia no Zé Walter com a chegada da água”. *O Povo*. Fortaleza, 24.09.1981, p. 05.

¹²⁶ Ocorre também um movimento de as classes abastadas morarem em condomínios fechados de luxo em regiões periféricas da cidade que tenham uma boa via de acesso ao centro, vendo nesta atitude a possibilidade de se resguardar e se sentirem mais seguros. Em Fortaleza, outros bairros

Para discutir a distância do Conjunto para as regiões centrais da cidade, começamos relembando a descrição feita por Heráclito Thé sobre o local onde o Conjunto foi construído em 1970:

(...). O sítio mediava entre as glebas comunitárias de Mondubim e Mecejana, com milhares de metros de terra obsoletas e inermes; ali os técnicos urbanistas puseram a viabilidade de localização do Conjunto Residencial Previsto para acomodar 4.425 casas populares com que o Governo Federal pretende resolver o déficit habitacional e oferecer ao homem de poucas posses a oportunidade de tornar-se dono de sua moradia e livrar-se do secular pesadelo do explorador inescrupuloso senhorio. Acolá, antigo estágio de solidão quase silvestre, a COHAB – Fortaleza, com verbas consignadas ao BNH, em tempo recorde construiu uma cidade moderna e alegre, farta de água e luz profusa, higiene e escoamento hidráulico, tudo de forma simples, mas de feição atraente humanizada. (...).¹²⁷

Até mesmo quem não reside na cidade de Fortaleza, pode perceber, a partir das entrelinhas da matéria – antigo estágio de solidão quase silvestre –, que o local era distante do Centro da cidade, mas, no entanto, críticas quanto à construção desse conjunto em terras tão longínquas eram raras. Encontramos uma única matéria com este teor, escrita por Eduardo Fontes, em 1970:

Estas 4.424 casas constituirão uma cidade, e uma cidade exige serviços de natureza dispendiosa. Assistência médica, hospitalar, odontológicas, são alguns dos diversos tipos de serviços que terão que ser postos a disposição do povo, sem contar um pequeno centro comercial, escolas, igrejas, policiamento, etc. E tudo isto representa gastos, despesas e muitos votos para eleger políticos no futuro. (...) E ao invés de se pensar em construir cidades distantes como faz a Cohab-Fortaleza, poderia-se estudar a possibilidade de espalhar, pela cidade, em muitos bairros com imensas áreas disponíveis, essas mesmas casas que vêm sendo construídas, como por dizer, no “sertão”.¹²⁸

O Conjunto localizava-se no então distrito de Mondubim, em Fortaleza, fazendo fronteira com o município de Maracanaú, aproximadamente 15 quilômetros do Centro. Como era necessária a construção de um número considerável de casas, a inexistência ou, mais ainda, a carestia de terrenos mais próximos ao Centro podem ter contribuído para a escolha do local. O próprio prefeito da época, em

distantes do Centro estão-se valorizando devido à própria Lei de Uso e Ocupação dos Solos, que tem como interesse diminuir a densidade demográfica na região do Meireles e Aldeota, bairros mais populosos e mais caros de Fortaleza, localizados a leste do antigo Centro da cidade, hoje abandonado. É nestes bairros que são fornecidos os melhores serviços e onde se encontram as melhores lojas e *shoppings* da cidade.

¹²⁷ THÉ, Heráclito Silva. *Unitário*. Fortaleza, 05.08.1970, p. 7.

¹²⁸ FONTES, Eduardo. “Construções residenciais”. *Unitário*. Fortaleza, 28.07.1970, p. 4.

entrevista a Rodrigues (2002), quando perguntado sobre o motivo da escolha do local, justificou-a pelo baixo preço do terreno.

Junta-se a isso, segundo José Bozarcchiolo (1992), o desejo de grandes latifundiários verem suas terras próximas a empreendimentos públicos valorizadas. Assim, posteriormente, quando o Conjunto estivesse plenamente desenvolvido contando com infraestrutura (escolas, mercantis, hospitais) poderiam vender sua propriedade a preços considerados antes inimagináveis. O que está acontecendo hoje com relação às terras, pertencentes à família Montenegro, que margeiam o bairro José Walter.

Tratava-se também de uma tentativa de afastar pessoas de baixa renda que ocupavam locais valorizados na cidade para locais mais longínquos. Esta tentativa de apartamento espacial, de acordo com Barros (2007), faz parte da própria estrutura da cidade, que separa espaços de convivência de grupos diferenciados. Esta não é necessariamente geográfica; pode ser muitas vezes simbólica, podendo ser percebida através do modo de vestir, de gestos, da maneira de falar.

A distância na cidade, entretanto, não é uma questão de quilômetros. Segundo Antenor Coelho (2007),

As noções de distância e mobilidade têm uma relação com o tempo, com o espaço e findam desembocando no dinheiro. Quanto mais recursos tivermos para viver (classes abastadas) mais mobilidade teremos. Com relação aos transportes públicos, por exemplo, são os bairros mais abastados que recebem os transportes melhores, enquanto nos bairros da periferia pobre os transportes públicos são menos eficazes, menos confortáveis, tornando mais difícil a mobilidade. (COELHO, 2007, p.51)

Portanto, essa distância do bairro poderia ter sido atenuada se os serviços de ônibus atendessem as demandas da população que precisava se deslocar diariamente, visto que a maioria das pessoas que foram para o José Walter já tinha um emprego em outro lugar da cidade e, como raramente tinham carro, precisavam sempre recorrer ao transporte público. Não somente estes como também os estudantes de segundo grau, visto que uma escola destinada a eles só foi inaugurada em 1973.¹²⁹

As dificuldades destacadas pelos moradores nas entrevistas eram, sobretudo, a grande lotação, a distância das paradas e as más condições dos

¹²⁹ Escola Polivalente Modelo de Fortaleza.

ônibus, que proporcionavam constantes quebras. Dona Clarisse,¹³⁰ que trabalhava no Centro, fala que pegava o ônibus entrando no José Walter, porque se pegasse ele saindo, não conseguia subir; e que, muitas vezes, “além do ônibus demorar, ele ainda quebrava”. O que também é ressaltado pelo Sr. Medeiros:

Depois que o Zé Walter foi feito, teve um sofrimento porque a população cresceu e os ônibus não chegou a atender todo mundo, tinha aquela Empresa Nossa Senhora de Fátima, que era um sufoco, tanto os ônibus antigos como os novos, não aguentavam e davam o prego. O pessoal ficava esperando, num sei quantas horas pra vim outro. Era um sufoco.¹³¹

Dona Maria, que antes morava próximo à indústria de meias na qual trabalhava, fala sobre quando foi morar no José Walter: “achava muito ruim, porque eu me levantava muito cedo, apanhava dois ônibus pra ir lá pra Francisco Sá”. A entrevistada destaca que esta insatisfação devido ao grande deslocamento não era somente dela e atribui a esta dificuldade o fato de o bairro ser ainda hoje conhecido como “Bairro dos Cornos”, dizendo: “era porque aqui no Zé Walter era difícil o acesso de ônibus, o pessoal se aborrecia, aí dizia que aquilo era ‘arrumação pra corno’, porque num tinha transporte... sabe? Morar aqui no Zé Walter e trabalhar noutros bairro”.¹³²

Esse descontentamento se dá pelo tempo que se perde no deslocamento, quando se deixa de usufruir a cidade, tendo que se preocupar com o retorno para casa. Segundo Lucena (1999), a noção de proximidade do morador na periferia se dá, muitas vezes, pela facilidade de locomoção, alterando-se, assim, o espaço social daquele morador, que passará a vivenciar mais presentemente o bairro.

Que meios, então, os moradores criavam para tentar diminuir o tempo e o espaço perdido? Muitas vezes, a saída era recorrer às “vaquinhas”, quando os moradores se juntavam para pagar alguém pelo transporte para levá-los ao seu destino. Estariam, deste modo, diminuindo o tempo de deslocamento ao trabalho, como também podendo vivenciar mais a cidade.

Seu Betinho, que era taxista, conta como se deu o início da prática das “vaquinhas”:

¹³⁰ Entrevista com D. *Clarisse* de Jesus Dias, 54 anos, em 10.06.2008. Migrante de São Luís (MA) Veio diretamente para o Conjunto em 1973.

¹³¹ Entrevista com o Sr. José Edson *Medeiros*, 55 anos, em 24.06.2008. Nascido no Sítio São Jorge. Morador do José Walter desde sua fundação.

¹³² Entrevista com D. *Maria* Andrade de Sousa, 66 anos, em 03.06.2008. Migrante de São Gonçalo do Amarante, chegou a Fortaleza em 1960. Moradora do bairro desde 1970.

Eu fui lá pro Sul e quando eu aqui num tinha, ai eu pensei eu vou bolar aqui uma coisa, num existia ainda não esse negócio de fazer vaquinha. Foi eu que iniciei, os encarregados das empresas de ônibus tinha uma raiva de mim maior do mundo. Quando eu chegava ali na Rádio Iracema [*na Praça José de Alencar*] e dava a mão: “Zé Walter, tantos cruzeiro”. Depois que foi se acostumando eles vinha era na minha porta e ficavam esperando pra eu levar, que era o mesmo preço. Aí os outros começaram, mas sabe qual era a minha vantagem? É que naquela época na praça só tinha fusquinha e eu fui quem comprou o primeiro corcel pra colocar na praça aí eram cinco pessoas, o fusquinha era só era três.¹³³

Os moradores também se apropriavam dos mesmos meios de comunicação que enalteciam a construção do Conjunto, anteriormente, para denunciar as dificuldades vividas.

A denúncia, para ser formulada, precisa ser socialmente aceita e reconhecida como um direito. Desta maneira, era considerado justo pelos moradores do José Walter e um direito deles a reivindicação por melhores condições de transporte, bem como de outros elementos infraestruturais. Já em maio de 1970, encontramos acusações contra a Empresa Nossa Senhora de Fátima, empresa de ônibus que possuía permissão para atuar na Vila do Mondubim antes mesmo da construção do Conjunto, sobre as condições impostas pelo Departamento de Tráfego e Concessões, que seriam apenas as de cumprir com os horários acordados:

Fato que por incrível que possa parecer, acontece com a linha de viação que explora a linha da cidade José Walter. A população, que a cada dia vai aumentando, tem contra si os horários dos ônibus que chega, principalmente no período noturno, a irritar os habitantes desse novo bairro da cidade.

A noite, eles rodam de meia em meia hora, num desagrado àqueles que passam muito tempo em pé, em intermináveis filas, sem abrigo nenhum, sujeito às chuvas. É certo que o bairro é servido também por outra linha. A de “Mondubim via Siqueira”, mas que também sofre do mesmo mal, os ônibus saem de 30 em 30 minutos, sem uma padronização fixa nos horários. Exemplo que os fiscais da Secretaria de Transporte Coletivo podem constatar: a partir de 22h, as longas filas, com dezenas de pessoas esperando pelo ônibus de 22h30min. Há um grande espaço, que poderia ser muito bem preenchido com lucros para empresa e para a própria população. O último horário passa às 23h, como poderia também ser elástico por mais uma hora, a exemplo de várias outras empresas.

¹³³ Entrevista com Sr. Carlos Alberto Couto Silveira, conhecido como “*Betinho*”, 73 anos, em 12.04.2010. Migrante do Lameirão – Munlugu. Chegou a Fortaleza em 1969 e mudou-se para o José Walter em 1970.

A reivindicação da população da Sétima Cidade¹³⁴ do Ceará é das mais justas. Ela deseja apenas que haja ônibus de 15 em 15 minutos, isso a partir das 20 horas. E que o último transporte deixe a praça José de Alencar à meia noite. Há ainda uma coisa prejudicial aos moradores do novo bairro: durante o dia, há paradas dos ônibus no botequim daquele distrito que irrita aos mais calmos britânicos. E os motoristas, por incrível que pareça, não ligam as reclamações feitas. Fazem ouvido de mercador. Com a empresa exploradora de tal linha – a Nossa Senhora de Fátima (...). Uma solução justa espera a população da cidade do José Walter.¹³⁵

Percebemos, assim, que, nesse primeiro momento, as principais reivindicações eram: a existência de ônibus de quinze em quinze minutos do Centro para o José Walter, das vinte horas à meia-noite, e que os motoristas evitassem paradas desnecessárias nos botequins durante o trabalho. Em agosto de 1970, com a preocupação da inauguração da segunda etapa do Conjunto, que traria ainda mais moradores e, conseqüentemente, mais passageiros, a lotação e má educação dos motoristas são noticiadas novamente no jornal O Povo:

Diariamente há confusões e mais confusões com a população sentindo-se prejudicada nos seus empregos, isso devido o atraso verificado nos coletivos. Para agravar ainda mais a situação, muitos dos ônibus não param pois no início das casas já ficam superlotados, com os outros que moram mais para o fim do conjunto sentindo-se inteiramente prejudicados. Há, é bem verdade, uma linha Mondubim, via Siqueira, mas não resolve o problema, pois demora quase uma hora para chegar ao centro da cidade. As reclamações surgem dia a dia e as confusões também, pois motoristas e trocadores da empresa se arvoram de autoridade incomum, desafiando os passageiros, além de impropérios desferidos, atingindo famílias, senhoras, crianças e moças que estão no interior do ônibus.¹³⁶

Os estudantes que precisavam retornar ao bairro após as aulas no período noturno também recorriam à imprensa:

Nos dias a situação piora quando rapazes e moças voltam para casa após as aulas noturnas. Então o ônibus das 22 ou 22h30min sai superlotado o que é proibido pelas normas de trânsito vigentes no País. Até nos dias de jogos de menor significação no estádio Presidente Vargas o pessoal residente em Mondubim está sendo prejudicado com a falta de transporte. Sugerem os estudantes ao Prefeito que a linha seja liberada para empresas de maior capacidade que possa resolver o problema colocando mais ônibus para o Conjunto Habitacional José Walter Cavalcante.¹³⁷

¹³⁴ Este foi o primeiro nome dado ao referido Conjunto.

¹³⁵ CEPIMAR. Pasta: Nossa Senhora de Fátima. "Moradores do Conjunto Mondubim reclamam dos ônibus". *O Povo*. Fortaleza, 09.05.1970, p. 02.

¹³⁶ BDJP. "Transporte é problema no Conjunto Mondubim". *O Povo*. Fortaleza, 03.08.1970, p.14. (Jornal dos bairros).

¹³⁷ BPMP. "Ônibus à noite para Mondubim é difício (sic)". *O Povo*. Fortaleza, 29.08.1970, p. 02.

Com a persistência dos problemas relacionados à referente empresa de ônibus, as exigências se tornaram mais sérias. Os moradores levaram um abaixo-assinado, em novembro de 1971, ao Governador do Estado, solicitando que outra empresa fizesse a linha Mondubim–Centro, já que o prefeito de Fortaleza, que já tinha conhecimento do problema, nada tinha feito. O jornal destaca:

Os residentes no Conjunto Habitacional “Engenheiro Prefeito José Walter” levarão abaixo-assinado ao Governador César Cals solicitando do chefe do executivo cearense que libere a linha de ônibus que serve aos que ali residem, “porque são péssimos os serviços prestados pela empresa que explora aquela linha”, afirmaram.

O documento já conta com mais de 1.400 assinaturas e para os moradores do Mondubim, os problemas são muitos, mas o principal deles é o de transporte, porque os que precisam locomover-se para o centro da cidade, sentem “na carne”, as deficiências da empresa que serve aquela linha, daí a necessidade de uma intervenção governamental para resolver o problema.

Os moradores do Conjunto “José Walter Cavalcante” informaram que já se dirigiram ao prefeito Vicente Fialho e ao Secretário dos Serviços Urbanos, Capitão Raimundo Vieira de Castro, e nenhuma providência foi adotada para resolver o impasse.

Enquanto isso, milhares de pessoas que residem no Conjunto e trabalha no Centro, sentem as conseqüências da falta de transporte. (...).¹³⁸

Cabe aqui esclarecer as rotas oferecidas pela Empresa Nossa Senhora de Fátima: eram duas, uma por via BR 116 e outra por via Parangaba. A primeira percorria em torno de 22km para chegar até o Centro e a segunda, em torno de 16km. Segue ilustração que nos dá uma noção espacial das rotas e distâncias do José Walter até o Centro.

¹³⁸ BPMP. “Moradores de Mondubim vão ao governador pedir intervenção”. *Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 26.11.1971, p. 08.



Figura 3: Rota José Walter-Centro/ por via BR 116 (Ferramenta: Google Maps)



Figura 4: Rota José Walter-Centro / por via Parangaba. (Ferramenta: Google Maps)

As matérias de jornais nos possibilitam entender, de forma pontual, o problema vivido em cada momento da história do bairro; assim, nos permite perceber a historicidade do Conjunto, neste caso, referente aos transportes. Nelas, são informadas mudanças de itinerários, horário dos ônibus, os tipos de reclamação e até mesmo mudanças das Companhias que fazem o trajeto. Segue abaixo, mais uma reclamação feita em 1974, esta se referindo à proibição das kombis que faziam o transporte dos moradores para o Centro.

A frota da Empresa Nossa Senhora de Fátima é formada de velhos ônibus que não se renovam, sendo constantes os defeitos mecânicos e gerais, com prejuízos para os passageiros.

Como consequência natural da demanda insatisfeita de ônibus, surgiram algumas lotações de kombis, cobrando passagem ao preço de CR\$ 1,00, transportando, especialmente, os excessos de passageiros e aqueles que não têm condições de perder alguns minutos a mais sendo conduzidos por ônibus. (...) Finalmente, forçados especialmente pelo acordo firmado entre a Empresa Nossa Senhora de Fátima, Departamento de Tráfego e Concessão de Trânsito, os proprietários de kombis tiveram que retirar os seus veículos de circulação. Os milhares de moradores de Mondubim defendem a volta das kombis como um paliativo para solução do seu problema de transporte, enquanto não se encontra uma fórmula mais eficaz. Mas o que mais desejam é a permissão para outras empresas explorarem também a linha, sob o argumento de que a concorrência proporciona melhores serviços.¹³⁹

Percebemos que a luta pela mudança da empresa continuou. É notório também que a atividade das “vaquinhas” descritas pelos moradores evoluiu para a atividade profissional e contínua, incomodando a ponto de ser proibida em 1974.

Desde 1970 que se falava na criação de uma linha de trem que viesse a solucionar o problema dos moradores do José Walter. No entanto, nestes primeiros anos, não interessava à Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA),¹⁴⁰ pois gerava mais despesas que lucro. Porém, em 1975, a RFFSA, parecendo ter mudado de ideia, sugere a criação de um anel de contorno na cidade que serviria para transporte da população residente no lado Sudeste desta.

Segue trecho da matéria publicado no jornal da cidade:

A rede possui atualmente duas linhas de trem provenientes do interior cearense. Uma é a **Norte**, que entra em Fortaleza pelo

¹³⁹ CEPIMAR. “Ônibus e água complicam a situação do Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza, 11.01/1974, p. 10.

¹⁴⁰ A RFFSA foi criada mediante autorização da Lei nº 3.115, de 16 de março de 1957, pela consolidação de 18 ferrovias regionais, com o objetivo principal de promover e gerir os interesses da União no setor de transportes ferroviários. Atuou até 1997.

Antônio Bezerra; a outra, a **Sul**, passa em **Parangaba** e em **Mondubim**. O plano seria extinguir o transporte de carga da linha Sul, de Mondubim até a central, que seria desviado para o Norte. Portanto, seria criada uma “asa”, ou seja, uma linha unindo **Mondubim** a **Antônio Bezerra**. O anel se estenderia no outro lado em direção ao **Conjunto Industrial** passando próximo a **Messejana** e de lá seguindo até o Conjunto **José Walter**. O trem iria até o **Mucuripe** e completaria o anel de volta na Central João Felipe. Uma outra “asa” se desmembraria da linha Sul, em **Parangaba**, e passaria no Terminal Rodoviário João Thomé no Aeroporto, e chegaria também ao **Mucuripe**, retornando então para a Estação Ferroviária. Até o castelão seria beneficiado com esse roteiro, bem como o distrito Industrial.¹⁴¹ [Grifo nosso]

O desenho abaixo foi feito baseado numa figura que acompanhava a matéria supracitada.

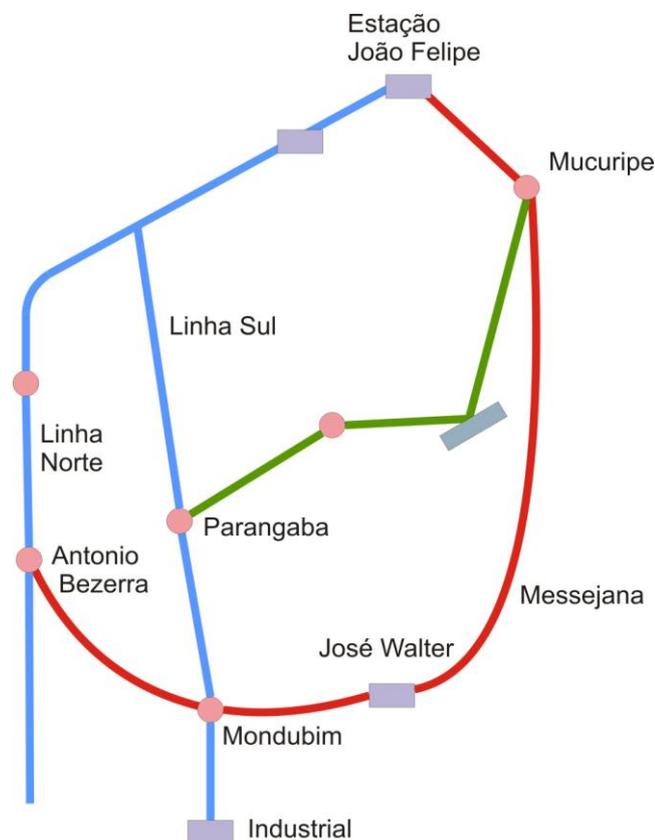


Figura 5 – Projeto de transporte ferroviário para atendimento da população do José Walter. (Fonte: O Povo)

As partes em azul eram as linhas que já existiam na cidade. Em vermelho, a linha que seria construída, que sairia do Antônio Bezerra seguindo para Mondubim, José Walter, Messejana, Mucuripe, terminando na Estação João Felipe,

¹⁴¹ BDJP. “RFFSA sugere anel de contorno”. *O Povo*. Fortaleza, 26.09.1975, p. 07.

localizada no Centro. A Linha em verde seria outra “asa” que deveria ser construída saindo da Parangaba para o Mucuripe. O projeto serviria a muitos moradores que precisavam deslocar-se diariamente das zonas periféricas da cidade para o Centro, interligando também diversos pontos da cidade. No entanto, o projeto não foi levado a diante. Tentativas de criar uma estação ligando o José Walter à Estação do Mondubim foram divulgadas ainda em 1978¹⁴² e 1979¹⁴³, mas nada foi posto em prática.

Numa tentativa de solucionar o problema vivido pelo Conjunto, a Nossa Senhora de Fátima comprou cinco ônibus da marca CUMINS – os primeiros da cidade de Fortaleza – também conhecidos como “Frescão”, novidade da época em transporte urbano e que ganharam destaque na imprensa da época:

O problema de transportes na Cidade José Walter está solucionado: A Empresa Nossa Senhora de Fátima adquiriu o primeiro ônibus CUMINS, de uma série de cinco, o que significa maior conforto e muito mais espaço para seus usuários.

Com isso, adeus a falta de transporte o CUMINS tem capacidade total de 90 passageiros, sendo 35 sentados e 55 em pé, permitindo maior aproveitamento nas horas do rush. A disposição dos bancos deixa completamente livre o salão, possibilitando conforto e fácil circulação aos usuários.

O ônibus CUMINS, dispõe de duas portas com 1m de vão livre permitindo a passagem de duas pessoas ao mesmo tempo. É dotado de um sistema de segurança que impossibilita sua movimentação quando uma das portas estiver aberta.

Quer mais vantagens do CUMINS: suas arrojadas linhas de construção permitem tanto aos usuários como ao motorista uma ampla visão exterior pelas panorâmicas janelas laterais e traseiras e, principalmente, pela espetacular área envidraçada do pára-brisa dianteiro, é dotado de quatro aberturas no teto que permitem quatro posições de entrada e saída do ar, ventilando completamente o salão de passageiros, luminárias no teto com intensidade uniforme; pontos de luz nos degraus.

Mais vantagens do CUMINS? Só nele andando.¹⁴⁴

¹⁴² BDJP. “Ramal Ferroviário para a Cidade José Walter”. *O Povo*. Fortaleza, 27.05.1978, p. 02.

¹⁴³ BDJP. “Metrô de superfície”. *O Povo*. Fortaleza, 20.06.1979, p. 03.

¹⁴⁴ CEPIMAR. “Pasta: Nossa Senhora de Fátima”. *O Povo*. Fortaleza, 21.11.1975, p. 06.



Imagem 11 e Imagem 12: Ônibus CUMINS (Fonte: *O Povo*)

A compra dos Ônibus ocorreu também numa tentativa de sensibilizar a população e o Poder Público tendo em vista a abertura de uma nova linha de ônibus “José Walter–Centro”, que seria realizada pela Avenida dos Expedicionários, que estava em fase de conclusão. Assim, já se especulava que empresa seria a responsável pelo trajeto dos moradores até o destino final. A empresa Nossa Senhora de Fátima não deixou de se pronunciar quanto à futura vaga no sistema de transporte urbano:

Sobre a possibilidade de explorar a linha a ser criada com a abertura da Expedicionários, justificou: “Acho que minha Empresa está em condições financeiras de explorar a nova linha: mas não sei dizer nada sobre ela. Tudo dependerá da Secretaria de Serviços Urbanos. Só acrescento que tenho meios para adquirir ônibus através de empréstimos.”¹⁴⁵

A rota realizada pela nova empresa seria de aproximadamente 15km; seria a mais curta e mais rápida devido à inexistência de grande fluxo de trânsito na região. Segue modelo da rota a ser realizada pela nova linha de ônibus José Walter–Centro.

¹⁴⁵ BDJP. “Empresário justifica ônibus do José Walter”. *O Povo*. Fortaleza, 02.10.1975, p. 16.



Figura 6: Nova Rota José Walter – Centro, por via Avenida dos Expedicionários (Ferramenta: Google Maps)

Apesar da aparência de que todos os problemas seriam, então, solucionados com a compra dos novos ônibus, isto não ocorreu. As reclamações nos jornais continuaram, denunciando as superlotações dos ônibus, a demora destes e a falta de profissionalismo dos motoristas. Vejamos o que a empresa diz em nota de jornal, defendendo-se de tais acusações:

A propósito da notícia publicada no O POVO no último dia 7, na qual são ouvidas queixas da população contra o atendimento de transporte coletivo da Cidade José Walter Cavalcante, a direção N.S. de Fátima, que explora aquela linha, procurou este jornal e deu algumas explicações. “As reclamações carecem de fundamento, principalmente as que atribuíam o mau atendimento ao fato de que os motoristas abandonam seus coletivos para jogarem sinuca no final da linha. Não existem nem sinucas naquela área” – disse um dos diretores. Quanto às fotos de pessoas pegando táxi, afirmam os empresários que isso é um fato normal em todas as linhas distantes do centro. “Trata-se de uma maneira das pessoas de melhor nível salarial chegar mais rapidamente às suas residências, participando das chamadas ‘vaquinhas’ nos carros de aluguel”. Com relação aos motoristas de táxis que dizem sentir-se prejudicados quando seus carros estão na oficina e têm que procurar outro para se locomoverem (por atraso dos coletivos), os diretores da empresa

acham que eles estão abalando o seu próprio mercado de trabalho. A direção da Empresa N.S. de Fátima atribui essas reclamações a “uma guerrinha de nervos provocada por elementos desejosos de atentar contra a boa imagem da organização”. Afirmaram que a empresa conta com uma frota de 34 coletivos, sendo que em fins de ano passado adquiriu cinco ônibus novos para servir a linha e neste ano mais dez.¹⁴⁶

Notamos que os espaços dos jornais eram utilizados também pela própria empresa como veículo de sua defesa, que, se não era válida para os moradores do Conjunto em questão, servia para amenizar sua imagem perante o restante dos moradores da cidade.

Tendo em vista a inauguração da Avenida Expedicionários¹⁴⁷ e tentando, enfim, solucionar os problemas referentes ao transporte no Conjunto, a Secretaria de Serviços Urbanos, em 1976, resolve abrir uma nova linha do Conjunto para o Centro, em processo de “concorrência aberta”, na qual a Empresa Clotran é ganhadora. A partir daí a Empresa N. Sra. de Fátima começa a perder espaço, deixando de fazer, no início da década de 80, o trajeto das duas linhas que operava no Conjunto José Walter, a “José Walter/Br 116” para a Empresa São Benedito e a “José Walter/ Parangaba” para a Empresa Maraponga.

A saída da Empresa Nossa Senhora de Fátima foi fruto das constantes denúncias realizadas pelos moradores do Conjunto que conheciam e entendiam ter direito ao usufruto da cidade a hora que fosse necessário.

Quadrilhas e tertúlias

O morador da Cidade José Walter, chama Fortaleza de “Centro”. Divertimento que é bom não tem. Clube não existe. O único cinema fechou. Para a juventude, o jeito é dar umas voltas na praça General Mallet, ir para a casa das namoradas e, de vez em quando, comparecer a uma tertúlia nas residências dos Conjunto.¹⁴⁸

A distância de tudo na cidade faz com que, como já disse Célia Lucena, os moradores passem a vivenciar mais o bairro. Desta maneira, impossibilitados do acesso permanente à cidade, torna-se mais fácil desenvolver meios de lazer e trabalho no novo lugar de morada.

¹⁴⁶ CEPIMAR. “Empresa responde às reclamações”. *O Povo*. Fortaleza, 12.04.1976, p.08.

¹⁴⁷ Inaugurada em 23 de junho de 1976. Principal rota utilizada ainda hoje pelos moradores do José Walter que desejam ir ao Centro.

¹⁴⁸ CEPIMAR. Pasta: Nossa Senhora de Fátima. “Transporte é o maior problema de Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza, 01.06.1973, p. 10.

Assim, nasceram as quadrilhas e as tertúlias, principais referências de lazer nos primeiros anos do José Walter. Durante as entrevistas, é recorrente a lembrança quanto a esses momentos de lazer.

As tertúlias eram realizadas nas casas de moradores, como também nos Centrinhos, locais onde se realizavam os cursos da Cohab. Segundo relatos, eram de Arte Culinária, de pintura, de pedreiro e o do MOBRAL.¹⁴⁹ Dona Hilda, que já trabalhava com organização de quermesses em Itapipoca, participava da organização de ambas e conta sua experiência nos Centrinhos.

Antes de abrir os Centrinhos, o pessoal abria as casas e faziam tertúlias... né? Até que a Associação me chamou, eu e uma amiga minha, pra fiscalizar. Aí a gente ia, o pessoal arrombava as casas, ligava a luz na marra e ia fazer festa. A gente acabava as festas. Aí inventaram de fazer os centrinhos, (...), dava aula aos sábado com criança, brincava só com esse negócio de caixa, inventava cadeira, mesa, essas coisas, só com caixa. Na semana, eu dava aula de arte culinária; minha filha dava de pintura. Cada dia da semana, a gente fazia uma coisa. Eu dava aula ali na 22, na 73 e na "C". Na 22, eu trouxe o primeiro médico pra consultar o povo de graça... né? Aí começamos a fazer as festinhas.¹⁵⁰

Os Centrinhos, não-previstos inicialmente no projeto do bairro, foram pensados a partir da necessidade que os moradores tinham de um espaço onde pudessem reunir-se, seja para festas ou organização da comunidade. Eles foram construídos através da junção de duas casas desocupadas. No total, eram quatro: uma na rua "22", outro na rua "73", na avenida "C", e o último na avenida "J". Foram fechados em 1977, quando o Centro Social Urbano Adauto Bezerra foi inaugurado.

Segue planta baixa do Centrinho:¹⁵¹

¹⁴⁹ Movimento Brasileiro de Alfabetização – foi implantado pelo Regime Militar, criado pela lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967; propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos.

¹⁵⁰ Entrevista com D. Maria *Hilda* Barros, 80 anos, em 19.06.2008. Migrante de Itapipoca, mudou-se diretamente para o bairro em 1970.

¹⁵¹ Trata-se da junção de duas casas de tipo "B"; não sabemos a qual dos Centrinhos se refere. Era composto dos seguintes setores: sala do chefe do distrito, sala da assistente social, sala de artesanato, salão de jogos, sala para biblioteca, sala dos escoteiros, sala da TV Educativa, sala de corte e costura, banheiro feminino e masculino e um pátio descoberto. Como se percebe, eles tinham outros usos, de caráter educativo, que serão discutidos no terceiro capítulo.

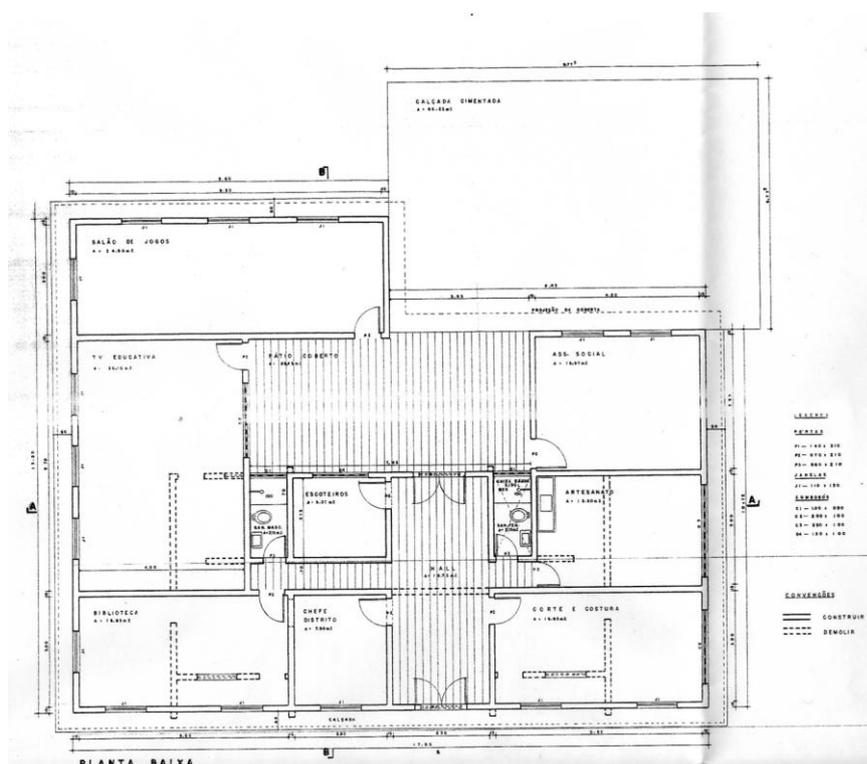


Figura 7: Planta baixa do Centrinho (Fonte: Cohab)

Seu Medeiros conta que as tertúlias ocorriam após as missas realizadas nas praças: “depois que terminava a missa: –‘a tertúlia hoje é em tal canto’. Aí todo mundo corria.” Segundo ele, os centrinhos sempre as promoviam chamando “uns conjuntos pra tocar”.¹⁵² Dona Clarisse lembra que as festas eram muito tranquilas e que tocavam “aquelas músicas românticas”.¹⁵³ O mesmo lembra Lenita: “era aquelas músicas românticas, lentas, pra dançar bem agarradinho que hoje em dia não existe mais; só tem essa musica ‘véa’ sem pé nem cabeça”. E relembra com saudade: “era umas festinhas boa; eu amava, ainda queria que tivesse”.¹⁵⁴ O Sr. Carlos comentou que as músicas que tocavam eram “‘The Fivers’, que estavam no auge na época, e música internacional”.¹⁵⁵ Dona Fátima diz que

De noite tinha tertúlia. A gente ia, aí a gente ficava paquerando com rapazes da idade da gente, claro! E tinha também nessa época os carnavais, que era no Clube do Zequinha Aristides.¹⁵⁶ A gente ia,

¹⁵² Entrevista com o Sr. José Edson *Medeiros*, 55 anos, em 24.06.2008. Nascido no Sítio São Jorge. Morador do José Walter desde sua fundação.

¹⁵³ Entrevista com D. *Clarisse* de Jesus Dias, 54 anos, em 10.06.2008. Migrante de São Luís (MA). Veio diretamente para o Conjunto em 1973.

¹⁵⁴ Entrevista com D. Maria *Lenita* de Oliveira, 49 anos, em 30.05.2008. Nascida em Fortaleza e moradora do bairro desde 1970.

¹⁵⁵ Entrevista com Sr. *Carlos* Iberê Nunes Olímpio, 55 anos, em 02.06.2008. Migrante de Icó, veio para Fortaleza em 1967. É morador do bairro desde 1970.

¹⁵⁶ Clube localizado próximo a avenida “N”, conhecido pelas festas realizadas.

vinha de madrugada, a maior anarquia do mundo na rua, não tinha a violência que tem hoje em 77, 78, 80. Era ótimo! A gente vinha de madrugada só um bocado de moça, um bocado de rapaz, todo mundo ia pras suas casas. (...). Não tinha maldade; se uma pessoa abraçasse a gente não era por maldade, com malícias que hoje acontece. Hoje “fica”, mas na época não; na época a gente ficava, mas amigo, amigo mesmo, a gente tinha um amigo homem e ele não tinha malícia pra tirar logo liberdade com a gente. Era uma maravilha!¹⁵⁷

O São João teve seu princípio em 1971, na primeira etapa, por iniciativa do Governo. Chamava-se “Viva São João”.¹⁵⁸ Segundo depoimentos, a festa era muito animada, vinha gente de vários lugares para se apresentar em quadrilhas:

Eles fizeram umas quadra assim de vinte por vinte; com vinte metros fazia outro, com vinte metros fazia outro, aí nesse espaço “todin”, eles fizeram barracas de São João, e bandas e num sei o que mais. E o São João, a festa uma das maiores que eu vi na minha vida, muito animada.¹⁵⁹

Lenita ressalta o aspecto da segurança:

As festas juninas começaram aqui na rua dois. Foi bem uns três pra quatro anos. Foram direto aí na rua 02. Não tinham bagunça; era tudo normal; o pessoal se divertia mesmo como manda o figurino. Num tinha esse negócio, de briga, de gangue; a gente vinha, ia e vinha numa boa, de noite.¹⁶⁰

Embora as primeiras festas de São João tenham ocorrido por iniciativa do Governo, após o fim do “Viva São João”, os moradores se organizaram e realizavam suas festas de São João em diversos lugares do bairro. Muitas pessoas, bem como grupos de entidades, aproveitavam estes momentos para colocar barracas e angariar dinheiro. Dona Hilda conta: “Eu botei uma barraca pra com o dinheiro comprar um fogão pro Centrinho”.¹⁶¹ Percebemos que, embora a iniciativa tenha sido do Governo, os moradores se apropriaram da prática e se responsabilizaram pela sua continuidade.

¹⁵⁷ Entrevista com D. Maria de *Fátima* Xavier Píres, 57 anos, em 29.04.2010. Migrante de Camará – Aquiraz, mudou-se diretamente para o José Walter em 1974, com os pais e dois irmãos.

¹⁵⁸ Entrevista com D. Maria *Hilda* Barros, 80 anos, em 19.06.2008. Migrante de Itapipoca, mudou-se diretamente para o bairro em 1970.

¹⁵⁹ Entrevista com o Sr. José Edson *Medeiros*, 55 anos, em 24.06.2008. Nascido no Sítio São Jorge. Morador do José Walter desde sua fundação

¹⁶⁰ Entrevista com D. Maria *Lenita* de Oliveira, 49 anos, em 30.05.2008, nascida em Fortaleza e moradora do bairro desde 1970.

¹⁶¹ Entrevista com D. Maria *Hilda* Barros, 80 anos, em 19.06.2008. Migrante de Itapipoca, mudou-se diretamente para o bairro em 1970.

As festas juninas foram também recriadas por moradores da terceira etapa do José Walter, como a “Cumade Chica”, que conta como a iniciou:

Foi porque tinha um São João ali, no primeiro ano, eu fui a um arraiaí ali na avenida “F”, na casa de uma amiga... né? Aí quando eu cheguei lá, na entrada, eu vi logo uma briga de casal. Eu já fiquei toda me tremendo; eu era bem novinha. (...) Ai eu digo: –“não, eu vou é m’imbora. (...) eu lá vou ficar”. (...) –“Eu num quero esse ambiente pra mim não”. (...) Aí quando foi no outro ano fizeram uma palhoça acolá numa lagoa; ai eu fui, eu gostava de brincar. (...) Tinha uns conjunto, “Os Tremendões”; os meus amigos que eles moravam tudo lá de Porangabussu, aí eu gostei, só em ter meus amigos eu já gostei. (...). Ai, quando foi no outro ano, eu já não gostei mais; ai quer saber de coisa, no outro ano (...) eu vou é fazer uma brincadeirinha lá na minha casa e chamar minhas amigas lá do Centro. Aí eu fiz isso. Vieram, ai eu juntei oito crianças, fiz uma quadrilhazinha ai na sala. Mulher assim, oh! [fazendo gesto de que tinha muita gente]. Ai pronto, quando foi no outro ano, as mãe já tudinha querendo fazer, porque num tinha pra onde ir. (...) Foi crescendo. No segundo ano eu já fiz no meio da rua, brigando com a polícia, fiz um arraiazinho, ajeitei tudo, botei pé de bananeira, botei tudo. Ai chegou a polícia: –“Num vou sair não, que eu não tô fazendo dentro da sua casa”. Eu era atrevida, muito atrevida. (...) Aí saíram daqui morto de bebo. Eu digo: –“você é com fome, você vão é comer”. Botei comida pra eles e botei cachaça.¹⁶²

Hoje o Arraiá da “Cumade Chica” é o maior de Fortaleza. Sofreu muitas modificações, modernizou-se, provocando muita saudade dos velhos tempos nos antigos moradores do bairro.

¹⁶² Entrevista com D. Francisca Maria de Sousa, conhecida como “Cumade Chica”, 66 anos, em 05.06.2008. Migrante de Senador Pompeu, chegou a Fortaleza em 1953, mudando-se para o bairro em 1971.

Capítulo III – Metamorfoses: o conjunto em movimento.

Segundo Gilberto Velho (2003), todos os projetos que elaboramos no plano imaginário, quando postos em prática, sofrem metamorfoses, pois estas lidam com outras variáveis que não tínhamos previsto, processo chamado pelo autor de *negociações com a realidade*. No José Walter, as metamorfoses ocorreram tanto no projeto de vida pensado por cada um dos moradores, que tinham que criar maneiras de lidar com as dificuldades que se apresentavam diariamente, como também no projeto elaborado por engenheiros e técnicos sobre a utilização dos espaços pelos moradores, pois estes últimos os utilizaram e modificaram de maneiras variadas e, algumas vezes, imprevisíveis.

É importante perceber como esses moradores foram reorganizando os espaços a partir das estratégias empreendidas contra as dificuldades, sejam elas realizadas de maneira individualizada ou através de grupos organizados dentro do bairro. Isso foi percebido em diversos contextos, não somente na luta contra a precariedade na oferta dos serviços de água e transporte público mas também na luta por melhorias na oferta de serviços de saúde e de educação, bem como no abastecimento de alimentos e outros gêneros dentro do Conjunto.

Durante todo o processo de luta e organização desses moradores, dois aspectos não podem ser esquecidos. Primeiro, as experiências vividas durante a trajetória desses moradores enquanto migrantes oriundos do interior do Estado. Segundo, o período político vivido (1964 – 1985), que, embora não seja tratado de forma direta, está sempre presente nas políticas sociais características, e o misto de cessões e sanções realizadas aos movimentos sociais que ganharam notoriedade no período da Ditadura Militar.

3.1 Os serviços no bairro

A oferta de diversos serviços, no bairro, associava a necessidade de uma ocupação pelo morador, muitas vezes sem emprego, com a necessidade do lugar de oferta do serviço prestado. Nosso estudo destaca os serviços relacionados ao abastecimento de alimentos, à saúde e à educação. É verdade que o Poder Público

deu a maior contribuição principalmente no que tange à saúde e à educação. Nosso interesse é notar como os moradores participaram desses processos.

Feirantes, comerciantes e bodegueiros

Muitos moradores também se aproveitaram da distância existente entre o bairro e o centro da cidade para desenvolverem comércios a partir das carências que o Conjunto Habitacional Prefeito José Walter apresentava. Além dos motoristas de conduções particulares e as lavadeiras da lagoa, já abordados no segundo capítulo, existiram os donos de “bodegas” e feirantes. É verdade que a feira fazia parte da organização da cidade, estando presente em diferentes bairros, pois era o lugar de obtenção de frutas e verduras frescas com preço mais acessível. A feira também, como lembra Sulamita Vieira (1980) é um local de sociabilidade, onde se encontram os conhecidos e se coloca a conversa em dia. Além do aspecto cultural, somou-se a isso a inexistência de mercantis e a dificuldade de locomoção até eles. Assim, as feiras e as bodegas foram essenciais para o abastecimento de gêneros no bairro.

A feira do José Walter, realizada semanalmente no Polo de Lazer, localizado na Avenida “C”, está presente na lembrança da maioria dos moradores. Ali se encontravam tanto comerciantes do bairro como de outros lugares da cidade que vinham vender suas mercadorias. Dona Lucimar relembra: “Antigamente tinha feira; feira mesmo! Lá onde hoje exatamente é o polo de lazer (...). Ali era a feira onde a gente comprava tudo, desde o peixe, verdura, cereal”.¹⁶³ Sulamita (1980), em trabalho realizado sobre as feiras no município de Itapipoca–CE, trás dados de feirantes que compravam mercadoria na feira desse município para vendê-las nas feiras de Fortaleza. Devido à localização do José Walter, região sul de Fortaleza, é provável que o bairro também recebesse feirantes oriundos do interior do Estado.

Dona Margarida, moradora do bairro desde 1972, perguntada se se lembrava das feiras que ocorriam no bairro, diz:

Lembro... tinha na segunda etapa, dia de sábado, vendia carne, roupa, panela de barro, verdura, sandália, chinela, tudo no mundo, tudo que você imaginar tinha nessas feiras, porque era carência de mercantil, de mercearia; aí no sábado, ia todo mundo comprar. Tinha

¹⁶³ Entrevista com D. Lucimar Gomes de Almeida, 57 anos, em 05.06.2008. Migrante de Quixeramobim. Chegou a Fortaleza em 1967, mudou-se para o Conjunto em 1971.

muita carne, matavam porco, matavam frango, matavam tudo no mundo. Era animado, muito animado!¹⁶⁴

Chama a atenção, na fala de Dona Margarida, imaginar as condições de abate dos animais e higienização do local, que não deviam, até por se tratar de uma feira livre, seguir as principais regras de acondicionamento das carnes; daí por que alguns moradores evitarem consumir alimentos vendidos nesses espaços.

Dona Francisca, moradora do bairro também relembra o problema.

Não tinha supermercado; a gente fazia compra nas feirinhas, na feira que era bem aqui [praça da avenida C] e era a bodega, aqueles comércio pequenos, que os moradores iam chegando e pra sobreviver iam botando; era onde a gente comprava o pão, comprava o leite. Esse era o dia-a-dia.¹⁶⁵

Dona Francisca chama a atenção para outra estratégia criada pelos moradores na tentativa de solucionar o problema e até mesmo se beneficiar dele: a criação de bodegas. Elas passaram a ser um meio de os moradores terem, próximo de casa, produtos mais emergenciais. Todos os quarteirões do bairro, ainda hoje, possuem algum tipo de comércio que se aproveitou do espaço existente na área da frente das casas.

O senhor Medeiros era um destes bodegueiros. Ele era morador do Sítio São Jorge e passou a viver das vendas que realizava para os trabalhadores do lugar, ou seja, iniciou a atividade de comerciante antes mesmo de o Conjunto ser fundado. Seu Medeiros conta como era o bairro e como iniciou o seu comércio dentro do Conjunto:

Era uma mata selvagem... certo? Mata selvagem daquelas que o pessoal tirava lenha pra queimar; era mata virgem mesmo! Aí depois, foi que começou o negócio do proprietário, Seu Eduardo Montenegro. Aí começaram a desmatar, fazer o desmatamento; aquela ruma de gente, com criança (...) e depois, começaram a construir... né? E nós a construir lá na perimetral... né? Começo do Zé Walter, próximo ao posto de gasolina.

Começou, nós colocamos uma vendazinha de alimentos, que era o refresco, o pão, o cigarro; quando o pessoal saía, saía tudo por lá; a gente vendia muito e, com o tempo, a gente foi crescendo. Eu com o meu irmão, e ele foi dando um espaço melhor pra gente crescer.

(...)

¹⁶⁴ Entrevista com D. *Margarida* Maria Rocha, 66 anos, em 27.11.2008. Migrante de Milagres, morou no bairro Barra do Ceará, mudou-se para o Conjunto em 1972.

¹⁶⁵ Entrevista com D. *Francisca* Soares Pérsico, 60 anos, em 11.06.2008. Nascida em Redenção, veio para Fortaleza em 1973. É moradora do bairro desde 1974.

O bairro era pequeno... né? e tinha só aquela venda de cereais bem miúda mesmo, tipo uma bodega. Era vendendo cachaça, arroz, feijão, “toicin”, aquelas coisas de interior mesmo... né? Depois que começou o Zé Walter que a gente foi desenvolvendo... né?

(...)

Quando o Conjunto tava pronto, a gente colocou um comércio aqui do lado, na rua 26. Aí daí, a gente começou a trabalhar, trabalhar, naquele tipo de feira, com os saco tudo aberto assim, mercadoria mesmo de presença. Com isso a gente foi trabalhando, trabalhando, e tentando crescer e chegamos aonde a gente tá hoje.¹⁶⁶

As bodegas eram responsáveis pelo abastecimento de produtos de primeira necessidade. Dona Margarida, moradora da terceira etapa, conta que

Mercantil tinha muito longe; por aqui mesmo num tinha. Aqui vizinho botaram uma bodeguzinha; era vendido por uma janela, normal, como essas aí, só num tinha gradeado, a gente comprava aquele pacote de arroz, de açúcar. Depois abriu um mercantil que era a Manuel Façanha, que era ali na L, e hoje é lá no pantanal. As filhas dele mudou pra lá, e lá, hoje em dia, é uma farmácia. Pão, o rapaz passava vendendo na porta, de bicicleta. Todo dia de manhã, ele vinha: –“Olha o pão, oh o padeiro!” Aí a gente comprava, porque a padaria era longe demais; parece que tinha uma padaria só e também tinha poucos moradores ainda.¹⁶⁷

Na fala de Dona Margarida fica mais evidente as penúrias dos moradores da terceira etapa, por ter sido a última a ser entregue. Os serviços acabaram por se localizar longe demais, pois se concentravam na primeira etapa¹⁶⁸. A dificuldade de percorrer distâncias consideráveis proporcionou o surgimento do serviço de entrega em residência.

A venda de outros produtos em residência também era uma prática bastante adotada. moradores contam que era comum passarem vendedores de casa em casa ofertando diversos produtos que só eram encontrados no Centro da cidade, o que facilitava, de certa maneira, a vida prática dos moradores. No entanto, todo o valor dessa comodidade estava inserido no preço.

¹⁶⁶ Entrevista com o Sr. José Edson *Medeiros*, 55 anos, em 24.06.2008. Nascido no Sítio São Jorge. Morador do José Walter desde sua fundação.

¹⁶⁷ Entrevista com D. *Margarida* Maria Rocha, 66 anos, em 27.11.2008. Migrante de Milagres, morou no bairro Barra do Ceará, mudou-se para o Conjunto em 1972.

¹⁶⁸ Quando criança, sempre escutava piadas na escola sobre as diferenças existentes entre a primeira e a terceira etapa, que, na época, não existiam mais, mas ainda perpetuavam. A brincadeira que mais escutávamos é que, na primeira etapa, encontrava-se a civilidade quando na terceira ainda se vivia no tempo “do arco e flecha”. É isso que é fascinante no estudo da história: descobrimos que algo inicialmente sem muita importância tem seu porquê histórico.

Outra prática adotada nessas bodegas era a venda a caderneta. Dona Jesoniza diz: “Pra você vê, quase toda esquina tinha uma bodega, de caderneta. A gente comprava fiado, a gente tinha uma caderneta e o homem tinha outra”.¹⁶⁹ Desta maneira, toda vez que se comprava algo, o vendedor colocava o valor devido nas duas cadernetas para que quando se fosse somar não gerasse discórdia entre os valores. Para que isso desse certo, era imprescindível que o comprador não esquecesse sua caderneta em casa quando fosse fazer as compras. Então, apesar de as relações de confiança existirem, era bom zelar para que assim permanecessem. É claro que a obtenção de crédito não acontecia de uma hora pra outra; existe toda uma rede de informação que faz com que se venda ou não fiado para determinada pessoa e este crédito pode ser perdido a qualquer momento, caso ocorra algo que porventura venha a modificar os rendimentos familiares. Dona Jesoniza, enquanto casada, sempre fez compras no sistema de caderneta. Ela conta:

Quando foi um vexame muito grande que passei aqui no Zé Walter porque eu tenho crédito; ainda hoje tenho. Em todo canto aqui do Zé Walter que eu ando eu tenho crédito e meus negócio são muito direito. Aí quando meu marido foi embora que eu comprava na bodega, fiado na caderneta, o homem [da bodega]: –“Não, eu soube que seu marido foi embora; agora como é que a senhora pode pagar?” Como se eu não trabalhasse!¹⁷⁰

No bairro, a variedade de produtos e marcas eram limitadas; desta forma alguns moradores preferiam fazer compras fora do bairro, em supermercados. Dona Francisca, ao ser perguntada se ela fazia compras no bairro, ela disse: –“Não. As compras era no Jumbo, minha filha! Só tinha um, ali na 24 de Maio, que ainda hoje tem... né? Que é o ‘Pão de Açúcar’”.¹⁷¹ Dona Maria, ao falar sobre suas experiências iniciais como moradora do Conjunto lembrou:

Outra coisa que era difícil por aqui era que não tinha mercantil, só tinha mercearia; a gente ia fazer o mercantil no Centro. Tinha um ali na 24 de Maio”.¹⁷² Num sei se você chegou a conhecer; tá com pouco

¹⁶⁹ Entrevista com D. Maria *Jesoniza* Costa Cunha, 72 anos, em 15.04.2010. Migrante de Jaguaribe. Mudou-se para Fortaleza em 1947, acompanhada de seus pais. É moradora do bairro desde 1970.

¹⁷⁰ *Idem*

¹⁷¹ Entrevista com D. *Francisca* Soares Pérsico, 60 anos, em 11.06.2008. Nascida em Redenção, veio para Fortaleza em 1973. É moradora do bairro desde 1974.

¹⁷² Esse supermercado se trata do Jumbo, que também foi citado por Dona Francisca, como sendo o local onde ela realizava suas compras.

tempo que faliu. (...) A gente ia fazer o mercantil lá, aí voltava de ônibus, às vezes de táxi, quando o dinheiro dava”.¹⁷³

Em 1973, a falta de mercantis é noticiada. O jornal *O Povo*, de 12 de setembro de 1973, trás a situação vivida no bairro e faz reivindicação para instalação de um supermercado.

No Conjunto José Walter inexistia um supermercado de grande porte, para prejuízo, dos moradores, que se deslocam até o centro de Fortaleza a fim de adquirir os gêneros alimentícios de primeira necessidade. Segundo consta, as grandes firmas que operam no ramo de supermercados, em Fortaleza, não estariam dispostas a se arriscar na construção de uma filial em Mondubim, tendo em vista a renda “per capita” daquela comunidade não permitir grande lucro às empresas. Entretanto, tal não acontece, vez que, de acordo com palavras de alguns moradores de casas tipo A (as mais baratas), todos ali têm poder aquisitivo suficiente para se tornar fregueses de um Mercantil São José ou Supermercado Avenida. Não pode continuar é como está atualmente, como o bairro tendo somente bodeguinhas e quiosques.¹⁷⁴

O desejo dos moradores de consumir produtos oferecidos nas partes mais centrais da cidade evidencia a intenção de querer usufruir das comodidades e de novas experiências que a cidade grande oferece.

Dona Francisca, a mesma citada anteriormente, reconhece a existência das feiras e afirma: “a gente fazia compra nas feirinhas”. Perguntada se ela fazia, responde que não, que fazia compras no Centro. É compreensível que alguns moradores utilizassem as feiras somente em momentos emergenciais, preferindo realizar suas compras em lugares de melhor procedência, confiança e higiene. Uma nota no jornal *O Povo* de outubro de 1977, que tratava da reestruturação das feiras livres ocorridas em Fortaleza, nos sugere os problemas que nelas havia:

A anunciada melhoria das feiras livres começou pela do Conjunto José Walter. A partir de hoje, garante o diretor do Departamento de Fomento e Abastecimento, agrônomo Solinésio Fernandes de Alencar, todos os fiscais já estarão fardados, para facilitar a identificação para os usuários. As feiras também contarão com barracas padronizadas e uma delas reservada a fiscalização.

Há reclamações contra fraude no preço de produtos vendidos em feiras e apenas em uma semana o Instituto de Pesos e Medidas recolheu, nos mercados e feiras, mais de 60 balanças e 90 pesos irregulares. O projeto de reforma do sistema prevê padronização das barracas de acordo com o produto negociado e a participação de

¹⁷³ Entrevista com D. *Maria* Andrade de Sousa, 66 anos, em 03.06.2008. Migrante de São Gonçalo do Amarante, chegou a Fortaleza em 1960. Moradora do bairro desde 1970.

¹⁷⁴ BDP. “Conjunto José Walter luta contra progresso estagnado”. *O Povo*. Fortaleza, 12.09.1973, p. 06.

fiscais do Ipem, do Fomento e Abastecimento e da Ceasa, num trabalho conjunto.¹⁷⁵

Perguntamos ao Senhor Medeiros, que era bodegueiro, se alguma vez tinha participado das feiras livres como feirante. O Sr. Medeiros respondeu:

Não, eu só ia visitar. Teve um tempo que era boa, mas depois começou as brigas de gangue. Todos os fins de semana dava briga, aí foi afastando o pessoal e acabou-se.¹⁷⁶

Percebemos que somado aos demais problemas apresentados, o local da feira também era um local da falta de segurança tanto para os vendedores como para os compradores e este deve ter sido um dos principais motivos para o seu fim, visto que, em outros locais da cidade, ainda permanecem. Somando-se a isso o aparecimento de supermercados e aumento da variedade de produtos ofertados nas bodegas.

Medidas de criação de espaços melhores ordenados e estruturados para a venda de mercadorias já haviam sido tomadas no bairro pelo Poder Municipal. Em dezembro de 1976, foi inaugurado o Mercado Público do bairro, conforme nota no jornal *O Povo*.

Em data a ser marcada pelo Prefeito Evandro Ayres, após seu regresso de Brasília, a comunidade do Conjunto Habitacional José Walter e adjacências ganhará um novo mercado público (foto), construído pela Prefeitura Municipal no Mondubim. A obra tem capacidade para o atendimento a toda população do bairro e faz parte de um programa intensivo do Governo Municipal no setor de abastecimento. Para o ano de 1977 está prevista a construção de mais dois mercados públicos, em bairros ainda a serem definidos. A obra foi iniciada em fevereiro e concluída em julho deste ano, absorvendo recursos da ordem de 650 mil cruzeiros. Além de 30 boxes destinados a venda de produtos alimentícios em geral, dispõe de escritório para administração, instalações sanitárias e hidráulicas.¹⁷⁷

Segue fotografia que acompanhou a matéria.

¹⁷⁵ BDJP. "Mudança nas Feiras começa no José Walter". *O Povo*. Fortaleza, 19.06.1977, p. 12.

¹⁷⁶ Entrevista com o Sr. José Edson *Medeiros*, 55 anos, em 24.06.2008. Nascido no Sítio São Jorge. Morador do José Walter desde sua fundação.

¹⁷⁷ BDJP. "Mondubim ganha Mercado Público". *O Povo*. Fortaleza, 02.12.1976, p. 04.



Imagem 13: Fotografia do Mercado Público do José Walter (Fonte: *O Povo*)

No entanto, em junho de 1977, conforme matéria do jornal *O Povo*, meses após sua inauguração, somente oito boxes estavam funcionando.

Começou a funcionar o Centro de Abastecimento do Mondubim, inaugurado há meses. Dos 32 boxes, somente 8 estão abertos. O diretor do DFA aproveita e convoca os demais locatários classificados a comparecer a sede do órgão na Praça da Gentilândia, para receberem autorização de ocupação.¹⁷⁸

O que percebemos é que a criação de um lugar para regulamentar e disciplinar a venda de gêneros alimentícios não gerou procura pelos comerciantes do bairro. As feiras livres pareciam ter a preferência da maioria dos moradores e comerciantes. Alguns motivos contribuíram para isso. A feira era um local de sociabilidade, onde os moradores se reviam e ficavam informados dos últimos acontecimentos; além disso, era o local de se comprarem produtos mais frescos e por melhor preço. Para os comerciantes, a feira era a melhor opção, pois só ocorria nos finais de semana, deixando livre o restante da semana para realização de outras atividades, bem como, não era necessário pagar taxa para nela vender, como era necessário no mercado.

As metamorfoses decorrentes do processo do habitar saltam aos olhos. Embora tenham sido criados espaços nas três etapas do Conjunto para pontos comerciais, os moradores que não tiveram acesso às casas de tipo “M” não deixaram de transformar suas casas em pontos comerciais, que existiam em quase todos os locais do bairro. A própria feira semanal ocupava o espaço destinado em

¹⁷⁸ BDJP. “Mudança nas feiras começa no José Walter”. *O Povo*. Fortaleza, 19.06.1977, p. 12.

projeto para recreação e realização de encontros, não de comércio. Aconteceu ainda de os moradores utilizarem o espaço livre de suas casas para plantarem frutas e verduras, procedimento que fazia parte da cultura da maioria deles e que veio ajudar em algum momento de necessidade. Este aspecto da cultura dos moradores será tratado ainda neste tópico.

As feiras continuam a ser realizadas no bairro pelo menos até 1982, ano limite para o recorte temporal dessa pesquisa. Somente em 1979, encontramos referência do primeiro supermercado do Conjunto: o Barato Ltda., localizado na Av. L, 240 – 1ª etapa.

A farmácia do Sr. Wilkens

No bairro, como não havia hospitais, ou até mesmo Posto de Saúde, inicialmente, ficou conhecida por todos a farmácia do Sr. Wilkens, logradouro ao qual todos os primeiros moradores recorriam em caso de emergência. A farmácia, que se localizava na primeira etapa, na rua 26, próximo à bodega do Sr. Medeiros, é uma lembrança forte como ponto de encontro, soluções para a falta de saúde pública e referência geográfica no bairro.

As primeiras notícias que recebi sobre o Sr. Wilkens foram através dos meus pais. Eles disseram que ele seria uma ótima pessoa para eu entrar em contato, pois foi o primeiro farmacêutico do Conjunto, e era conhecido por ajudar muita gente que precisava de cuidados médicos. Essa era uma prática recorrente na cidade; como o acesso a consultas era restrito, muitos farmacêuticos; ainda que sem formação alguma, prestavam alguma assistência médica.

A cada entrevista que realizava, percebia a importância em conhecer o Sr. Wilkens. Todos o tinham como referência. A esposa de Sr. Medeiros, durante entrevista, nos interrompeu perguntando:

Você conheceu o seu Wilkens? Não? pois o Wilkens era o médico do Zé Walter. Era o farmacêutico. Ele era o médico do Zé Walter, e sem formatura nenhuma.¹⁷⁹

Seu Medeiros complementou: “Quando você perguntou onde é que a gente ia quando tava doente... né? Primeiro a gente ia com ele; se num desse ia pra

¹⁷⁹ Entrevista com o Sr. José Edson *Medeiros*, 55 anos, em 24.06.2008. Nascido no Sítio São Jorge. Morador do José Walter desde sua fundação.

outro lugar”.¹⁸⁰ E assim vários outros moradores falavam. No entanto, ninguém sabia onde ele morava, pois não residia mais no bairro e sua farmácia foi fechada na década de 90. Nas conversas pelo bairro, meu pai foi informado que o Sr. Wilkens possuía um mercadinho no bairro vizinho, o Pequeno Mondubim. Depois de alguma peleja, perguntando aqui e acolá, consegui o contato com o Senhor Wilkens, ele me telefonou.

Conversamos, identifiquei-me; isso inclui, além de dizer meu nome e explicar objetivo da minha pesquisa, informar a que família eu pertencia no bairro. Prontamente, o senhor Wilkens recordou de meu pai, avó, tias e tios, perguntando como todos estavam. Marcamos entrevista. Ele me explicou direitinho como chegar ao endereço onde agora morava, no bairro Maraponga, que é próximo ao José Walter.

Ao chegar à casa do Sr. Wilkens, sentamos à mesinha da área pra darmos início a nossa conversa. Como na maioria das entrevistas, pedi pra que ele me falasse sobre sua vida, desde seu nascimento até a chegada no bairro. Seu Wilkens como os outros moradores não nasceu em Fortaleza, nasceu na Serra da Meruoca, em 1940, e muito cedo se mudou para Sobral. De lá, aos dezoito anos, veio para Fortaleza onde estudou e passou a trabalhar em hospitais. Seu Wilkens explica como montou sua farmácia no Conjunto:

Eu ia embora pra São Paulo, Mogi das Cruzes, tinha um médico lá Dr. José dos Santos Serra que ele dizia: –“Wilkens se tu quiser vim pra cá, eu te arrumo uma vaga pra você trabalhar no raio-x da Santa Casa. E tu estuda e faz vestibular, aqui eu sou professor”. Eram dois cearenses o Dr. José dos Santos Serra e o Dr. Eládio Pessoa de Andrade; eram médicos da Santa Casa e professores da Faculdade. Mas quando eu me preparei pra ir, meu pai teve um “infarte”, e vinha pra Fortaleza. Aí nessa época meu pai teve um “infarte”, o médico dele era o Dr. Régis Jucá. Ele disse: –“meu filho não vá embora mais não, eu num quero espalhar meus filhos mais não; eu tô morrendo e vocês vão embora, aí acabam de me matar”. Aí me deu aquele constrangimento. Aí o meu irmão Humberto, apesar de eu ter acompanhado a construção do Zé Walter, eu vinha sempre com ele, que o pronto-socorro onde eu trabalhava era pertim lá da COHAB e aqui quando ele vinha fazer visita, passava, aí –“vamos ali dá uma volta”, aí eu vim várias vezes com ele. Aí ele disse: –“Olha Wilkens, nós estamos construindo ali a cidade do Zé Walter, tem uns pontos de comércio na primeira etapa que são uma beleza, nós vamos fazer três blocos de pontos de comércio. E eu tenho certeza que com a prática que tu tem”, porque na época, eu cuidava da farmácia do hospita; além de raio x, eu tomava conta da farmácia do hospital

¹⁸⁰ Entrevista com o Sr. José Edson *Medeiros*, 55 anos, em 24.06.2008. Nascido no Sítio São Jorge. Morador do José Walter desde sua fundação.

–“com essa experiência que tu tem, tu coloca uma farmácia lá no Zé Walter. Vamos olhar os pontos lá”. Isso foi logo no começo de 70. Aí eu vim e gostei, aí falei com o Dr. Serra e com o Dr. Eládio, falando que não tinha mais condição de eu ir pra lá e vim aqui pro Zé Walter, aí acompanhei a reta final da primeira etapa, que terminava na Rua 26.

Na época que eu cheguei que recebi o meu ponto, aquela rua 26 não era calçamentada ainda e o Diogo ainda estava sendo construído. Ali tinha até um pé de cajueiro em frente a minha farmácia; depois a Dolores plantou **uma mangueira**, um bocado de coisa ali na frente, ainda hoje tá lá. Aí lá, os pedreiros, os mestres de obras faziam os lanches deles, aí eu acompanhei. Tinha o ponto de ônibus que era em frente à farmácia.¹⁸¹

O Sr. Wilkens consegue quase que descrever uma fotografia de como era o local onde ficava a farmácia. Este foi o primeiro bloco comercial que existiu no José Walter, eram um conjunto de oito casas tipo “M” que possuíam pontos comerciais na parte de baixo e casa tipo “A” no primeiro piso.

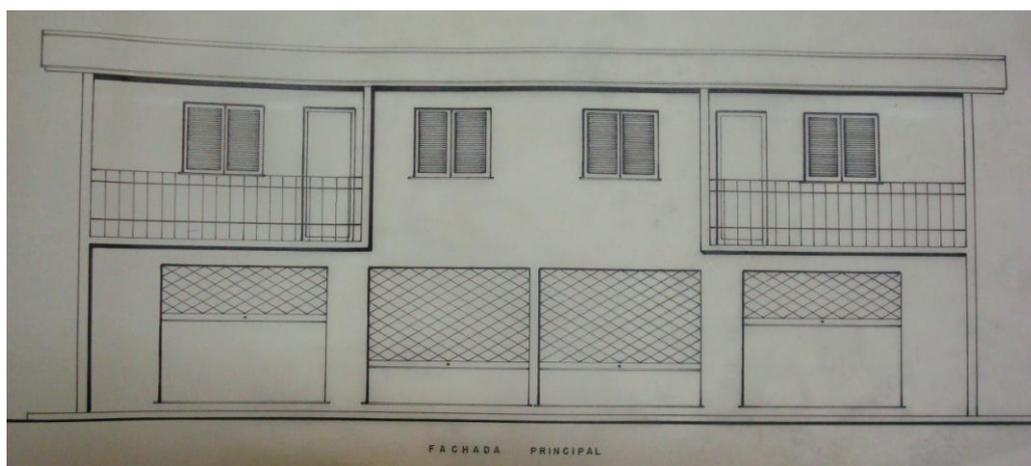


Figura 8: Fachada das casas tipo M (Fonte: Cohab)

¹⁸¹ Entrevista com Sr. *Wilkens* de Almeida Ferreira da Ponte, 69 anos, em 07.01.2009. Migrante de Sobral. Veio para Fortaleza em 1958, foi morador do bairro de 1970 a 1998.

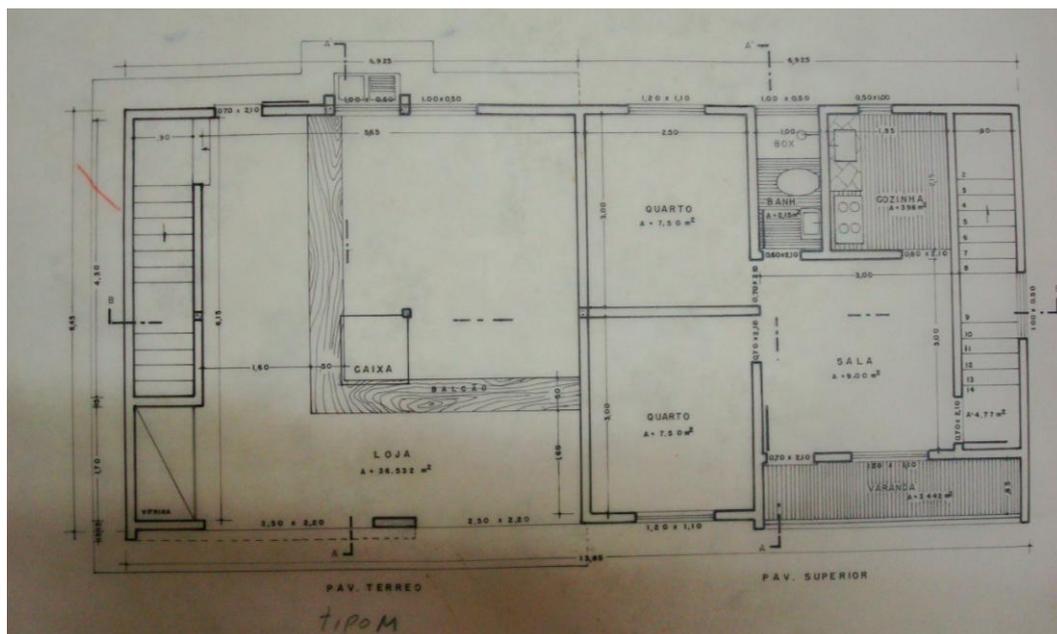


Figura 9: Planta baixa das casas tipo M (Fonte: Cohab)

O Sr. Wilkens continua a descrever o crescimento do José Walter e o local onde morava:

E aí nasceu o nosso querido Zé Walter. A primeira etapa foi até a Rua 26; depois veio a segunda etapa. Agora eu to na dúvida se chegou a ir até a avenida C. Acho que a primeira etapa não chegou até a avenida C; parece que foi só até a rua 26. E aí foi, o Zé Walter nasceu, foi inaugurado (...) dia 19 de março de 1970. O primeiro a receber chave lá oficialmente foi eu porque meu irmão era diretor. Aí ele disse: –“rapaz, melhor eu te entregar as chaves agora, monta logo a tua farmácia pra quando o pessoal for chegando, eles vão vendo que já tem alguma coisa aqui”. E o segundo ponto era do meu vizinho que era do João Nogueira Moraes, que era irmão da Dolores, minha mulher e que era noivo e casou-se com a Doutora Aldacir Nogueira Barbosa, que era superintendente do serviço social da prefeitura. Esse era ex-padre, o irmão da Dolores, esse João. Aí ele colocou, vizinho à farmácia, um frigorífico com um minimercantil; aí depois, foram nascendo outros mercados. Depois veio a Casa Girão, mas, inicialmente, os dois primeiros comércios foram a farmácia e o frigorífico São João, que era do meu cunhado irmão da Dolores.¹⁸²

Ser um dos primeiros a chegar e ver o bairro nascer contribuiu para o sentimento de participação na solidificação do Conjunto e em se sentir responsável por lutar por melhorias junto aos demais moradores.

Diante do funcionamento precário da saúde pública em geral, os mais pobres procuravam farmacêuticos ou donos de farmácia para resolver problemas de

¹⁸² Entrevista com Sr. *Wilkens* de Almeida Ferreira da Ponte, 69 anos, em 07.01.2009. Migrante de Sobral. Veio para Fortaleza em 1958, foi morador do bairro de 1970 a 1998.

saúde de modo mais imediato. Sr. Wilkens tem noção da sua importância para os moradores do Conjunto e explica por que esta referência a sua pessoa se dá ainda hoje:

Eu exerci, não é pedantismo meu, uma certa liderança, em função da minha posição, a única farmácia que tinha, e eu prestava mesmo muito serviço à população, eu socorri muita gente sem ganhar dinheiro, dava remédio, às vezes só tinha o meu carro aqui no Zé Walter e eu levava; era uma ambulância meu carro; dava meu carro, fazia e acontecia. É por isso que onde você chegar hoje na primeira etapa, por ali, pergunta se me conhece: todo mundo conhece, porque eu prestei um serviço aqui no Zé Walter.¹⁸³

Mesmo morando na Maraponga, o Sr Wilkens continua se referindo ao lugar onde mora de “Zé Walter”, isto denota a importância que o lugar teve pra sua história de vida. O “Zé Walter” foi o lugar onde ele trabalhou, onde conheceu sua esposa, teve seus filhos. Foi onde esteve durante o período mais ativo de sua vida, criou relações de amizade e de pertencimento. Ali ele não era anônimo. O Sr. Wilkens, apesar de não morar mais no bairro, frequenta constantemente o lugar, e diz:

(...) meu ponto é ali na farmácia Félix, vizinho ao Depósito do Luís, três vezes por semana eu tô lá; então, o Alexandre é o gerente e o Félix é muito amigo meu, dono dessa cadeia de farmácia Félix, e eu sou muito curioso, eu gosto de saber o que é que tá saindo, o que é que tá acontecendo e uma das minhas curiosidades é exatamente nesse aspecto: –“rapaz como é que tá a venda de camisinha?” –“Seu Wilkens, tá saindo com frequência”. Aquela coisa toda. Aí eu digo: –“Alex, e como é que tá a situação de doença venérea?” Que, antigamente, era todo tipo de doença venérea; gente nova, rapaz. –“Seu Wilkens tá quase zerada. Gonorréia, tá quase zerada”. –“Rapaz, pois era a coisa mais séria que tinha naquela época”.¹⁸⁴

Curioso que o Sr. Wilkens mantém, como prática constante justamente a visita a uma farmácia. Entendemos isso como uma tentativa de prolongamento da sua experiência como farmacêutico dentro do bairro, uma maneira de não esquecer, bem como relembrar, o exercício de sua profissão.

Essas visitas constantes ao bairro também são uma forma de continuar se sentindo integrado ao lugar. Segundo Richard Hoggart (1989):

A sensação de calor humano que a vida de grupo proporciona é muito apreciada, e os indivíduos que saíram das classes proletárias devido a uma ascensão econômica e social, geralmente acompanhada de mudança do local de habitação sentem a falta

¹⁸³ Entrevista com Sr. *Wilkens* de Almeida Ferreira da Ponte, 69 anos, em 07.01.2009. Migrante de Sobral. Veio para Fortaleza em 1958, foi morador do bairro de 1970 a 1998.

¹⁸⁴ *Idem*.

desse calor humano outrora experimentado. (HOGGART, 1989, p. 430).

E como observadora das práticas sociais no Conjunto, afirmo que o Sr. Wilkens não é o único a continuar com as vindas ao bairro, mesmo depois de ter deixado de morar ali. Existe a necessidade de experimentar novamente a sensação de pertencimento e de reconhecimento não só do lugar, mas das pessoas que fizeram parte da sua vida.

Em 1972, foram criados os Centrinhos,¹⁸⁵ espécies de minicentros sociais, onde também ocorria atendimento médico, porém era um serviço ofertado esporadicamente. Dona Hilda,¹⁸⁶ moradora do bairro e que trabalhava nesses centrinhos, fala que, de vez em quando, conseguia algum médico para atender nesses locais.

Em julho de 1972, foi inaugurado o Posto de Saúde do Conjunto.

Na Semana de Mondubim, programada pela Prefeitura Municipal para a última semana de julho próximo, a Companhia de Habitação do Ceará inaugurará a clínica geral e de urgência, servindo também como ponto de distribuição de medicamentos e laboratório no Conjunto Habitacional Prefeito José Walter.

Referido empreendimento médico-assistencial e odontológico, cujas instalações se acham em fase final de conclusão e montagem de equipamentos, entrará em funcionamento em princípios do próximo mês, com o trabalho de três consultórios médicos, um odontológico, uma enfermaria, laboratório e posto de distribuição de medicamentos.

O objetivo geral do posto será o atendimento em clínica geral, uma vez que casos mais graves são levados a hospitais de maior alcance médico e que venham a exigir melhores cuidados.

(...)

A manutenção de referido serviço médico será por conta da Secretaria de Saúde do Estado e pela Prefeitura Municipal, além da cooperação do Conselho dos Moradores do citado núcleo de habitação.¹⁸⁷

Dona Margarida, moradora da terceira etapa, conta como foi sua experiência como funcionária do posto desde 1975:

¹⁸⁵ Citado no tópico 2.3.

¹⁸⁶ Entrevista com D. Maria *Hilda* Barros, 80 anos, em 19.06.2008. Migrante de Itapipoca, mudou-se diretamente para o bairro em 1970.

¹⁸⁷ BDJP. "Cohab inaugura em julho o serviço médico em Mondubim". *O Povo*. Fortaleza. 20.06.1972, p. 06.

Vim pra casa do meu irmão aí na 85; fiz (...) um concurso e fui trabalhar no posto. Entrei em 75, dia 05 de agosto. Quem eu encontrei lá? O Dr. Estevino José de Moura, que era o médico titular; atendia a todos os pacientes, só tinha ele de médico. Tinha a Maria da Paz, que a gente chamava Paizinha, que era uma antiga; Dona Neinha, Dona Aldecir, que mora aqui na [Rua] 60 e a Doralice. Pronto, era isso de funcionário. Daí foi chegando mais, foram contratando. Trabalhei a noite também; trabalhava muito a noite. Aí foram contratando dentista, contratando mais enfermeiro e tudo e eu continuei. Entraram médicos novatos, acadêmicos, o Dr. Antônio José, Dr. Marcos, Dr. Nobre; foram vários médicos, dentistas; Dra. Ivanir, Dra. Maria das Graças; aí foi indo. Veio uma reinauguração, feita pelo Dr. Bonfim que já faleceu, Dra. Fujita e Dr. Esdras; foi uma reinauguração. Foi no ano de 78. Aí eu fiquei com todas as chaves dadas pelo Dr. Esdras pra reinauguração. Aí veio eu, a Maria José Moreira de Carvalho, Maria do Socorro Albuquerque, aí foi pra frente... Depois de uns quatro anos fui fazer um concurso de nutricionista para INAN do posto; aí fiz e fiquei responsável pelo INAN, que era aquele [programa] que dava para as pessoas gestantes, que vinha arroz, leite, fécula. Aí eu continuei lá; eu saí tá com quatro anos. Eu saí de lá com quase 29 [anos de serviço], faltando poucos dias pra trinta anos; aí eu me apressei pra me afastar, mas eu ainda to afastada, num tô aposentada. Eu trabalhei com dentista, com médico; eu era pra tudo, eu mexia com tudo, com curativo, com vacina. Foram chegando mais médicos e foi aumentando, aumentando.¹⁸⁸

Dona Margarida, perguntada sobre a procura da população pelo Posto de Saúde logo no início de seu funcionamento, responde:

a população procurava [o Posto], porque tinha muita dificuldade e pouco médico, inclusive o Dr. Estevino José de Moura, ele trazia sempre a esposa dele pra ajudar; ela não era contratada, pra ajudar a atender a pediatria, que ela era pediatra; trazia ela à noite. Ele trazia pra ajudar porque tinha uma carência horrível. Depois não, foi aumentando, melhorou muito. Foi muito procurado esse posto e o atendimento era ótimo. Eu pelo menos sou uma que me orgulho de sempre ter atendido todo mundo muito bem, graças a Deus.¹⁸⁹

A relação de solidariedade dentro do bairro acaba sendo percebida também para os locais de serviços. Como todos se conhecem, as relações pessoais também habitam o espaço público. E podia, vez por outra, favorecer algum morador que tivesse relação mais íntima com algum funcionário.

Em 1977, foi inaugurado, na segunda etapa do Conjunto, o Centro Social Urbano Aduato Bezerra, mais conhecido no bairro pela sigla CSU, onde também funcionavam serviços de saúde. Dona Graça conta: “a gente ia pro CSU, no CSU

¹⁸⁸ Entrevista com D. *Margarida* Maria Rocha, 66 anos, em 27.11.2008. Migrante de Milagres, morou no bairro Barra do Ceará, mudou-se para o Conjunto em 1972.

¹⁸⁹ *Idem*.

era posto de saúde, existia clínico, existia pediatra, existia dentista. Quando fizeram o Gonzaguinha, transferiram os funcionários pro Gonzaguinha, e acabou esse posto”.¹⁹⁰ Os atendimentos eram de suma importância para a população do José Walter, pois o posto da terceira etapa era considerado muito distante, ficava no final do bairro e não tinha capacidade para atender toda a demanda. O trajeto abaixo chega a 2,3km. O ponto “A” é onde está localizado o posto de saúde e o ponto B está localizado na rua onde se inicia o Conjunto, a Rua 2.



Figura 10: Trajeto da Rua 2 até o Posto de Saúde. (Ferramenta: Google Maps)

O Hospital Gonzaga Mota, referência de atendimento hospitalar não somente para os moradores do José Walter mas para os bairros próximos, foi inaugurado somente em 1986; no entanto, projetos para a criação de um hospital na região já eram mencionados nos jornais desde 1980:

A Prefeitura de Fortaleza está anunciando, para o próximo ano, a implantação de uma nova unidade de emergência do Instituto José Frota, desta vez localizada no Conjunto Prefeito José Walter, um conglomerado humano que conta com mais de 30 mil habitantes e que se localiza no centro de uma área de grande expansão demográfica, gerando, inclusive, um processo de cornubação nos limites da capital com o município de Maranguape.¹⁹¹

¹⁹⁰ Dona Graça é moradora do bairro; interrompeu a entrevista que estava sendo dada pelo Senhor Medeiros para colocar sua opinião. No entanto não quis ser entrevistada diretamente.

¹⁹¹ BDPJ. “Não uma unidade de saúde, mas um hospital”. *O Povo*. Fortaleza, 19.10.1980, p. 03.

No que se refere aos hospitais, Lúcio Alcântara informou que a Superintendência do Planejamento do Município já tem um projeto elaborado para a construção de duas unidades do Instituto Dr. José Frota, nos Conjuntos José Walter e Ceará.¹⁹²

Atualmente estão em estudos novas unidades do IJF nos conjuntos habitacionais José Walter Cavalcante e Ceará. Para sua construção a Prefeitura já solicitou à Caixa Econômica Federal financiamento no valor de 51 milhões de cruzeiros.¹⁹³

A presença do José Walter no distrito de Mondubim modifica também a vida dos bairros vizinhos, que puderam ter acesso a serviços que antes se localizavam no bairro Parangaba ou no Centro da cidade. No entanto, a concentração de novos empreendimentos num só lugar não era vista com bons olhos por todos. Um morador do Mondubim escreveu a seguinte nota no jornal:

Temos a mania de confundir o conjunto residencial José Walter com o distrito do Mondubim, o pequeno centro populacional que margeia a linha férrea da RFFSA.

Talvez daí o abandono em que vive este último. Tudo corre para os lados do “Zé Walter”. A subprefeitura, que, há anos, estava sediada em Mondubim, carregaram para lá. O destacamento policial lá se foi também. O próprio DETRAN esqueceu Mondubim. Ali, no cruzamento das vias Fortaleza–Baturité com a Perimetral, cruzamento aliás, perigoso, dada a intensidade do trânsito, o único sinal de cruzamento foi retirado e nada mais foi colocado. A pequena população reclama.

(...)

Eu apelo para a Prefeitura Municipal de Fortaleza, lembrando tudo isso: lixo, policiamento, rearboração da avenida e sua remodelação.

Apelo também para o DETRAN (...). Vejam se lhes é possível mandar colocar o sinal de trânsito que falta no perigoso cruzamento. Minha gente! Mondubim é gente!

E ao dinâmico Dr. Evandro eu peço remodelar a pracinha que fica em frente a Igreja. Vai mudar-se, dali, a igreja?

Pois, enquanto não se muda que custa fazer uma pequena revisão!

Assim, como está, é desconsiderar o povo.¹⁹⁴

Então, morar próximo ao José Walter trazia vantagens e desvantagens ocasionadas pelo mesmo motivo: a concentração de serviços no lugar. Morar

¹⁹² BDJP. “Lúcio revela plano sobre asfaltamento e hospitais”. *O Povo*. Fortaleza, 16.08.1980, p. 14.

¹⁹³ BDJP. “Saúde e Previdência”. *O Povo*. Fortaleza, 22.09.1980, p. 23.

¹⁹⁴ BDJP. VALDIVINO, José. “Mondubim, o esquecido”. *O Povo*. Fortaleza, 16.08.1977, p.03.

próximo ao Conjunto significava saber que os serviços públicos da região iriam concentrar-se preferencialmente lá, o que gerava uma carência de serviços nos outros bairros.

A ideia de locais para o atendimento da saúde pública já aparecia no projeto do Conjunto, no entanto, somente em 1972, o Posto de saúde foi construído e não foi suficiente para resolver os problemas da população que criaram outros métodos para tentar solucioná-los, como a criação dos Centrinhos, a procura por atendimento na farmácia do Sr. Wilkens e a plantação de ervas medicinais.

Plantas e Animais

O cultivo de ervas medicinais e árvores frutíferas, que já era um traço dos moradores do José Walter, foi reforçado devido às dificuldades enfrentadas com a saúde pública e com a falta de mercantis. Dona Lucimar conta:

A gente tinha uma horta, tinha mamão, banana e as verdurinhas; a minha mãe fazia um canteiro. A gente tem até foto da época do meu pai cuidando da horta. Era muito bom! A terra daqui é muito boa! (...) A gente tinha aqueles remédios caseiros; era malva-santa, corama, malvarisco, hortelã, que a mamãe adora hortelã, essas coisas que a gente fazia chá em casa... né?¹⁹⁵

Dona Margarida, que ainda hoje possui diversas plantas no seu quintal, conta que quando seus pais compraram a casa onde mora:

Tinha um pé de caju muito grande lá; plantou um pé de limão, que veio dá um tempo desse, depois de quantos anos... Tinha o pé de romã, de limão, de banana-maçã, que foi a Fátima que plantou, que é doida por planta. Mas só tinha o pé de caju quando a gente chegou aqui; depois, plantamos um pé de coco.¹⁹⁶

Dona Maria conta que “antigamente, plantava o que eu planto ainda hoje; gosto de plantar às vezes um pé de cana, que eu acho bonito. Taí um pezinho de cana, uns pézin! Pés de mamão, bananeira, essas coisas...”¹⁹⁷ Esse afeto com o pezinho de cana, de pouco mais de um palmo, justifica-se como tentativa de se aproximar do espaço vivido na infância e na adolescência quando trabalhava na

¹⁹⁵ Entrevista com D. *Lucimar* Gomes de Almeida, 57 anos, em 05.06.2008. Migrante de Quixeramobim. Chegou a Fortaleza em 1967, mudou-se para o Conjunto em 1971.

¹⁹⁶ Entrevista com D. *Margarida* Maria Rocha, 66 anos, em 27.11.2008. Migrante de Milagres, morou no bairro Barra do Ceará, mudou-se para o Conjunto em 1972.

¹⁹⁷ Entrevista com D. *Maria* Andrade de Sousa, 66 anos, em 03.06.2008. Migrante de São Gonçalo do Amarante, chegou a Fortaleza em 1960. Moradora do bairro desde 1970.

roça com seus pais. Espaço que traz outras lembranças da vida, não só do trabalho, mas do cotidiano vivido naquele tempo.

Percebemos, de maneira geral, na fala dos moradores, a alegria associada ao hábito de cultivar. Isso se dá pelo próprio valor que o agricultor atribui à terra e a seus frutos. As relações estabelecidas com natureza ganham importância e significado na vida dos moradores do José Walter. É fácil notar os laços afetivos que nascem entre quem cultiva e o ser cultivado, traduzidos em frases onde o cuidado é sempre presente.

Seu Wilkens fala do terreno que possuía: “Olha, lá era tudo plantado por mim. Tinha cinco qualidade de manga, tinha jasmim, tinha manga itamaracá, tinha manga rosa, tudo fruticando; vendia no mercantil”.¹⁹⁸ Então, além da satisfação envolvida em cultivar plantas, estas ainda podiam ser comercializadas, no caso do Sr. Wilkens, no mercantil construído no Novo Mondubim, bairro vizinho ao José Walter. Outros moradores, no entanto, podiam comercializá-las nos botequins ou até mesmo nas feiras livres.

Sabemos que as condições do lugar demandavam a plantação de árvores frutíferas ou ervas medicinais, objetivando ter acesso mais fácil a alimentação e a remédios. Procedimentos que tiveram sua reprodução facilitada pelo próprio espaço, visto que o solo era fértil, pois, antes de ser construído o Conjunto, o território era de mata virgem,¹⁹⁹ como também possuía um lençol freático bastante raso, devido a o Conjunto ser circundado por lagoas. Sobre esta relação estreita entre cultura e território, Milton Santos (2007, p. 81) afirma que

a cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e seu meio, um resultado obtido por intermédio dos próprios processos de viver.

Desta forma, a partir da relação com as demandas deste novo espaço, recriam-se ou criam-se condições para se habitar melhor.

Quando perguntei a Dona Maria se plantava ervas medicinais, ela respondeu:

Planto hortelã, capim-santo, cidreira; tudo eu tinha aqui no quintal, mas só que quando eu comecei [a criar galinha], as galinhas “estrói”

¹⁹⁸ Entrevista com Sr. *Wilkens* de Almeida Ferreira da Ponte, 69 anos, em 07.01.2009. Migrante de Sobral. Veio para Fortaleza em 1958, foi morador do bairro de 1970 a 1998.

¹⁹⁹ Antes da existência do bairro, o dono da terra, Sr. Casimiro Montenegro, tinha como atividade econômica a venda de madeira do lugar, processo que os mais antigos designam como “desmatamento”.

tudim. Agora eu vou até acabar com as galinha, pra mim botar minhas planta de novo.²⁰⁰

Dona Maria ainda hoje tem o costume de criar galinhas no seu quintal, prática que trouxe de São Gonçalo do Amarante, onde seus pais criavam animais para consumo próprio. A prática de criação desses animais no Conjunto se dava em menor número, mas não deixava de ser recorrente entre os moradores, que, adaptando-se a vida urbana, buscavam constantemente lembrar e recriar o modo de viver na cidade a partir das conexões com as experiências anteriores, mais rurais.

Os animais aparecem nas fontes como bichos de estimação, de consumo, ou ainda, de divertimento. Embora se tratasse de um bairro onde a maioria dos moradores tivesse origem rural, a criação de animais podia gerar discórdias. O jornal *O Povo* de junho de 1972 trás a seguinte reclamação.

Moradores vizinhos à casa 1.219, da rua 41, no Conjunto habitacional Prefeito José Walter, não estão gostando da criação de porcos na referida unidade habitacional. Conforme reclamação chegada à nossa redação, a moradora do prédio 1.219, da rua 41, não vem procurando cuidar da pocilga – fazendo limpeza diariamente – daí provocando enorme mau cheiro e a proliferação de moscas, mosquitos e muriçocas.

Os reclamantes solicitam à proprietária da casa 1.219, da rua 41, no caso dona Mirtes, um melhor tratamento para a pocilga e caso essa providência não possa ser adotada, a Secretaria Municipal de Saúde deve adotar as medidas que se fazem necessárias.²⁰¹

Percebemos que não se questiona a legitimidade de criar porcos em residências; na verdade, reclama-se da falta de higiene do criatório que afeta os moradores das proximidades. O Código Urbano da cidade nada fala sobre a criação de animais em residências. No entanto, ressalta a importância da salubridade nestes ambientes:

Art. 236 – A Prefeitura poderá interditar qualquer prédio que, pelas suas más condições de limpeza, salubridade e segurança, possa trazer perigo à saúde e à vida dos respectivos moradores ou de moradores dos prédios vizinhos.

Art. 237 – É lícito a qualquer inquilino ou proprietário reclamar à Prefeitura e exigir dela a vistoria em prédios vizinhos que no seu entender estejam sendo construídos ou utilizados contra expressa determinação deste código, e em qualquer caso em que as

²⁰⁰ Entrevista com D. Maria Andrade de Sousa, 66 anos, em 03.06.2008. Migrante de São Gonçalo do Amarante, chegou a Fortaleza em 1960. Moradora do bairro desde 1970.

²⁰¹ BPMP. O Povo reclama: "Pocilga Incomodando". *O Povo*. Fortaleza, 12/06/1972, p.10.

condições de saúde, sossego e comodidade possam vir a ser afetadas, ou ainda quando o seu prédio sofrer restrições quanto ao seu valor, em consequência do mau uso da propriedade vizinha.²⁰²

As discórdias que ocorriam e a consequente denúncia em jornais mostram, em certa perspectiva, a inserção desses moradores no modo de vida urbano, que se apresenta através da noção de regras de convivência, do respeito ao espaço do outro, do discernimento entre o que é legal ou ilegal. Estes conflitos ainda nos possibilitam perceber diferentes temporalidades: enquanto uns aprendem rapidamente os signos do cidadão, outros demoram um pouco mais.

Criação de animais para o comércio também existia. Alguns moradores chegaram a montar em seus quintais criação de coelhos. Foi o caso do Sr. Carlos²⁰³ e do Sr. Wilkens, que conta:

Na minha casa eu tinha criação de coelhos, eu e mais uns amigos lá do Zé Walter. Um era da Coelce, muito amigo do meu tio, morava ali em frente ao Polivalente. Mais ou menos na avenida K; e o outro morava lá vizinho ao Tarcísio. Então nós três fizemos um curso no CETREDE e eu ganhei um coelho e eu cheguei a possuir lá em casa uns 100 coelhos, tudo engaioladozinho. Nera solto não! Tudo dentro dos conformes.²⁰⁴

O Sr Wilkens, após comprar terreno nas proximidades do Conjunto, pôde colocar em prática um costume antigo seu, a criação de galos para realizar “rinhas”, brigas de dois animais, de donos diferentes, que lutam geralmente até a morte. Essa era uma prática sua desde que morava em Sobral. No entanto, um episódio concorreu para que desistisse da criação dos galos:

Meu esporte desde Sobral quando eu vim pra cá é galo de briga. Eu criei galo uns 35 a 40 anos, mas um dia, ia haver um torneio grande aqui em Fortaleza, aí eu tava treinando uns galos. A elite da minha galeria eu pegava, armava com as esporas artificiais e pegava um pra sacrificar, e botava pra ver em quantos minutos um matava o outro. Eu tinha lá em casa uns 130 galos, tudo engaiolado. Aí o tenente Adroaldo, que era o Presidente do Conselho e era maçom também, ele foi me procurar lá em casa; quando a Dolores mandou que ele entrasse, ele olhou e me viu treinando esses galo, um já com as duas vistas vazada, todo ensanguentado, acabado e o outro matando. Aí o Adroaldo botou a mão na cabeça e disse: –“Meu irmão...”, que ele era espírita, –“Meu irmão, quanto sadismo! Quanto sadismo, meu irmão, da sua parte!”. Nesse português. –“Como é que você suporta meu irmão? Como tem coração pra suportar um

²⁰² SEINF. Código Urbano. Lei Municipal 2004/ 1962.

²⁰³ Entrevista com Sr. Carlos Iberê Nunes Olímpio, 55 anos, em 02.06.2008. Migrante de Icó, veio para Fortaleza em 1967. É morador do bairro desde 1970.

²⁰⁴ Entrevista com Sr. Wilkens de Almeida Ferreira da Ponte, 69 anos, em 07.01.2009. Migrante de Sobral. Veio para Fortaleza em 1958, foi morador do bairro de 1970 a 1998.

negócio desse? Você botar um animal desse pra matar o outro. Tira isso daí que vai lhe acabar espiritualmente!” Mas menina, eu vou lhe dizer uma coisa, em quatro dias eu não tinha mais nem um pinto cantando na minha casa. Aquilo me doeu. E olha que eu criava há mais de 30 anos, 35 anos. Eu ia a Recife, ia a Juazeiro, ia a Crato, ia a todo canto; ia à Bahia, botar galo pra brigar. Eu era sócio-proprietário da rinha lá na Heráclito Graça; eu dei a minha ação que hoje vale um dinheirão, eu dei de graça a um cabra que me ajudou muito na época. Aí eu acabei.²⁰⁵

O fato exemplifica bem como a lógica do urbano acaba questionando os hábitos rurais e se sobrepondo a eles, que vão, com certa resistência, desaparecendo geração após geração.

Além da criação de galos para as rinhas, seu Wilkens criava outros animais no terreno onde passou a morar.

Aí eu comprei um terreno lá, onde eu morei 32 anos e, lá nesse terreno, eu tinha uma vacaria. Eu cheguei a possuir 20 vacas leiteiras. Vendia leite lá na farmácia, já tinha a freguesia lá na farmácia; o pessoal ia só buscar. Criei carneiro. (...) Então, lá no meu quintal eu criei muito, eu criava porco, eu criava galinha de todo jeito. Depois que eu terminei com os galo de briga, eu tinha no meu quintal muita galinha, tinha pato, tinha ganso, tinha marreco, tinha tudo. Tinha muita sabiá, eu tinha umas oito sabiá, passarinho, que era o pássaro da minha predileção.²⁰⁶

Seu Wilkens teve que vender o terreno e agora mora numa casa, comprada recentemente direto da construtora, no Conjunto da Maraponga. Casa nova, moderna, duplex, no entanto, que agrada pouco ao Sr. Wilkens. Ele conta:

Eu toda vida gostei muito de viver no mato. Uma das coisas que ainda tem me tranqüilizado e me deixado mais ou menos é ver esse terreno aí da frente todo cheio de mangueira. Aí eu fico aqui nessa areazinha; tem uma redezinha, aí eu fico olhando pras árvores; aí eu boto uns bichinho [bebedouro de pássaros] aqui outros acolá, os beija-flor vem e bebe. Aí vem outros passarinhos, os cibite. Aí eu boto uma aguazinha açucarada; eu já botei hoje. Olha como é que tá [mostrando o bebedouro com pouca água]. Aí pronto! Isso tem me contentado, tem me anestesiado. Porque esse terreno onde eu morava era uma quadra de oitenta metros por oitenta, 6.400m de área. Lá fizerem cinquenta duplex desse daqui.²⁰⁷

Na fala do Sr. Wilkens, percebemos, além da tentativa de suprir a falta deixada pela antiga forma de moradia, a crescente especulação imobiliária que atinge, cada vez mais, a periferia da cidade de Fortaleza.

²⁰⁵ Entrevista com Sr. *Wilkens* de Almeida Ferreira da Ponte, 69 anos, em 07.01.2009. Migrante de Sobral. Veio para Fortaleza em 1958, foi morador do bairro de 1970 a 1998.

²⁰⁶ *Idem.*

²⁰⁷ *Idem.*

O que fica mais claro na fala dos moradores é uma tentativa de ressignificar a vida na cidade sem perder de vista as experiências anteriores. As formulações e críticas em relação à vida na cidade se conformam na dialética entre o rural e o urbano.

Escolas e Centrinhos

Desde cedo, parecia existir uma preocupação do Poder Público em viabilizar serviços escolares dentro do próprio Conjunto. Em fevereiro e março de 1970, foram inauguradas, respectivamente, o Grupo Escolar Francisco Nunes e o Grupo Escolar Diogo Vital, do Siqueira. Este último concentrava diversas atividades no bairro, como as reuniões do Conselho de bairros e a realização das missas.

Ainda em 1970, outros prédios escolares começaram a ser construídos. Estas iniciativas públicas foram noticiadas no jornal *O Povo* de julho de 1970.

Com recursos do Banco Nacional de Habitação e projetada Cohab – Fortaleza, foram iniciados no Conjunto Integrado da Companhia, em Mondubim as obras de construção de três grupos escolares e de um ginásio cuja capacidade aproximada será para 2.300 alunos do ciclo primário e 800 do curso médio.

Os trabalhos deverão terminar, possivelmente, no fim do ano, para que a Secretaria de Educação do Município providencie o equipamento das quatro unidades que funcionarão a partir do início do ano letivo de 1971. Os recursos para esse fim, já estão assegurados na área municipal.

Com a construção dos três grupos e do ginásio, não haverá problemas de vagas para a população do Conjunto, pelo menos por enquanto, sobretudo no ensino primário. Além do número de vagas, de 2.200 calculadas para os três turnos, confirma a previsão da Secretaria de Educação e Cultura a possibilidade de se introduzir o sistema de quatro turnos, com melhor distribuição das horas de aulas, o que, por sinal, já se faz em algumas unidades de ensino primário do Município.²⁰⁸

Destas quatro instituições educacionais a que se refere a matéria, sabemos que três são a Escola Rogaciano Leite, o Grupo Escolar Rachel de Queiroz e a Escola Polivalente Modelo de Fortaleza. As duas primeiras de ensino fundamental e a última de ensino médio, sendo a primeira e a segunda localizadas na segunda etapa e Escola Polivalente Modelo de Fortaleza, na primeira etapa.

²⁰⁸ BDJP. “Três Grupos e um Ginásio para o Conjunto de Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza, 18.07.1970, p. 06.

A Escola Polivalente Modelo de Fortaleza, no entanto, visava não só atender os moradores do José Walter mas também os dos bairros vizinhos, visto que, nas proximidades, não existiam escolas de ensino médio. Isto é confirmado pela matéria do jornal *O Povo* de maio de 1970.

A Secretaria Municipal de Educação e Cultura anunciou pretensão de instalar, em breve, um ginásio orientado para o trabalho, na rede municipal, apontando no início o Conjunto integrado da Cohab-Fortaleza, em Mondubim, como um dos locais prioritários para a implantação do novo estabelecimento de ensino.

O empreendimento da Educação Municipal depende de condições materiais o que se não existe de imediato, será dentro em breve conforme acredita decididamente o titular da Pasta, Sr. Epitácio Cruz. Os detalhes técnicos do novo ginásio não foram precisados, mas a linha será, sem dúvida, de orientação para o trabalho.

A convergência de grande número de famílias, a maioria das quais de trabalhadores, pareceu à Secretaria de Educação e Cultura como um dos fatores determinantes da escolha do Conjunto de Mondubim, como ideal para o novo ginásio polivalente. Ademais, a partir de Parangaba, e até Mondubim, não existe nem no âmbito estadual, federal ou municipal, estabelecimento de ensino médio, motivo por que a prefeitura deseja criação de um ginásio construindo-o de acordo com a nova linha do Ministério da Educação de escolas o mais possível voltadas para o trabalho e a comunidade.²⁰⁹

O colégio Polivalente Modelo de Fortaleza, o próprio nome sugere, seria referência na educação da cidade. Os idealizadores do Conjunto tinham como meta tornar o José Walter uma espécie de polo atrativo do entorno, o que veio acontecer efetivamente alguns anos depois, devido aos contratempos vivenciados. Daí por que os infortúnios da comunidade sempre ganharem as páginas dos jornais, pois, em projeto, a realidade vivenciada deveria ser outra.

Somente em 1972. foram inaugurados os Grupos Escolares Rachel de Queiroz e Rogaciano Leite, perfazendo o total de quatro escolas atuando no Conjunto. No entanto, estas não foram suficientes para atender a demanda, visto o crescimento do bairro, que possuía nessa época por volta de vinte mil habitantes. Desta maneira, não demorou que a falta de escolas tomasse as páginas dos jornais locais:

Somente com a implantação de pelo menos mais dois grupos é que poderão ser atendidos regularmente as crianças na faixa-etária de 7 a 14 anos do conjunto habitacional de Mondubim, pois as unidades existentes funcionam com número de alunos superior à prevista e

²⁰⁹ BDJP. "Prefeitura quer ginásio Polivalente para a Mondubim". *O Povo*. Fortaleza, 08.05.1970, p. 06.

ainda **há cerca de dois mil excedentes** que, para estudarem este ano, terão que procurar aprendizado fora do conjunto ou escolas particulares. A declaração é da professora Maria Liduína Correia Leite diretora do Departamento do Primeiro Graus da Secretaria Municipal de Educação.

Pela falta de projeção no tocante ao setor educacional do conjunto, estabelecimentos oficiais de ensino primário não comportam mais que 50% da demanda, o que tem provocado a insatisfação dos pais de família que não lograram matrícula este ano para suas proles. O grupo Rogaciano Leite tem capacidade projetada para 480 estudantes em dois turnos e funciona agora em quatro com 1.184 crianças, enquanto o Rachel de Queirós de 320 passou a atender 800 nas mesmas condições. Conforme a professora Liduína, tal excesso provoca verdadeira dor de cabeça nas diretoras, porque “a criança geralmente é mais difícil de controlar quando em grande número”.²¹⁰ [grifo nosso]

Outro Grupo Escolar, o Ari De Sá Cavalcante, de ensino público, ainda foi inaugurado no mesmo ano, obra feita às pressas, aproveitando pontos comerciais ainda não-ocupados no Conjunto. Segue matéria do jornal *O Povo*, de julho de 1972, referente a essa construção:

A Diretoria Técnica da COHAB–Ceará estará entregando, concluído na próxima semana um novo grupo escolar a ser mantido pela Secretaria de Educação e Cultura do Município, com capacidade para receber novecentos alunos, funcionando em quatro turnos diferentes.

O Diretor Técnico da empresa engenheiro Oto Brasil de Sá Cavalcante, informou que o novo estabelecimento terá 8 salas de aulas, além de dependências individuais para Diretoria, Secretaria, Biblioteca e Cantina, estando localizado na quarta etapa do Conjunto Habitacional de Mondubim.

A COHAB–CEARA elaborou projeto de aproveitamento de quatro pontos comerciais no Conjunto Habitacional de Mondubim transformados no novo Grupo. O projeto foi executado pela equipe técnica da Companhia.

O presidente da COHAB, engenheiro José Ramos Torres de Melo Filho, entregará a nova unidade escolar à Secretaria de Educação e Cultura do Município por ocasião da Semana de Mondubim quando também serão inaugurados o Posto Médico e mais dois Centros Comunitários Distritais.²¹¹

Enquanto isso, o Ginásio Polivalente Modelo de Fortaleza ainda se encontrava em construção, com inauguração prevista para início de 1973.²¹² A

²¹⁰ BDPJ. “Duas mil crianças sem escola em Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza. 11.05.1972, p.10.

²¹¹ BDPJ. “Onde estudar em Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza. 21.07.1972, p. 10.

²¹² BDPJ. “Visita às obras da Escola Polivalente”. *O Povo*. Fortaleza. 22.05.1972, p. 10.

demora na entrega da obra obrigava os adolescentes moradores do Conjunto a estarem constantemente locomovendo-se para outras escolas fora do bairro, ou seja, na prática, era realizado o movimento inverso da população. A escola mais procurada pelos moradores do José Walter era o Ginásio Castelo Branco, localizado na Avenida João Pessoa. Dona Fátima fala de sua experiência:

Não tinha escola de segundo grau aqui no Zé Walter. Até porque a pessoa que arranhou a vaga, arranhou para o Castelo Branco; foi uma menina que namorava com meu irmão. Eles são casados hoje, moram em Rondônia. Aí ela arranhou a vaga e eu fui estudar lá, 75, 76 e 77.²¹³

No período citado por Dona Fátima, já existia a Escola Polivalente Modelo de Fortaleza, o que denota a falta de vagas para estudantes desse período. Dona Fátima acrescentou que, no Colégio Castelo Branco, os porteiros já conheciam a realidade dos ônibus do Conjunto e sempre deixavam os alunos oriundos do José Walter entrar no Colégio mesmo atrasados. Devia concorrer para isso a aventura do deslocamento para outros espaços da cidade que beiravam o desconhecido.

Para compreender a realidade vivida nestas escolas, contribui a experiência e as palavras de Dona Jesoniza, moradora do Conjunto desde 1970, que atuou, desde este período, como professora dentro do Conjunto. Ela foi professora vinculada ao Estado e à Prefeitura, ministrou aulas inicialmente no Diogo Vital, depois Rachel de Queiroz, pela Prefeitura, e no Polivalente e Otávio de Farias, pelo Estado.

Eu trabalhei quinze anos pra poder me aposentar, porque eu já vinha de fora, era funcionária pública tanto do Estado como da Prefeitura. Eu entrei muito cedo; eu entrei por concurso. Naquele tempo era uma briga danada pra se arranjar político pra entrar de qualquer maneira. Concurso era difícil, pois eu fiz o concurso do Estado e da Prefeitura no mesmo ano e me aposentei de todos dois no mesmo ano.²¹⁴

Mais uma vez foi perceptível que as relações pessoais eram importantes na conquista de benesses sociais. Dona Jesoniza compartilhou como era o exercício da profissão naquele tempo:

É o seguinte: naquele tempo, professor trabalhava. Pra começar não tinha greve. Depois começou a se trabalhar dia de sábado pra recuperar aula, mas recuperava mesmo, e cortava ponto mesmo, era

²¹³ Entrevista com D. Maria de *Fátima* Xavier Píres, 57 anos, em 29.04.2010. Migrante de Camará – Aquiraz, mudou-se diretamente para o José Walter em 1974, com os pais e dois irmãos.

²¹⁴ Entrevista com D. Maria *Jesoniza* Costa Cunha, 72 anos, em 15.04.2010. Migrante de Jaguaribe. Mudou-se para Fortaleza em 1947, acompanhada de seus pais. É moradora do bairro desde 1970.

dez minutos de tolerância. E professor num tinha esse negócio de tá com uma dor no pé, tá com uma dor da unha, dor de cabeça, qualquer coisa. Faltar, não! E outra coisa: quando faltava, tinha alguém; nunca as crianças voltavam. Nunca! Dava-se um jeito, outra professora ajudava.²¹⁵

Uma das datas mais simbólicas vividas pelos colégios naqueles tempos de Ditadura Militar era o “Sete de Setembro”. O nacionalismo era reforçado pelas aulas de OSPB e pelo canto do hino, que se dava todas as manhãs, com hasteamento da bandeira. Dona Jersoniza relembra esse período com saudade:

Pois é, mas naquele tempo se respeitava. Olhe uma coisa que eu me lembro demais, que só porque eu gostava de música e de cantar, a parte de recreação, um coisa que não era da minha alçada e eu fazia. Isso era OSPB, era ensinar aos alunos o hino nacional. Quem foi meu aluno, sabia. Isso é, durante o dia... né? Especialmente de manhã; de tarde raramente, mas de manhã, todo mundo ia hastear a bandeira e cantar o hino nacional, que não sabiam. Ainda hoje, você pega um adulto, você num vê a vergonha dos times de futebol? As autoridades num sabem cantar o hino nacional. Os mais velhos, as pessoas mais antigas sabem cantar o hino nacional, o hino do Ceará e o de Fortaleza, nem pensar.²¹⁶

Os desfiles referentes à Semana da Pátria em toda a cidade eram noticiados nos jornais. No jornal *O Povo* de agosto de 1978, o José Walter ganha destaque na organização do Dia da Independência.

Para festejar a semana da pátria, o Centro Social Urbano Governador Adauto Bezerra e as Unidades sediadas em Mondubim, bem como as autoridades legalmente constituídas dessa área, estabeleceram a seguinte programação, a ser realizada no dia 3 de setembro:

Às 8 horas, serão hasteados os pavilhões Nacional, do Estado e da Prefeitura no Centro Social Urbano Adauto Bezerra, momento em que estarão presentes os diretores e representantes das unidades escolares, além de outras autoridades especialmente convidadas. Após esta solenidade, as autoridades se deslocarão até o palanque armado na Praça Marechal Melo, em Mondubim, para assistirem ao desfile dos estudantes. Desfilarão 23 escolas e o CSU Adauto Bezerra.

O percurso se iniciará no CSU Adauto Bezerra, atingindo a esquerda pela Av. L, continuando nesta até a Avenida “A” seguindo pela direita na Avenida J, prosseguindo até a Praça Matriz onde o desfile será encerrado.

Os colégios da Área que participarão das comemorações à Semana da pátria, por ordem de saída são os abaixo relacionados: Instituto

²¹⁵ Entrevista com D. Maria Jersoniza Costa Cunha, 72 anos, em 15.04.2010. Migrante de Jaguaribe. Mudou-se para Fortaleza em 1947, acompanhada de seus pais. É moradora do bairro desde 1970.

²¹⁶ *Idem*.

Educacional 13 de maio – Instituto E. Monteiro Lobato – Instituto Educacional Independência – Instituto Pituchinha – Instituto Sino Pinheiro – Instituto Machado de Assis – Instituto Prof. Pardal – Instituto Pequeno Sábio – Instituto Henrique Jorge – Instituto Prof. Sílvia Helena Nogueira – Educandário 21 de Julho – Escola de 1º Grau Rogaciano Leite – Escola Casemiro Montenegro – Educandário Baby – CSU Gov. Adauto Bezerra – Escola Jacinto Botelho – Estabelecimento de Ensino Dom Bosco – Escola de 1º Grau Ari de Sá Cavalcante – Escola Polivalente de Fortaleza.²¹⁷

Os desfiles eram um momento de envolvimento de toda a comunidade. Todos paravam para ver. Dona Jersoniza, que foi professora de algumas das instituições envolvidas, conta:

Os desfiles? Os desfiles de Sete de Setembro, ali na segunda etapa, era o palanque, menina. Os colégios disputavam qual era que ia mais bonito. Banda de música e tudo. Os colégios particular... era lindíssimo os desfiles! Eu tenho muito o que contar... né? Aqui do Zé Walter.

–*A senhora organizava os desfiles?*

–Não, não! Os desfiles era porque quem organizava eram os professores de OSPB, de educação física.

–*Tinha banda?*

–Tinha, mas eu era mais atuante nas escolas de 1º grau.²¹⁸

Em setembro de 1980, o evento é novamente noticiado no jornal *O Povo*:

As comemorações alusivas à Semana da Pátria tiveram prosseguimento ontem, com desfiles estudantis em diversos pontos da cidade. Na cidade Prefeito José Walter cerca de oito mil alunos de colégios da área participaram da parada, enquanto no Dias Macedo desfilaram 2.800 estudantes.

No Conjunto José Walter, 15 colégios estiveram presentes. A solenidade de abertura foi presidida pelo Prefeito Lúcio Alcântara, que hasteou a bandeira do Brasil, ao som do Hino Nacional. Estiveram presentes ainda os deputados Evandro Aires de Moura e Ubiratan Diniz, além de representantes de órgãos da administração indireta governamental e da liderança do Conjunto.

O desfile iniciou-se por volta de 9 horas, com colégios, escolas e institutos, entre os quais Sinó Pinheiro, Henrique Jorge, Treze de Maio, Jacinto Botelho, Escola Polivalente, Centro Social Urbano Adauto Bezerra e Instituto Silva Helena.

A Escola de 1º Grau Polivalente Modelo de Fortaleza prestou homenagem ao atual Ministro das Minas e Energia, César Cals de Oliveira Filho, cujo Centro Cívico recebe o seu nome. As

²¹⁷ BDPJ. “Cidade José Walter verá desfile em comemoração à Semana da Pátria”. *O Povo*. Fortaleza, 24.08.1978, p. 22.

²¹⁸ Entrevista com D. Maria Jersoniza Costa Cunha, 72 anos, em 15.04.2010. Migrante de Jaguaribe. Mudou-se para Fortaleza em 1947, acompanhada de seus pais. É moradora do bairro desde 1970.

representações de pelotões homenagearam os Estados da Federação e vultos que fizeram a História do Brasil.²¹⁹



No Conjunto Prefeito José Walter a presença das crianças foi uma atração à parte no desfile, enquanto

Figura 12: Desfile de Sete de Setembro de 1980 no José Walter (Fonte: *O Povo*)

Ano a ano, devido ao enfraquecimento e fim da Ditadura Militar, os desfiles foram perdendo o apoio do Poder Público e passaram a ocorrer somente por iniciativa das escolas. Ainda hoje, os desfiles de Sete de Setembro ocorrem no José Walter, mas são iniciativas isoladas de algumas escolas, longe de ser o evento de grande porte que já foi.

Além da educação regular, a educação profissionalizante também era uma preocupação pública. Para os mais jovens, ela era ofertada inicialmente na Escola Polivalente Modelo de Fortaleza, depois passou a ser ofertada também na escola de segundo grau Otávio de Farias, fundada em dezembro de 1977. Cursos profissionalizantes também eram ofertados nos Centrinhos, tendo em vista a necessidade de profissionalizar seus moradores, bem como alfabetizar a população. Dona Hilda conta que, nos centrinhos, eram oferecidos diversos, cursos dentre eles:

²¹⁹ BDJP. “Colégios comemoram a Semana da Pátria com desfiles nos bairros”. *O Povo*. Fortaleza, 07/07/1980, p. 30.

culinária, pintura, pedreiro e MOBRAL.²²⁰ O que pode ser observado na matéria encontrada no jornal *O Povo* de setembro de 1974:

Encontram-se abertas no Centrinho nº 1 do conjunto habitacional de Mondubim as inscrições para o curso de pedreiro. As aulas se iniciarão a 2 de outubro e se constituem mais uma etapa do programa de capacitação profissional elaborado exclusivamente para os moradores daquele núcleo. Esta semana, foram diplomados 60 concludentes de artesanato em couro, pintura de obras e manicure-pedicure. Os cursos são ministrados em colaboração com a Legião Brasileira de Assistência, COHAB e PIPMO. Na ocasião usaram da palavra a madrinha dos diplomados, Adelaide Studart, a representante da COHAB, Dra. Afonsina, e o professor Benedito Barros.

Em face de observações feitas pelos moradores do conjunto habitacional, a administração dali deverá convidar o general Tito do Canto, presidente da COHAB, para debater com os mutuários diversos problemas de natureza social, bem como a questão de racionamento d'água, que perdura há vários meses sem solução satisfatória até o momento.

Enquanto isto, prossegue o movimento do centrinho da primeira etapa, objetivando a instituição de fundos para a aquisição de geladeira destinada a atender as necessidades de 149 crianças que ali assistem a aulas.²²¹

Os centrinhos contavam com a presença de assistentes sociais, que se encarregavam de promover a oferta de cursos. Eram compostos dos seguintes setores: sala do chefe do distrito, sala da assistente social, sala de artesanato, salão de jogos, sala para biblioteca, sala dos escoteiros, sala da TV Educativa, e sala de corte e costura. Tinha como fim promover o lazer supervisionado com atividades funcionais de combate ao ócio, formando cidadãos preocupados com seu futuro (SANT'ANNA, 1994). Esses cursos também foram importantes para a integração da comunidade. Os centrinhos foram desativados em 1977, com a instalação do Centro Social Urbano do José Walter, sobre o qual trataremos no próximo tópico.

3.2. O bairro se organiza

Várias organizações foram responsáveis pela tentativa de ordenamento do crescimento e dos modos de viver entre os moradores. Nossa intenção é destacar essas entidades ressaltando sua importância para organização do

²²⁰ Movimento Brasileiro de Alfabetização – foi implantado pelo Regime Militar, criado pela Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967; propunha a alfabetização funcional de jovens e adultos.

²²¹ BDJP. “Prosseguem cursos no Conjunto de Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza. 28.19.1974, p. 05.

Conjunto e os diversos usos que eram feitos delas. Desta maneira, tiveram destaque a Igreja, o Conselho de Moradores e o Centro Social Urbano. Todos eram espaços previstos em projeto, mas que acabaram sofrendo pequenas ou grandes metamorfoses durante sua existência.

As missas e a Igreja

A grande maioria dos moradores do bairro tinha experiência nos ritos da religião católica ao chegarem a Fortaleza. Chegando ao José Walter, esses ritos continuaram a ser realizados mesmo que, inicialmente, de maneira precária.

Todos os entrevistados contam que participavam das missas e lembram os locais onde eram realizadas nos primeiros anos. Inicialmente, na casa dos padres, na Rua 22 e, depois, na Praça do Colégio Diogo Vital. Ir à missa era dar continuidade à prática religiosa e estar em dia com as obrigações da Igreja; era também o momento de encontro com a comunidade, de conhecer os novos moradores e de saber das últimas novidades. Ao fim de cada missa, era natural os moradores se reunirem em pequenos grupos pra colocar a conversa em dia. Para os mais jovens, era momento da paquera e de se informar onde era a tertúlia do domingo.

Não assusta que a maioria da população do bairro praticasse a religião católica. Segundo dados do IBGE, em 1970, 92%²²² da população brasileira era católica. No Ceará, esse número subia para 97,8% da população; em Fortaleza, esse número era de 93,6%; nos demais municípios, somados, era de 99%. Ou seja, é notório que a religião católica no interior do Estado, região de origem dos moradores do José Walter, pertencia a, praticamente, toda a população.

Enquanto a maioria dos moradores participavam das missas e de algumas congregações; outros participavam mais ativamente da paróquia. Dona Francisca já tinha uma vida bastante religiosa em Redenção, sua cidade natal, e em Juazeiro do Norte. A moradora nos conta como ela e seu marido se engajaram na paróquia da Santíssima Trindade²²³ no José Walter:

²²² IBGE. Censo de 1970.

²²³ A criação da Paróquia da Santíssima Trindade data de 07 de março de 1971. Anteriormente, pertencia à paróquia do Mondubim. A primeira missa foi realizada no dia 08 de maio de 1970 em frente ao colégio Diogo Vital de Siqueira,²²³ organizada pelos padres designados Cristiano e Teodoro.

Chegamos em janeiro de 74 na paróquia. Em fevereiro, a gente foi procurar pelos padres Teodoro²²⁴ e Cristiano pra somarmos com os que já estavam, que eram poucos, começar a caminhada da paróquia... né? Que não tinha igreja, mas já tinha povo organizado caminhando.(...)

As missas eram nas praças do Rogaciano Leite, do Diogo,²²⁵ no Polivalente (...) e isso tudo era mão-de-obra de muitas pessoas que iam se juntando, se organizando, pra preparar toda aquela cerimônia que uma missa... né? E aí veio aquela questão dos cursos de noiva, de batismo, de catequese.²²⁶

O Senhor Victor²²⁷ também tinha grande participação na luta pela promoção das atividades de cunho religioso. Ele ministrava palestras realizadas pela pastoral da família para os noivos, dentre elas: “Conhecer para amar”, “Sexo no casamento” e “Planejamento econômico”, além de uma palestra sobre batismo nos sábados.

Além da Dona Francisca e o Sr. Victor, outra moradora, Dona Dinah, também esteve envolvida com a Paróquia desde os primeiros anos. A moradora conta:

Na igreja foi fácil porque eu vim quase igual com os padres. Aí, pra celebrar a missa era assim: primeiro foi no campo limpo lá no começo mesmo [campo na primeira etapa do Conjunto]. Depois que passou a construir as escolas, passou a ser no Diogo Vital do Siqueira. Mas a primeira mesmo, a primeira escola foi o Francisco Nunes. (...). Trabalhei na pastoral, era catequista e ajudava a fazer o altar; era a dona dessa missa aqui. Era quem tomava conta do equipamento, limpava as coisas, mandava lavar, mandava engomar. Ia pra lá, pegava as cadeiras, ajeitava, fazia o altar.²²⁸

Essa iniciativa em ajudar nos trabalhos da Igreja parte da necessidade de continuar experienciando a vida religiosa e, num bairro recém-construído, que tinha muito ainda por ser feito, carecia da ajuda de quem estivesse interessado. Como foi dito pelos moradores, a realização das atividades, reuniões, aulas, missas, eram feitas nos colégios Diogo Vital do Siqueira, pois, apesar da construção de a Igreja

²²⁴ O Padre Teodoro Cuypers ainda hoje celebra missas na comunidade.

²²⁵ Ver: *Conjunto Prefeito José Walter*. 37 anos. Fortaleza: Ena Publicidade e Propaganda, 2007 (Caderno).

²²⁶ Entrevista com D. *Francisca* Soares Pérsico, 60 anos, em 11.06.2008. Nascida em Redenção, veio para Fortaleza em 1973. É moradora do bairro desde 1974.

²²⁷ Entrevista com Sr. *Victor* Ribeiro Neto, 86 anos, em 27.06.2008. Migrante de Acopiara, chegou a Fortaleza em 1942. É morador do bairro desde 1970.

²²⁸ Entrevista com D. *Dinah* Góes, 88 anos, em 16.04.2010. Nascida em São José - Caucaia. Mudou-se para Fortaleza em 1954 com marido e dois filhos e para o bairro em 1970.

estar nos planos de execução da Cohab,²²⁹ não foi construída. Para isso, foi necessária a mobilização da população. Como conta Dona Francisca:

A gente fazia por quadra. O padre Cristiano era muito organizado; dividiu o conjunto, arrumou todinho num mapa (...), fez o mapa todinho do conjunto, dividiu em quadras. Era fácil demais! A gente chegava de noite, cada um ia pra sua quadra, recolhia os alimentos, recolhia os tributos. Os tributos iam pros padres; os alimentos iam pra pastoral pra distribuir pros carentes. E fomos caminhando, até a inauguração da pedra fundamental, que foi em 75, em 75 aqui.²³⁰

Dona Dinah era uma das que ajudava na coleta do tributo. Ela diz:

Menina, me chamavam até de Edson Queiroz, porque eu cobrava o tributo, primeira coisa. Tinha outras pessoas, mas sempre quem arrecadava mais era eu. Aí elas diziam: –“lá vem o Edson Queiroz!” Mas era porque a gente aguentava muita coisa; ninguém queria dar não aquele tributo assim não.²³¹

A Igreja católica do bairro foi construída em 1975, com a ajuda da comunidade, nos moldes da planta da Cohab, que segue abaixo:

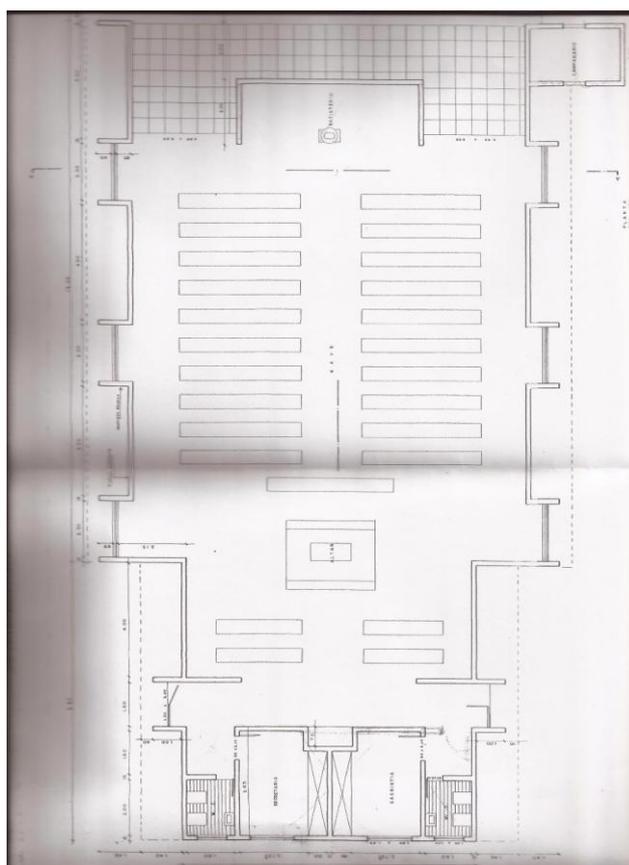


Figura 11: Planta baixa da Igreja de Nossa Senhora da Santíssima Trindade. (Fonte: Cohab)

²²⁹ Planta da Igreja feita pela COHAB data de 1971.

²³⁰ Entrevista com D. *Francisca* Soares Pérsico, 60 anos, em 11.06.2008. Nascida em Redenção, veio para Fortaleza em 1973. É moradora do bairro desde 1974.

²³¹ Entrevista com D. *Dinah* Góes, 88 anos, em 16.04.2010. Nascida em São José - Caucaia. Mudou-se para Fortaleza em 1954 com marido e dois filhos e para o bairro em 1970.

Interessante notar que a própria Cohab já tivesse elaborado uma planta da Igreja Católica a ser construída. Isso denota a importância dada à Igreja, não somente como marco religioso mas também como elemento que constituía a imagem de um Conjunto que não deveria carecer de nada.

Conselho de Moradores

A criação de Conselho Comunitário estava inerente à constituição de um Conjunto Habitacional. Esse tipo de Conselho era uma ferramenta utilizada pela própria administração Pública numa tentativa de facilitar a comunicação com os moradores e tomar conhecimento de sua realidade. Dessa forma, o Conselho era um órgão que trabalhava em parceria com o Poder Público, era o órgão que mediava a comunicação entre aquele e os moradores.

Assim sendo, ainda em 1970, ano de fundação do José Walter, foi criado o Conselho Comunitário do Conjunto. O jornal *O Povo* de 18 de janeiro de 1972 dá destaque à entidade:

Reconhecido de Utilidade Pública por lei municipal adotando o lema “A força de uma comunidade está na união”, o Conselho Comunitário do Núcleo habitacional Prefeito José Walter muito tem realizado pela população. Funciona na casa 320 da Avenida C e está sempre ouvindo as reivindicações dos moradores, encaminhando-as às autoridades competentes. Agora mesmo o Conselho está promovendo a primeira quinzena da cultura, onde cursos de liderança são ministrados aos representantes de quadras. O Presidente da COHAB – Ceará já fez uma palestra sobre a reformulação da política habitacional e sábado será a vez da conferência sobre reforma do ensino. Até o dia 23, serão instalados os Departamentos Social, Jurídico, Planejamento, Imprensa, Educação e Cultura.²³²

O jornal datado de 27 de janeiro de 1970 discorre sobre a instalação do Departamento de Imprensa e Relações Públicas:

O segundo fato foi uma reunião havida no fim da semana no Conjunto Habitacional José Walter Cavalcante, em Mondubim, para instalar o Departamento de Imprensa e Relações Públicas do Conselho Comunitário local, departamento que deverá ter por missão mobilizar os moradores para solução dos problemas do Conjunto e suscitar uma ação mais firme dos poderes públicos em função desses problemas.

²³² BDJP. José Walter: “O bairro onde mora o sossego”. *O Povo*. Fortaleza, 18.01.1972, p.13.

Mas ao povo, à comunidade, não cabe assumir uma atitude passiva diante do grande desafio dos próximos dez anos. Como disse o Diretor do O POVO, patrono do Departamento que o Conselho instalou, “é preciso que todos nós, individualmente, ou em grupos, ofereçamos a nossa contribuição para solução dos problemas que nos afligem, não esperando tudo dos poderes públicos.”²³³

Não sabemos o que ocasionou a escolha do diretor do jornal *O Povo* como patrono, mas esse é um indício da forte relação entre o Conjunto e o jornal. Esse foi o jornal que mais noticiou os acontecimentos do bairro; não entendemos isso como uma preferência, pois outros problemas da cidade eram noticiados. Não podemos esquecer o que o José Walter representava para o momento. Era o primeiro Conjunto Habitacional de Fortaleza e era até então o maior já construído no país, uma obra grandiosa, representante de todo o anseio de modernidade do período. Daí, também pode ter surgido a empatia e amizade entre os moradores e o jornal que sempre publicava as notícias mais recentes do Conjunto.

Conseguimos, durante a pesquisa, às vezes por coincidência, entrar em contato com moradores que fizeram parte do Conselho. O Sr. Wilkens fez parte da primeira gestão do Conselho Comunitário; foi um dos responsáveis pela sua fundação. Segundo o farmacêutico:

(...) O povo foi começando a se conhecer... né? Nós formamos inicialmente o Conselho Comunitário do Conjunto José Walter. O Conselho Comunitário, na época, eu fui o vice-presidente; o presidente era o tenente Adroaldo de Melo Gaspar; foi o primeiro presidente do Conselho Comunitário, isso em 70, fim de setenta. Aí entregaram o prédio do Diogo. Aí a gente fazia a reunião lá no Diogo. A diretora já era a dona Zélia, Zélia Pereira Holanda.²³⁴

Outro senhor muito atuante no Conselho, bem como em outras entidades do bairro, foi o Senhor Victor. Ele fez parte da segunda gestão do Conselho Comunitário. Seu Victor, que havia participado dos Ciclos Operários Católicos e participava da Associação dos trabalhadores do Ministério da Agricultura, conta como foi sua experiência neste movimento.

Eu cheguei aqui em (...) dezembro de 1970, cheguei (...) numa sexta-feira às sete e meia e sábado, às sete horas eu já estava participando de uma reunião que já estava havendo lá no Diogo Vital do Siqueira, que era o único colégio que tinha naquela época. E tinha um grupo de pessoas, lá da primeira, que já tinham vindo antes e estavam se reunindo pra fundar (...) um Conselho. Era o tenente

²³³ BDJP. “Comunidade e Governo”. *O Povo*. Fortaleza, 27.01.1972, p. 03.

²³⁴ Entrevista com Sr. *Wilkens* de Almeida Ferreira da Ponte, 69 anos, em 07.01.2009. Migrante de Sobral. Veio para Fortaleza em 1958, foi morador do bairro de 1970 a 1998.

Adroaldo (...), tinha dois sargentos do exército, tinha uma moça e um rapaz da polícia federal, que, naquele tempo, tinha muita polícia federal, que era no tempo da ditadura; andavam cascaviando tudo. E esse pessoal (...) eles lançaram, vamos dizer, a pedra fundamental do Conselho Comunitário, porque o Conselho começou com eles. Mas, lá você tinha a impressão que tava era num quartel, não num colégio, mas na verdade era o Conselho Comunitário. E eu comecei a participar, já com a experiência que trazia de outros movimentos dos quais eu participei, fui catequizando os companheiros e fui conseguindo, e formamos o Conselho. Tomamos a mão deles e formamos o Conselho, filiamos as pessoas e fundamos o Conselho. Eu lembro que a primeira eleição, votaram quinhentas e tantas pessoas, e não tinha, até então não tinha, só... E esse conselho, eu fiquei até dois anos, porque o presidente é uma pessoa que eu não confio, eu não queria ser o presidente.

(...) E teve esse rapaz que era professor, o Oswaldo, e lançaram ele como presidente. Ele foi eleito, mas ele era, diziam que ele era comunista. Naquele tempo você julgava o que era comunista e o que não era comunista pelo espírito de luta; se você lutasse contra a ditadura, claro que você era comunista e o Oswaldo era um comunista. Eu não tinha essa concepção de ideologia; eu era um homem que queria me entregar ao povo, lutar pelo povo, pelos anseios do povo, mas sem conotação política.²³⁵

Segundo Vera Telles (1988), esses movimentos populares da década de 70 tinham como novidade o que ficou conhecido como “novas formas de participação”, “identificadas em práticas e discursos que enfatizam a ação e a participação coletivas, os procedimentos da ‘democracia de base’, a independência e autonomia frente a instituições e partidos” (p. 251). Era mais um passo do José Walter como participante de estruturas urbanas modernas.

Entendemos que o Senhor Victor e o Sr. Wilkens estavam em grupos diferentes. O Sr. Wilkens fez parte da primeira gestão e o seu Victor da segunda, que teve o Sr. Oswaldo como presidente. O Seu Victor, não simpatizava com a primeira gestão do Conselho, por entender que esta era composta por pessoas que compactuavam com a Ditadura e estavam lá para vigiar; e nem com a segunda gestão, por defender que o Conselho devia ser independente, sem ligação com partido político. Assim, o Sr. Victor deixa claro que também não concordava com atitudes vinculadas à gestão de que participou, explicando inclusive, que, devido à conotação política dada ao Conselho, alguns de seus integrantes foram presos.

²³⁵ Entrevista com Sr. Victor Ribeiro Neto, 86 anos, em 27.06.2008. Migrante de Acopiara, chegou a Fortaleza em 1942. É morador do bairro desde 1970.

Então, o Oswaldo começou um trabalho errado. Não estava vendo o lado da comunidade, mas o lado dele, talvez até, não digo de interesse próprio, mas da ideologia. Eu sei que terminou os meus dois anos, eu não fui mais candidato. Aí, ele foi reeleito e, nesses dois anos, houve tudo: houve tiro, houve briga, houve cadeia, ele mesmo foi preso, três vezes preso, o secretário foi preso, o tesoureiro foi preso. Eu sei que foi um desastre. Esse Conselho começou e acabou horrível”.²³⁶

Seu Wilkens confirmou a versão do Sr. Victor quando perguntei se houve prisões na época do Conselho. Ele disse: “Tarcísio foi um, porque foi na época, negócio de comunista. Tinha outro também que foi um dos presidentes.”²³⁷ Este último a que se refere seu Wilkens deve ser o Sr. Oswaldo, presidente da gestão subsequente.

Não podemos perder de foco o contexto no qual o bairro foi construído: a Ditadura Civil Militar (1964-1985). A política de segurança nacional criada neste período procurava defender o Estado do chamado “inimigo interno”, entendido como todas as pessoas que defendiam o modelo de sistema comunista. Entendemos também que qualquer um que se posicionasse contra o governo poderia ser rotulado de comunista. Muitos foram os presos e desaparecidos do período, não somente no Brasil, como em toda a América Latina.

Não se sabe ao certo a data das prisões, mas devem ter ocorrido entre 1972 e 1974, no Governo do General Médici, período mais repressor da Ditadura Militar. Assumindo o General Ernesto Geisel, foi iniciada uma lenta abertura política. Foi nesse período, final dos anos 70, que os movimentos de bairro ganharam notoriedade em todo o país.

No seu estudo sobre movimento de bairros no final da década de 70, Sílvio Bava (1988) destacou que, antes da abertura política, as reivindicações dos movimentos dos bairros

passavam pelos canais tradicionais construídos pelo clientelismo. Por iniciativa dos vereadores que controlavam Sociedades Amigos de Bairro, do padre, do Rotary local ou até a Secretaria Municipal do Bem-estar Social, eram encaminhadas petições à Prefeitura, às vezes acompanhadas de abaixo-assinados da população. (BAVA, 1988, p. 302)

²³⁶ Entrevista com Sr. *Victor* Ribeiro Neto, 86 anos, em 27.06.2008. Migrante de Acopiara, chegou a Fortaleza em 1942. É morador do bairro desde 1970.

²³⁷ Entrevista com Sr. *Wilkens* de Almeida Ferreira da Ponte, 69 anos, em 07.01.2009. Migrante de Sobral. Veio para Fortaleza em 1958, foi morador do bairro de 1970 a 1998.

Após ter contato com outros grupos em que puderam observar outras formas de reivindicação e vendo suas solicitações desconsideradas pelo poder público, o movimento de bairros de São Paulo percebeu que somente com atitudes mais radicais poderiam sensibilizar o governo, bem como a opinião pública, a seu favor. Daí, iniciaram a realização de manifestações e passeatas em prol da melhoria do bairro. O que também foi promovido pelos moradores do José Walter.

Desde o princípio, os moradores do José Walter tiveram um grande aliado: o jornal *O Povo*, que sempre publicou as perdas e ganhos obtidos pelos moradores, cobrando das autoridades públicas melhorias infraestruturais para o Conjunto. É verdade que o jornal dedicava páginas de todas as suas edições para tratar de problemas da cidade, onde os problemas de outros bairros também eram denunciados; porém, as reclamações do Conjunto José Walter se destacavam. Entendemos que isso se dava pela importância e representatividade do Conjunto, bem como pelo próprio relacionamento empreendido pelos moradores com o jornal. Segue foto do Conselho Comunitário em visita ao jornal *O Povo* realizada em setembro de 1972, para denunciar os problemas do Conjunto.



A comissão de moradores de Mondubim veio ao O POVO contar como andam as coisas ali.

Imagem 14: Visita do Conselho Comunitário ao jornal *O Povo*.²³⁸ (Fonte: *O Povo*)

Embora, em projeto, o Conselho Comunitário se estabelecesse como uma ferramenta do Poder Público, na prática, ele fugiu do controle, seja pelas denúncias constantemente realizadas, seja pelo envolvimento político da segunda gestão do Conselho. Quanto aos indivíduos presos, segundo entrevista concedida a Rodrigues

²³⁸ BDJP. "Cohab inicia despejo em massa no Mondubim". *O Povo*. Fortaleza, 13.09.1972, p.06.

(2002) pelo Prof. Pedro Jorge, estes seriam Oswaldo Bezerra, José Loureiro e Célia Albuquerque. Não se sabe ao certo até quando durou o Conselho Comunitário. Denúncias realizadas pelo Conselho aparecem até setembro de 1975, no jornal *O Povo*. O Conselho, nos primeiros anos da década de 70, esteve à frente das reivindicações dos moradores do Conjunto, sempre sendo citado em matérias de jornais como solicitantes de melhorias para o Conjunto ou como participantes de negociações de benfeitorias, ou ainda como porta-voz da realidade vivenciada dentro do bairro.

Em agosto de 1978, foi fundada a Associação dos moradores do José Walter, que teria como objetivo “Promover atividades educacionais, recreativas, sociais, culturais, desportivas e de caráter sanitário e urbanísticos, além de fazer reivindicações aos órgãos públicos em benefício da comunidade”.²³⁹ Era composta pelo Sr. Orimar Alves Evangelista (presidente), Sr. Jessé Moura Filho (vice-presidente), Olga Maria F. da Silva (primeira secretária), Francisco Renato B. Gadelha (segundo secretário), Valdemar Nunes Batista (primeiro tesoureiro) e Francisco Alves da Silva (segundo tesoureiro). Sobre a atuação desta associação, não temos nada de concreto; basta dizer que as denúncias e reclamações continuaram a ser exibidas nos jornais.

Outras associações existiram nesse período. O Sr. Victor continua falando sobre a fundação do Conselho da Integração, que tinha como objetivo integrar todas as entidades que passaram a existir no José Walter, mais ou menos vinte, segundo ele. O Conselho seria composto por um representante de cada entidade. Ficou o primeiro ano sendo coordenado provisoriamente por outra pessoa e, depois, seu Victor foi eleito, funcionando somente seis meses sob sua direção. Justificou seu fim da seguinte forma:

Aí foi um tempo que teve um acidente comigo e com o padre Teodoro, que eu passei seis meses sem condição de nada. Então, deixei, mas eu deixei mais porque quando eu cheguei, talvez com dois meses, ou três meses que eu cheguei, o Conselho não funcionou. Padre Teodoro disse: –“Como é? num vai botar esse Conselho pra funcionar não?” Eu disse: –“Não, porque tá com três meses e ele não funcionou nem um dia”; –“E o que é que isso significa?”; –“Significa que o Conselho é meu, porque se eu não estou, ele não funciona e eu não fundei o Conselho pra mim; eu

²³⁹ BDJP. “Conjunto José Walter tem associação dos moradores”. *O Povo*. Fortaleza, 20.08.1978, p. 20.

fundei o Conselho pra Comunidade; a Comunidade não assumiu, eu não vou assumir". Aí nunca mais.²⁴⁰

Seu Victor ainda fundou o Clube dos Poetas e o Clube dos Artistas, mas não durou muito tempo, porque "nesse tempo o pessoal já tava um pouco disperso em razão do próprio CSU".²⁴¹ E continua dizendo que isso mudou não devido às dificuldades, mas devido às facilidades que foram surgindo, que fez com que a comunidade não fosse mais combativa. E explica: "Porque, no começo, havia muita dificuldade, então o pessoal se organizava pra lutar, a gente lutava muito e, hoje, o povo tão mais acomodado... né?"²⁴²

Durante toda a década de 70, as reclamações concernentes à falta de água e precariedade nos transportes públicos tomaram as páginas dos jornais da cidade. A existência do Conselho de Moradores e de outras entidades posteriores foram fundamentais para minimizar as dificuldades vividas, à medida que denunciavam e buscavam negociar melhorias para o Conjunto.

As dificuldades, como bem colocou o Sr Victor, foram as responsáveis por promover a integração e o espírito de comunidade entre os moradores do Conjunto. Ainda hoje, e isso foi perceptível nas entrevistas, os moradores se referem ao bairro como "comunidade", concepção trazida das experiências vividas outrora.

O CSU e o lazer no bairro

Como bem disse o Sr. Victor, a criação do Centro Social Urbano no Mondubim foi um marco para a comunidade em vista do grande volume de serviços comunitários em diversas áreas (saúde, esporte, educação profissional) que eram ofertados no lugar de forma gratuita.

O famoso Centro já era noticiado nos jornais desde novembro de 1975 e, quanto mais se aproximava sua inauguração, mais matérias que propagandeavam os benefícios que traria para a comunidade eram divulgadas.

Uma das grandes preocupações do prefeito Evandro Ayres de Moura vem sendo, sem dúvida alguma, a Cidade José Walter Cavalcante. Os problemas que se acumulam ali, por força da falta de assistência das administrações municipais que se sucederam agravam a situação dos habitantes que se vinham sentindo marginalizados. A

²⁴⁰ Entrevista com Sr. *Victor* Ribeiro Neto, 86 anos, em 27.06.2008. Migrante de Acopiara, chegou a Fortaleza em 1942. É morador do bairro desde 1970.

²⁴¹ O Sr. Victor se refere ao Centro Social Urbano Adauto Bezerra, inaugurado em 1977.

²⁴² Entrevista com Sr. *Victor* Ribeiro Neto, 86 anos, em 27.06.2008. Migrante de Acopiara, chegou a Fortaleza em 1942. É morador do bairro desde 1970.

falta de conforto, a ausência de motivação de lazer para as famílias, tudo isto chegou a ser motivo de revolta. Uma espécie de angústia social tomou conta daquele núcleo habitacional, não obstante os esforços isolados da COHAB, através de pequenos trabalhos de ordem comunitária. Não era, no entanto, esta ação suficiente para oferecer àquela gente a certeza de que existia como comunidade organizada, com oportunidade de entretenimento sadio para as crianças, para a juventude, para aqueles que passam o dia na guerra da sobrevivência. Todas estas carências levaram o Prefeito Evandro Ayres de Moura a reservar para o Conjunto o benefício do Centro Comunitário Governador Aduato Bezerra. Trata-se de uma obra de grande alcance social que inclusive, marcará uma transformação na filosofia comunitária posta em prática em Fortaleza e em todo o Estado.²⁴³

A construção de Centros Sociais fazia parte da política Federal intitulada “Programa Nacional de Centros Sociais Urbanos”. Em parceria com estados e prefeituras, outros centros foram instalados em locais periféricos da cidade de Fortaleza, bem como nas cidades interioranas mais populosas, como Quixadá, Crato e Sobral. O objetivo deste programa, segundo o Governo Federal, seria “melhorar o nível de vida das populações insuficientemente aparelhadas para enfrentar o ritmo desordenado do progresso”.²⁴⁴ A construção de centros sociais em tudo se relaciona com a nova concepção de lazer, segundo Denise Sant’anna:

Foi produzida uma concepção de lazer mais aberta a intervenções médicas, políticas e institucionais diferentes. Técnicos e estudiosos erigiram um conceito de lazer que visava a tornar útil e valioso o lúdico e o descanso a interesses dos mais diversos: à indústria da moda, aos meios de comunicação de massa, à disciplina do trabalho, aos objetivos governamentais, etc. (SANT’ANNA, 1994, p.10)

Desta forma, o tempo livre do homem deveria ser empregado em atividades que viessem somar para a formação social do indivíduo.

Desde a fundação do Conjunto, essa nova concepção de lazer era perceptível nos espaços reservados e construídos para a interação social e prática de esporte, através da ordenação das ruas, até mesmo nos centrinhos criados como espaço de lazer, educação, interação social e que eram coordenados pelo grupo de assistentes sociais da prefeitura.

O Centro Social Urbano era o maior representante dessa filosofia. Tinha o intuito de fazer com que seus usuários produzissem no seu tempo livre, realizando atividades que criassem um ser saudável, qualificado e educado para o mercado de

²⁴³ BDJP. “Centro Comunitário Aduato Bezerra: Povo da Cidade José Walter vai mudar de vida.” *O Povo*. Fortaleza, 15.11.1976, p. 04.

²⁴⁴ BDJP. “Mondubim terá Centro Social ainda este ano”. *O Povo*. Fortaleza, 04.11.1975, p.04.

trabalho. Desta maneira, o lazer deveria ser realizado de forma responsável, objetivando o “desenvolvimento e integração social nos moldes dos planos de governo do a anos 70” (SANT’ANNA, 1994, p. 59). É o que podemos constatar através da matéria de jornal datada de fevereiro de 1977, que apresenta os diversos serviços que seriam ofertados à comunidade:

O centro Comunitário Governador Aduato Bezerra terá as mais diversas atrações, mantendo para isso área para o desenvolvimento dos trabalhos de Serviço Social, área para a Administração de Cursos de Profissionalização, área para o setor de Saúde com oito consultórios, ambulatórios, imunização, laboratório, sala para abreugrafia e farmácia.

A construção do Centro Comunitário de Mondubim permitirá o desenvolvimento organizado de atividades ligadas a Arte e Esporte, daí porque ali serão montados diversos equipamentos que permitirão a formação de verdadeiros atletas e artistas. Uma área será destinada especialmente para atividades culturais que contará com uma moderna Biblioteca com capacidade para 5 mil volumes, discoteca, sala para banda de música, sala para canto coral, sala para aulas de violão e de acordeon.

Na parte de desportos, o Centro Comunitário terá duas quadras de esportes, campo de futebol, duas salas para judô, sala para tênis de mesa, sala para jogos de salão, três piscinas e outros ambientes favoráveis.

Fora essa parte de lazer e educação, realmente o Centro Comunitário Governador Aduato Bezerra oferecerá uma completa orientação de Saúde, fato que virá realmente conscientizar o povo sobre todos os assuntos, aprendendo inclusive a se defender das doenças e das epidemias. Médicos, enfermeiros e laboratoristas comporão a equipe de trabalho que vai devolver aquela comunidade os recursos necessários para bem-viver.²⁴⁵

Essa gama de atividades previstas e a proximidade da inauguração do Centro geravam grande expectativa nos moradores, que já esperavam há cerca de um ano pela conclusão das obras e já imaginavam que mudanças a inauguração do Centro acarretaria em suas vidas:

“Nós não temos brinquedos, não podemos frequentar os clubes da cidade, não temos dinheiro para nos divertir, então, com o Centro Comunitário, teremos o paraíso”, afirmou Celina Matias, de apenas dez anos de idade. Os pais também estão vibrando: “sempre sonhei ter condições para que o meu filho aprendesse a tocar violão e agora o Centro vai ter professor para ele aprender”.²⁴⁶

²⁴⁵ BDJP. “Paz, educação e lazer para o Conjunto do Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza, 05.02.1977, p.18.

²⁴⁶ *Idem*.

Outros aspectos da obra em construção foram ressaltados ao final da matéria:

A obra que se destaca também pela sua beleza demonstra que arquitetos e engenheiros a ela deram uma dedicação especial. Ali a natureza terá a sua preservação, desde a passagem livre do sol, de lua e das estrelas, até o canto dos pássaros e a sombra, a flor e a paisagem das árvores que integrarão um ambiente feito exclusivamente para devolver ao homem a paz.... a tranqüilidade... o entusiasmo por poder desfrutar de uma vida melhor, na sua própria comunidade, ao lado de sua própria casa.²⁴⁷

O discurso demonstra uma preocupação em isentar a obra de implicações ecológicas ou ambientais. Ao contrário, é moderno e, como tal, alia-se ao discurso que pensa o “homem e o mundo natural”.

No dia 12 de maio, ocorreu a inauguração do Centro Social Urbano Adauto Bezerra, que contou inclusive com a presença do presidente do Brasil General Ernesto Geisel. Várias empresas e entidades deram as boas-vindas ao Presidente. A construtora Marquise, responsável pela construção do Centro Social, aproveitou para elogiar a obra construída sob sua responsabilidade.

Para quem não sabe, o Conjunto habitacional Prefeito José Walter possui uma população de trinta mil pessoas, constituindo-se quase uma cidade satélite.

Após ponderar bastante, sobre a necessidade de proporcionar lazer às pessoas que moram naquele centro habitacional, Governador deu prioridade a construção de um centro social considerado a sua maior obra nestes dois anos, em que se encontra a frente o nosso Executivo.

E foi o Centro Social Gov. Adauto Bezerra, digno de figurar entre as realizações sociais do país, motivo pelo qual o Presidente Ernesto Geisel inaugurará pessoalmente, prestigiando o evento com o cunho de sua presença, reconhecendo nela o seu grande valor e os benefícios que certamente trará à comunidade cearense.

A Construtora Marquise garantiu a realização de tão importante obra no prazo recorde de dez meses, se levarmos em conta o conjunto total do trabalho, isto é, a construção de três piscinas, uma semi-olímpica, três quadras de esporte, um campo de futebol, uma sala de judô, uma sala de música, uma biblioteca, um gabinete médico, posto de correio, agências de empregos, sem falar no auditório para trezentos e vinte pessoas.

O projeto foi do arquiteto Rocha Furtado Filho.

²⁴⁷ BDP. “Paz, educação e lazer para o Conjunto do Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza, 05.02.1977, p.18.

José Carlos valente Pontes, José Erivaldo Arrais e João Cirino Rangel, diretores da Construtora marquise encaminharam os trabalhos, culminando com brilhantismo a realização da obra social mais relevante do governo atual.²⁴⁸

No dia seguinte à inauguração, o jornal *Tribuna do Ceará* trazia imagens da solenidade.



Imagem 15: Inauguração do CSU Adauto Bezerra (Fonte: *Tribuna do Ceará*)



Imagem 16: Inauguração do CSU Adauto Bezerra (Fonte: *Tribuna do Ceará*)

²⁴⁸ BPMP. *Tribuna do Ceará*. Fortaleza. Caderno de Anúncios. 12.05.1977.

A ida do Presidente ao Conjunto só é presente na memória dos moradores que estavam engajados no movimento comunitário do bairro. Para os demais moradores, parece não ter significado grande coisa.

O jornal *O Povo*, do dia 13 de maio de 1977, já trazia nota das primeiras atividades a serem desenvolvidas pelos moradores no Centro Social Urbano.

A fundação de Serviço Social iniciará na próxima segunda-feira, uma série de palestras destinadas aos funcionários do Centro Social Urbano de Mondubim, visando a um melhor desempenho dos servidores, em suas diversas atividades. O treinamento conta de aulas sobre relações humanas, métodos de organização do trabalho, produtividade e outros assuntos essenciais às equipes.

Enquanto isso, a Fundação já iniciou levantamento junto aos associados do Centro, para conhecer as preferências em torno dos diversos cursos que serão ministrados no local. Dentre outros, estão previstos cursos de corte e costura, instalador eletricista, bombeiro, datilografia, natação, judô, basquete e culinária. A pesquisa visa a identificar os cursos que deverão ser ministrados em caráter prioritário.

Shows e competições esportivas a cargo de equipes dos Centros Comunitários Presidente Médici, Governador César Cals e Rubens Vaz da Costa, marcarão o início do funcionamento do Centro Social Urbano do Mondubim. O programa, elaborado pela Fundação do Serviço Social, será aberto às 20 horas de hoje, com show de danças folclóricas, apresentação de bandas de música e coral.

Para amanhã e domingo estão previstos, além de shows noturnos, competições esportivas em diversas modalidades, reunindo representantes dos vários Centros. A direção da Fundação do Serviço Social convida toda a comunidade do Mondubim para comparecer as festividades. Grupos folclóricos dos Centros Comunitários Presidente Médici e Rubens Vaz da Costa e o coral e a banda de música de Centro Presidente Médici participarão dos programas.²⁴⁹

Campanhas eram feitas para que mais e mais pessoas se inscrevessem para os cursos ofertados,²⁵⁰ tornando-se, dessa maneira, sócios do Centro Social.

²⁴⁹ BDJP. “Ciclo de Palestras no Centro Social Urbano de Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza. 13.05.1977, p. 22.

²⁵⁰ Dentre os cursos oferecidos no ano de 1977 pela instituição ganharam destaque nos jornais os cursos profissionalizantes “corte e costura, datilografia, auxiliar de enfermagem e mecânica de autos” (BDJP. “Cursos no CSU do Mondubim”. *O Povo*. Fortaleza. 02.08.1977, p.05). Em 1979, o Centro passou a aceitar inscrições de sócios de outros bairros denotando a grande oferta de vagas, bem como o extenso alcance social do novo empreendimento, que em 1980 já contava com 2.922 famílias cadastradas, atendendo num total de 15 mil pessoas. (BDJP. “A cidade e o homem”. *O Povo*. Fortaleza. 16.08.1980, p.05)

Os documentos exigidos eram “carteira de identidade, três fotografias 4x4, título de eleitor e certidões de nascimento dos filhos e dependentes”.²⁵¹

Os primeiros anos do Centro Social foram bastante intensos e a comunidade se beneficiava realmente de todos os serviços ofertados no lugar. Reclamações sobre o funcionamento do lugar não eram comuns, mas nos foi possível encontrar uma com este teor. A matéria relaciona-se com a utilização livre das piscinas pela comunidade, aos domingos, algo que era regulamentado e não estava sendo respeitado.

A Garotada do Conjunto Prefeito José Walter está reclamando que responsáveis pelo Centro Social Urbano Aduato Bezerra não estão liberando a piscina para o banho aos domingos, como se esperava. A reportagem do O POVO esteve ontem naquele Centro Social para registrar as atividades esportivas desenvolvidas aos domingos, quando foi cercada pela garotada que denunciou também a sujeira da água da piscina.

O vigia Edilson Gomes de Melo explicou que não foi liberado o banho de piscina no dia de ontem porque estava faltando cloro. Valmir Nogueira, 13 anos, que mora na rua 28, nº 71, disse que pelo regimento a piscina é franqueada para as pessoas que praticam natação, no entanto quase todos os domingos programados para banho livre eles encontram sempre a desculpa da “falta de cloro” para suspender esse tipo de lazer.

Sérgio Luis Oliveira e Francisco Moreira Pessoa, ambos de 13 anos, fora mais além e disseram que “quando eles querem que as crianças saiam da piscina jogam cloro”. Os meninos enervados pela falta do banho de piscina na manhã de ontem, pedem aos dirigentes do Centro Social que estudem um meio de franquear a piscina aos domingos, pois são poucas as opções de lazer dos moradores do José Walter.²⁵²

A estratégia utilizada pelos meninos chama a atenção. Eles reconhecendo a equipe de reportagem que estavam lá para realizar outra matéria, aproveitaram a oportunidade para denunciar o descaso vivido por eles. Chama a atenção o fato de estarem conscientes que tinham direito ao usufruto do espaço, pois, aos domingos, não existia aulas de natação. O que parece é que esse senso e reconhecimento de direitos e deveres pelos moradores era algo difundido dentro do bairro e que até mesmo crianças e pré-adolescentes os conheciam e faziam questão de seu uso.

²⁵¹ BDJP. “Mondubim recebe inscrição de sócios”. *O Povo*. Fortaleza, 25.05.1977, p.12.

²⁵² BDJP. “Garotada do José Walter quer tomar banho de piscina”. *O Povo*. Fortaleza, 25.08.1980, p. 06.

Hoje, o Conjunto José Walter está junto da cidade que cresceu. O Conjunto não existe mais como um lugar confinado. Daí, O Centro Social Urbano ter perdido um pouco sua função. Os serviços que antes só se localizavam ali podem ser aproveitados em outros locais da cidade e até mesmo no bairro. Poucos são os recursos destinados ao CSU e a maioria das atividades lá ofertadas agora é paga. Os serviços de saúde e de enfermagem se concentram no Hospital Gonzaga Mota e no Posto de Saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Idealizado pelo pensamento desenvolvimentista do período, o Conjunto Habitacional Prefeito José Walter, desde o princípio, destacou-se por ser um equipamento moderno que iria amenizar o problema de déficit habitacional da cidade e movimentar o setor da construção civil. Muitos migrantes que haviam chegado à cidade no século XX e ainda sonhavam com a obtenção da casa, interessaram-se pela promessa de morar num local que possuía boa infraestrutura: água, energia, escolas, transporte e, principalmente, oportunizava a obtenção da casa própria.

Contudo, a prática apresentou-se de outra forma, diferente das propagandas anunciadas. As casas tinham uma infraestrutura precária, o abastecimento de água e o sistema de transporte de moradores eram ruins, as escolas eram insuficientes, não havia supermercado. Num espaço vazio de lembranças, os moradores começaram a efetuar modificações que, ao mesmo tempo que recriavam um lugar de pertencimento, amenizavam as dificuldades vividas no Conjunto.

Dificuldades que eram vividas no Conjunto e em conjunto. A existência dessas provocou a aproximação dos moradores facilitando a troca de experiências e o nascimento do sentimento de solidariedade entre os vizinhos. Essa aproximação facilitou também a associação para que pudessem denunciar os problemas vividos pela comunidade.

Estratégias, como denúncias em jornal e utilização dos equipamentos pensados pela própria Cohab/BNH, foram postas em prática como elementos da luta pela melhoria da infraestrutura do Conjunto.

No que concerne ao lazer, os moradores faziam outros usos dos espaços e entendiam ter direito a esses usos, seja invadindo casas abandonadas para realizarem as tertúlias ou adentrando os Centrinhos para realizá-las. O São João, inicialmente promovido pelo Estado, tornou-se uma das maiores festas do bairro organizada pelos próprios moradores.

Essa associação dos moradores não se perdeu no tempo. O José Walter é hoje resultado dessas experiências dos primeiros anos. As cadeiras à noite ainda permanecem nas calçadas, os moradores ainda destinam um espaço de seus quintais para plantio e a principal atividade de domingo ainda é ir à missa. A

convivência com os que moram próximos é intensa; a relação de solidariedade construída permanece entre os que viveram esses primeiros anos. É verdade que geração após geração essa fatalmente será perdida, bem como a imagem que o José Walter ainda tem de “cidade interiorana”.

Trabalhar com histórias de vida foi uma experiência bastante enriquecedora, que confirmou a importância de o profissional ter sensibilidade e empatia pelos seus narradores, que compartilham com um estranho suas lembranças, pois, mesmo sendo moradora do bairro, tive que exercitar a relação “dentro-fora”²⁵³ e me colocar como diferente, sendo igual, estabelecendo a dialética do ser que estranha e é estranhado.

A cada história contada me sentia mais motivada a dar continuidade ao trabalho, pela importância que eles mesmos, moradores, depositavam em suas narrativas, que deixavam transparecer diversos sentimentos – raiva, tristeza, angústia – mas, sobretudo, a satisfação de fazer parte do José Walter, *lugar* ao qual agora se sentiam pertencentes e que podiam, enfim, dizer que era seu.

²⁵³ Ver: Richard Hoggart (1973).

FONTES ORAIS

- 1) Entrevista com D. **Aurelina Nunes Olímpio** (1929 – 2009) em 03.05.2008. Migrante de Icó, veio para Fortaleza em 1967, mudou-se para o bairro em 1970. Mãe do Sr. Carlos Iberê.
- 2) Entrevista com Sr. **Carlos Alberto Couto Silveira**, conhecido como “**Betinho**”, 73 anos, em 12.04.2010. Migrante do Lameirão - Munlugu, chegou a Fortaleza em 1969, mudando-se para o José Walter em 1970. Morador da segunda etapa, aposentado, casa tipo “B”. Posteriormente comprou uma casa tipo “D”.
- 3) Entrevista com Sr. **Carlos Iberê Nunes Olímpio**, 55 anos, em 02.06.2008. Migrante de Icó, veio para Fortaleza em 1967, é morador do bairro desde 1970. Morador da primeira etapa, aposentado, casa tipo “B”.
- 4) Entrevista com D. **Clarisse de Jesus Dias**, 54 anos, em 10.06.2008. Migrante de São Luís (MA), veio direto para o Conjunto em 1973. Moradora da primeira etapa, manicure, casa tipo “A”.
- 5) Entrevista com D. **Dinah Góes**, 88 anos, em 16.04.2010. Nascida em São José - Caucaia. Mudou-se para Fortaleza em 1954 com marido e dois filhos e para o bairro em 1970. Moradora da terceira etapa, aposentada, casa tipo “D”.
- 6) Entrevista com D. **Francisca Maria de Sousa**, conhecida como “**Cumade Chica**”, 66 anos, em 05.06.2008. Migrante de Senador Pompeu, chegou a Fortaleza em 1953, mudando-se para o bairro em 1971. Moradora da terceira etapa, organizadora de São João, casa tipo B.
- 7) Entrevista com D. **Francisca Soares Pérsico**, 60 anos, em 11.06.08. Nascida em Redenção, veio para Fortaleza em 1973. É moradora do bairro desde 1974. Moradora da primeira etapa, secretária da Paróquia da Santíssima Trindade, casa de tipo C.
- 8) Entrevista com o Sr. **José Edson Medeiros**, 55 anos, em 24.06.2008. Nascido no Sítio São Jorge. Morador do bairro desde sua fundação. Morador da primeira etapa, dono de mercantil, casa de tipo B.
- 9) Entrevista com Sr. **José Ribeiro dos Santos**, conhecido como “**Seu Miguel**”, 81 anos, em 22.07.2008. Nascido em Quixadá, mora numa propriedade em frente ao Conjunto. Administrador das terras da família Montenegro desde a época do Sítio São Jorge.
- 10) Entrevista com D. **Lucimar Gomes de Almeida**, 57 anos, em 05.06.2008. Migrante de Quixeramobim. Chegou a Fortaleza em 1967, mudou-se para o Conjunto em 1971. Moradora da terceira etapa, voluntária da Associação do Micro e Pequeno Empresário do José Walter, casa tipo “A”.
- 11) Entrevista com D. **Margarida Maria Rocha**, 66 anos, em 27.11.2008. Migrante de Milagres, morou no bairro Barra do Ceará, mudou para o Conjunto em 1972. Trabalhou no posto de saúde do Conjunto durante 30 anos. Moradora da terceira etapa, aposentada, casa de tipo B.
- 12) Entrevista com D. **Maria Andrade de Sousa**, 66 anos, em 03.06.08. Migrante de São Gonçalo do Amarante, chegou a Fortaleza em 1960, mudou-se para o bairro em 1970. Dona de casa, moradora da terceira etapa.

- 13) Entrevista com D. **Maria de Fátima Xavier Pires**, 57 anos, em 29.04.2010. Migrante de Camará – Aquiraz, mudou-se diretamente para o José Walter em 1974, com os pais e dois irmãos. Moradora da terceira etapa, professora “de reforço”, casa tipo “B”.
- 14) Entrevista com D. **Maria Ferreira Maciel**, conhecida como “**Dalva**”, 60 anos, em 10.04.2010. Migrante de Jenipapo – Pacajús. Veio para Fortaleza em 1963 e mudou-se para o bairro em 1973. Moradora da segunda etapa, aposentada, casa tipo “A”.
- 15) Entrevista com D. **Maria Hilda Barros**, 80 anos, em 19.06.2008 e em 23.06.2008. Migrante de Itapipoca, mudou-se diretamente para o bairro em 1970. Moradora da primeira etapa, integrante de movimento comunitário, casa tipo “A”.
- 16) Entrevista com D. **Maria Jesoniza Costa Cunha**, 72 anos, em 15.04.2010, migrante de Jaguaribe. Mudou-se para Fortaleza em 1947, acompanhada de seus pais. Foi professora da rede estadual e municipal no bairro. Moradora da terceira etapa, aposentada, casa tipo “D”.
- 17) Entrevista com D. **Maria Lenita de Oliveira**, 49 anos, em 30.05.2008. Nascida em Fortaleza e moradora do bairro desde 1970. Moradora da primeira etapa, dona de casa, casa tipo “B”.
- 18) Entrevista com D. **Marlene Barros Silveira**, 67 anos, em 12.04.2010. Migrante do Lameirão - Munlugu, chegou a Fortaleza em 1969, mudando-se para o José Walter em 1970. Moradora da segunda etapa, dona de casa, casa tipo “B”. Posteriormente comprou uma casa tipo “D”.
- 19) Entrevista com Sr. **Victor Ribeiro Neto**, 86 anos, em 27.06.2008. Migrante de Acopiara, chegou a Fortaleza em 1942 e se mudou para o José Walter em 1970. Morador da segunda etapa, aposentado, casa de tipo C.
- 20) Entrevista com Sr. **Wilkens de Almeida Ferreira da Ponte**, 69 anos, em 07.01.2009. Migrante de Sobral, morador do bairro de 1970 a 1998. Primeiro farmacêutico do Conjunto. Aposentado, morador da primeira etapa numa casa de tipo D (no nome de seu pai) e possuía uma de tipo M.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antônio Augusto *et al.* *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

ARAUJO, Maria Celina D'. Memória da ditadura militar do Brasil: fontes e métodos. *In: GOMES, Ângela de Castro (Coord.). Direitos e cidadania: memória, política e cultura*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p. 115-136.

ARNS, D. Paulo Evaristo (prefácio). *Brasil: Nunca mais*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BALCÃO, Lier Ferreira. A cidade das reclamações: moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913) *In: Cidades*. São Paulo: PUC, 1999. p.225 a 256.

BARREIRA, Irllys. *O reverso das vitrines: conflitos urbanos e cultura política em construção*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1992.

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. *O Projeto de Pesquisa em História*. RJ: Vozes, 2003.

BAVA, Silvio Caccia. A luta nos bairros e a luta sindical. *In: As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente*. Lúcio Kowarick (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.287 a 314.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Elza Maria Franco. *Os labirintos da habitação popular*. Fortaleza: Fund. Demócrito Rocha, 1995.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org.) *As cidades da cidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. (Coleção IEAT)

BRESCIANI, Maria Stella (Org.). *Palavras da cidade*. Porto Alegre. Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Unesp, 2002.

_____. *Testemunha ocular*. Bauru, SP: Edusc, 2004, p.11 a 41.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. *et al.* *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *A cultura no plural*. São Paulo: Papyrus, 1995.

COELHO, Antenor. *Habitação Popular: para refletir e agir*. Edições UVA: Sobral, 2007.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. *Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; PASSOS, Mauro. Catolicismo: direitos sociais e direitos humanos (1960-1970). In: FERREIRA, Jorge; e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 95 a 131.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1984.

_____. A sociedade vista da periferia. In: KOWARICK, Lúcio (Org.). *As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 169 a 206.

ESTRELA, Ely Souza. *Os Sampauleiros: cotidiano e representações*. São Paulo: Humanitas FELCH/USP: FAPESP: Educ, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 7. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.167 a 205.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p.167 a 205.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HANKE, Michael. *A noção de sociabilidade: implicações nos estudos da comunicação*. XI Compós: Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_744.pdf>. Acesso em: 05 de maio de 2010.

HEREDIA, Beatriz M. Alásia de. *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações de divertimentos*. Lisboa: Editorial Presença, 1973 (Coleção Questões), p.15-155.

JUCA, Gisafran Nazareno Mota. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

_____. O preço do progresso: crescimento econômico, pauperização e espoliação urbana. In: *Cidade, Povo e Poder*. 2 ed. CEDEC/Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1985. p.30 a 48.

LEDROUT, Raymond. *Sociologia urbana*. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense, 1971.

LEFEVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. De lo rural a lo urbano. 3. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1975.

_____. *O direito à cidade*. São Paulo: Documentos, 1969.

LONH, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). *In: Revista Brasileira de História*. vol. 27, nº 53, p.297-322. São Paulo, 2007.

LUCENA, Célia Toledo. *Artes de inventar: (re)lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 2. ed. São Paulo: Hucitec/ Unesp, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

MENDRAS, Henri. *Sociedades Camponesas*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1978.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Morfologia das cidades brasileiras. *Revista USP*, p. 144-155. São Paulo, junho/agosto de 1996.

MONTEIRO, Charles. *Imagens sedutoras da modernidade: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950*. *In: Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 53, p. 159-176. São Paulo, 2007.

MULLER, Helena Isabel. História do tempo presente: algumas reflexões. *In: PORTO JR., Gilson (Org.). História do tempo presente*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do Nascimento. *Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970*. *In: Revista Brasileira de História*, vol. 27, nº 53, p.195-214. São Paulo, 2007.

NORA, Pierre *et al.* História e cultura. *Revista Projeto História*, nº 10. São Paulo: EDUC, 1997.

OLIVEIRA, João Lúcio Farias de. *Resistindo, conciliando e vivendo: o cotidiano dos moradores da periferia de Fortaleza*. Fortaleza: Dissertação de mestrado em Sociologia da UFC, 1997.

PARENTE, Francisco Josênio C. O Ceará dos coronéis (1945-1986). *In: SOUZA, Simone de. (Org.). Uma nova história do Ceará*. 3. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)*. São Paulo, SP – Brasil, 1981.

_____. *et al.* Ética e história oral. *Revista Projeto História*, nº 15. São Paulo: EDUC, 1997.

PRINS, Guiyn. História oral. *In: BURKE, Peter Burke (org.). A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p.163 a p.198. (Biblioteca Básica).

QUEIROZ, Isaura Pereira de. *Do rural e do urbano*. *In: A luta pelo espaço: textos de sociologia urbana*. Petrópolis: Vozes, 1979. p.23 a 86.

REIS, José Carlos. *História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

REIS, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois*. REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Pá Sá (Orgs.). Bauru, SP: Edusc, 2004.

RIOS, Kênia Sousa. Sobre água e outras correntezas: memórias da seca no Ceará. In: *Cadernos do CEOM*, nº 17. Chapecó: Argos, 2003. p. 290 a 310.

ROCHE, Daniel. *História das Coisas Banais: Nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RODRIGUES, Hélio Alves. *As territorialidades no âmbito da vida cotidiana do Bairro Prefeito José Walter – Fortaleza, Ceará*. Dissertação de Mestrado em Geografia da UECE – Fortaleza, 2000.

RONACAYOLO, Marcel. Cidade. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1986, p. 396-484.

SALES, Telma Bessa. *Experiências de canudenses na cidade de São Paulo - 1950-2000: Memórias e Experiências*. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

SANTIAGO, Pádua. A cidade como utopia e a favela como espaço estratégico na inserção na cultura urbana (1856-1930). In: *Trajetos – Revista do Programa de Pós-graduação em História Social do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará*, v. 1, n. 2, jun. 2002. Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2002. p.115 a 130

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Cidade das águas: usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822 – 1901)*. São Paulo: Editora SENAC, 2007.

_____. *O prazer justificado: história e lazer (São Paulo, 1969/1979)*. São Paulo: Marco Zero, 1994 (Coleção "Onde está a República?").

_____. O corpo na cidade das águas: São Paulo (1840-1910). *Projeto História*, v. 25, p. 99-114. São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica, tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006 (Coleção Milton Santos, 01).

_____. *Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da Geografia*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

_____. *O espaço do cidadão*. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. (Coleção Milton Santos, 8).

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 09- 72.

SILVA, Ana Amélia da Silva *et al.* Espaço e debates. *Revista de estudos regionais e urbanos*, ano III - nº 9. São Paulo: Cortez, 1983.

SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

SILVA, José Borzacchiolo. *Os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza*. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.

_____; CAVALCANTE, Tércia; DANTAS, Eustógio (Orgs.). *Ceará: um novo olhar geográfico*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

SOUZA, João Carlos de. *Na luta por habitação: a construção de novos valores*. São Paulo: EDUC, 1995 (Série Hipótese).

SOYET, Rachel. O drama da conquista na festa: reflexões sobre resistência indígena e circularidade cultural. *In: Estudos históricos*, vol. 5, nº 9, p. 44-59. Rio de Janeiro, 1992.

TELLES, Vera da Silva. Anos 70: experiências práticas e espaços políticos. *In: KOWARICK, Lúcio (Org.). As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 247 a 286.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

THOMPSON, Edward P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2001.

_____. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 13-24.

_____. *Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VIEIRA, Maria Sulamita de Almeida. *Feira: espaço de liberdade ou de ilusões?* Fortaleza, 1980. Dissertação (Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento) – Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, Universidade Federal do Ceará.

VITAL, Christina *et al.* *Acervo – Revista do Arquivo Nacional – vol. 17, nº 1*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004.

WILLIAMS, Raymond. *Campo e cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tabela com informações retiradas do PNAD – 1972, 1974, p.79
(Fonte IBGE)

Tabela Pesquisa Nacional por amostra de domicílios (PNAD – 1972)							
Total de domicílios pesquisados: 5.628.889							
				Adquiridos:			
Bens duráveis	Número de domicílios	%	Total	Antes de 1970	Em 1970	Em 1971 e 1972	Não declarado
Fogão	3.116.823	55,37	3.148.691	1.412.500	290.008	521.530	924.653
* A Gás ou elétrico	1.405.214	24,97	1.431.731	880.345	191.280	342.293	17.813
* A lenha	1.668.574	29,64	1.673.925	511.800	93.186	163.211	905.728
* À querosene	43.035	0,76	43.035	20.355	5.542	16.026	1.112
Ferro	3.553.925	63,13	3.610.807	2.496.302	410.909	603.610	99.986
* Elétrico	1.090.852	19,37	1.122.876	658.386	163.970	279.755	20.765
* À carvão	2.463.073	43,76	2.487.931	1.837.916	246.939	323.855	79.221
Rádio	2.469.964	43,88	2.564.984	1.313.687	384.777	817.361	49.159
* De mesa	1.553.859	27,60	1.571.753	919.186	213.687	415.945	22.935
* Portátil	916.105	16,27	993.231	394.501	171.090	401.416	26.224
Filtro	842.702	14,97	870.421	498.204	127.391	231.254	13.572
Máquina de Costura	1.829.342	32,50	1.920.776	1.499.547	146.228	237.612	37.389
Geladeira	621.807	11,04	633.676	383.748	87.385	156.828	5.715
Televisão	526.837	9,36	544.229	259.760	93.016	187.833	3.620
Radiovitrola ou eletrola	298.476	5,30	307.982	168.877	45.972	89.125	4.008
Ventilador	180.637	3,21	211.438	98.579	37.398	68.308	7.153
Liquidificador	605.551	10,76	616.794	394.510	77.563	135.016	9.705
Batedeira Elétrica	65.342	1,16	67.718	45.371	8.969	12.119	1.259
Enceradeira	226.428	4,02	229.516	154.353	30.324	41.644	3.195
Aspirador de Pó	23.580	0,42	26.639	14.662	4.851	5.048	2.078
Máquina de Lavar	27.912	0,49	28.061	18.399	3.708	5.486	468
Aparelho de ar condicionado	15.123	0,27	19.675	5.628	3.730	7.403	2.914
Não possui	411.041	7,30	-	-	-	-	-

APÊNDICE B – Fotografias do bairro José Walter hoje.



Imagem 20: Jardim construído na “alameda” da Avenida “A”, pelo senhor Carlos.



Imagem 21: Jardim de D. Lenita, também na “alameda” da Avenida “A”



Imagem 22: Escola Diogo Vital do Siqueira, onde se realizavam os encontros da comunidade nos primeiros anos de existência do Conjunto.



Imagem 23: Caixa d'água da Terceira Etapa do Conjunto em funcionamento.



Imagem 24: Local onde funcionava a bodega que a dona Jersoniza comprava no sistema de caderneta.

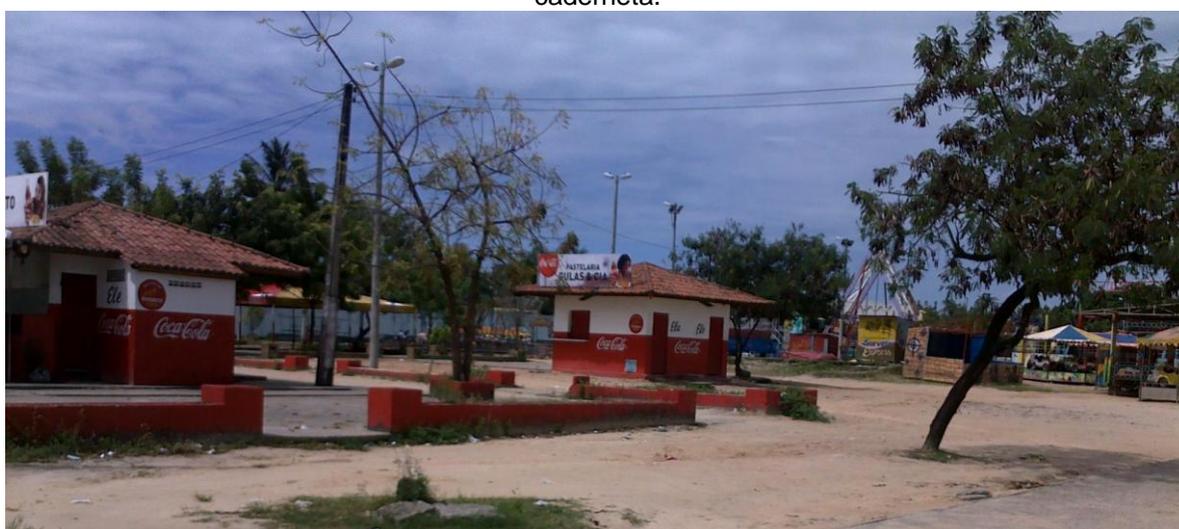


Imagem 25: Pólo de Lazer (onde era realizada a feira do José Walter)



Imagem 26: Mercantil do Sr. Medeiros.



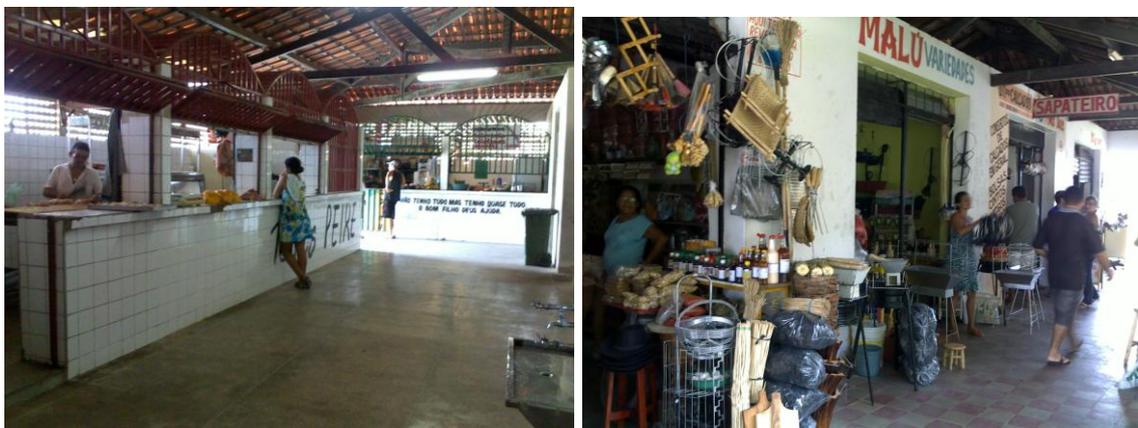
Imagem 27: Casas compradas pelo senhor Medeiros ao lado do Mercantil, pretendendo nova expansão.



Imagem 28: Mercado Público do José Walter



Imagem 29: Mercado Público do José Walter



Imagens 30 e 31: Parte interna do Mercado Público do José Walter



Imagem 32: Antiga farmácia do Sr. Wilkens – foi dividida em dois pontos.



Imagens 33 e 34: Mangueira plantada por Dolores, esposa do Sr. Wilkens.



Imagem 35: EMEIF Rachel de Queiroz (ao lado do Pólo de Lazer)



Imagem 36: EEFM Polivalente Modelo de Fortaleza

ANEXOS

ANEXO A – Planta Reduzida do bairro (Fonte: Cohab-Fortaleza)

PARCELA	TIPO	DE TIPO							
1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
5	5	5	5	5	5	5	5	5	5
6	6	6	6	6	6	6	6	6	6
7	7	7	7	7	7	7	7	7	7
8	8	8	8	8	8	8	8	8	8
9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
10	10	10	10	10	10	10	10	10	10
11	11	11	11	11	11	11	11	11	11
12	12	12	12	12	12	12	12	12	12
13	13	13	13	13	13	13	13	13	13
14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
15	15	15	15	15	15	15	15	15	15
16	16	16	16	16	16	16	16	16	16
17	17	17	17	17	17	17	17	17	17
18	18	18	18	18	18	18	18	18	18
19	19	19	19	19	19	19	19	19	19
20	20	20	20	20	20	20	20	20	20
21	21	21	21	21	21	21	21	21	21
22	22	22	22	22	22	22	22	22	22
23	23	23	23	23	23	23	23	23	23
24	24	24	24	24	24	24	24	24	24
25	25	25	25	25	25	25	25	25	25
26	26	26	26	26	26	26	26	26	26
27	27	27	27	27	27	27	27	27	27
28	28	28	28	28	28	28	28	28	28
29	29	29	29	29	29	29	29	29	29
30	30	30	30	30	30	30	30	30	30
31	31	31	31	31	31	31	31	31	31
32	32	32	32	32	32	32	32	32	32
33	33	33	33	33	33	33	33	33	33
34	34	34	34	34	34	34	34	34	34
35	35	35	35	35	35	35	35	35	35
36	36	36	36	36	36	36	36	36	36
37	37	37	37	37	37	37	37	37	37
38	38	38	38	38	38	38	38	38	38
39	39	39	39	39	39	39	39	39	39
40	40	40	40	40	40	40	40	40	40
41	41	41	41	41	41	41	41	41	41
42	42	42	42	42	42	42	42	42	42
43	43	43	43	43	43	43	43	43	43
44	44	44	44	44	44	44	44	44	44
45	45	45	45	45	45	45	45	45	45
46	46	46	46	46	46	46	46	46	46
47	47	47	47	47	47	47	47	47	47
48	48	48	48	48	48	48	48	48	48
49	49	49	49	49	49	49	49	49	49
50	50	50	50	50	50	50	50	50	50
51	51	51	51	51	51	51	51	51	51
52	52	52	52	52	52	52	52	52	52
53	53	53	53	53	53	53	53	53	53
54	54	54	54	54	54	54	54	54	54
55	55	55	55	55	55	55	55	55	55
56	56	56	56	56	56	56	56	56	56
57	57	57	57	57	57	57	57	57	57
58	58	58	58	58	58	58	58	58	58
59	59	59	59	59	59	59	59	59	59
60	60	60	60	60	60	60	60	60	60
61	61	61	61	61	61	61	61	61	61
62	62	62	62	62	62	62	62	62	62
63	63	63	63	63	63	63	63	63	63
64	64	64	64	64	64	64	64	64	64
65	65	65	65	65	65	65	65	65	65
66	66	66	66	66	66	66	66	66	66
67	67	67	67	67	67	67	67	67	67
68	68	68	68	68	68	68	68	68	68
69	69	69	69	69	69	69	69	69	69
70	70	70	70	70	70	70	70	70	70
71	71	71	71	71	71	71	71	71	71
72	72	72	72	72	72	72	72	72	72
73	73	73	73	73	73	73	73	73	73
74	74	74	74	74	74	74	74	74	74
75	75	75	75	75	75	75	75	75	75
76	76	76	76	76	76	76	76	76	76
77	77	77	77	77	77	77	77	77	77
78	78	78	78	78	78	78	78	78	78
79	79	79	79	79	79	79	79	79	79
80	80	80	80	80	80	80	80	80	80
81	81	81	81	81	81	81	81	81	81
82	82	82	82	82	82	82	82	82	82
83	83	83	83	83	83	83	83	83	83
84	84	84	84	84	84	84	84	84	84
85	85	85	85	85	85	85	85	85	85
86	86	86	86	86	86	86	86	86	86
87	87	87	87	87	87	87	87	87	87
88	88	88	88	88	88	88	88	88	88
89	89	89	89	89	89	89	89	89	89
90	90	90	90	90	90	90	90	90	90
91	91	91	91	91	91	91	91	91	91
92	92	92	92	92	92	92	92	92	92
93	93	93	93	93	93	93	93	93	93
94	94	94	94	94	94	94	94	94	94
95	95	95	95	95	95	95	95	95	95
96	96	96	96	96	96	96	96	96	96
97	97	97	97	97	97	97	97	97	97
98	98	98	98	98	98	98	98	98	98
99	99	99	99	99	99	99	99	99	99
100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

ESTADO DE GUATEMALA
MUNICIPIO DE FORTALEZA

URBANISMO

DESENHO Nº ESCALA DATA DESENHO PROJETO VISTOR

10 1:5000 ABRIL/75 LUZ/ROMERO

